

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

EDUARDO CARLOS DE OLIVEIRA COBRA

JÚLIO RIBEIRO: EDUCAÇÃO E RELIGIÃO NO BRASIL OITOCENTISTA

PIRACICABA, SP

2011

EDUARDO CARLOS DE OLIVEIRA COBRA

JÚLIO RIBEIRO: EDUCAÇÃO E RELIGIÃO NO BRASIL OITOCENTISTA

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, para obtenção parcial do título de Doutor em Educação.

ORIENTADOR: PROF. DR. ELIAS BOAVENTURA

PIRACICABA, SP

2011

EDUARDO CARLOS DE OLIVEIRA COBRA

JÚLIO RIBEIRO: EDUCAÇÃO E RELIGIÃO NO BRASIL OITOCENTISTA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, como parte dos requisitos para obtenção parcial do título de Doutor, defendida por Eduardo Carlos de Oliveira Cobra e aprovada pela Banca Examinadora em 24 de fevereiro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Elias Boaventura - Orientador
Universidade Metodista de Piracicaba

Prof. Dr. Cesar Romero Amaral Vieira
Universidade Metodista de Piracicaba

Prof. Dr. José Maria de Paiva
Universidade Metodista de Piracicaba

Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. José Nemésio Machado

AGRADECIMENTOS

Ao Deus criador e sustentador, amigo inseparável.

À minha esposa Marly e à minha mãe Terezinha, pelo apoio incondicional e pelas orações.

Ao professor Dr. Elias Boaventura, pela orientação e pelo incentivo à pesquisa e, principalmente, por dar-me o crédito da execução deste trabalho. A ele, o meu tributo de gratidão, carinho e apreço.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba a minha mais profunda gratidão pelas aulas ministradas, pela natureza conteudística do ensino e pela motivação propiciada.

Aos colegas de classe, pelo convívio fraterno e enriquecedor durante todo o tempo em que estivemos juntos, partilhando das mesmas disciplinas e dos mesmos ideais acadêmicos, o meu mais profundo anelo de que seus sonhos se tornem realidade.

Por fim, a todos que, por diversos fatores e meios, contribuíram para a concretização desta pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil.

O homem que sabe servir-se da penna, que pode publicar o que escreve, e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a verdade, deixa de cumprir um dever, commette o crime de covardia, é mau cidadão.

Júlio Ribeiro

COBRA, Eduardo Carlos de Oliveira. **Júlio Ribeiro: Educação e Religião no Brasil Oitocentista**. 2011. 177 f. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.

RESUMO

Este trabalho analisou o percurso educacional e religioso de Júlio Ribeiro num complexo momento de transição do Brasil na virada do século XIX para o XX. Ele foi protagonista de diversas ações marcadas pela sua identificação com a modernidade, pelo incentivo à liberdade e pela valorização da expressão individual. A pesquisa abordou o seu contexto formativo tratando de (re)compor os primeiros vinte anos de sua existência, ou seja, sua infância, adolescência e juventude, analisando sua trajetória inicial em Sabará e culminando na Corte no conturbado panorama político causado pela Guerra com o Paraguai. Em sua fase religiosa caminhou pelas trilhas do catolicismo e principalmente o protestantismo presbiteriano, segmento religioso que lhe abriu possibilidades efetivas de construção de uma carreira progressiva, logo depois, desprezada por assumir a condição de ateu. Como professor, atuou no Rio de Janeiro, São Paulo e interior, utilizando-se de métodos pedagógicos inovadores. Como crítico da educação, endureceu a respeito do ensino científico e clássico ministrado no Brasil imperial. Na condição de “intelectual” foi severamente criticado de ser um plagiador filosófico e literário. O método utilizado nesta pesquisa foi o histórico-crítico.

Palavras-chave: Educação. Religião. História. Protestantismo. Presbiterianismo

COBRA, Eduardo Carlos de Oliveira. **Júlio Ribeiro: Education and Religion in the eighteenth century Brazil**. 2011. 177 f. Doctoral Thesis - Postgraduate Program in Education. Methodist University of Piracicaba, Piracicaba, 2011.

ABSTRACT

This study examined the route educational and religious of Julio Ribeiro in a complex time of transition in Brazil at the turn of the nineteenth century to the twentieth century. He has starred in several actions marked by its identification with modernity, encouraging the appreciation of freedom and individual expression. The study addressed the formative context of dealing with (re)compose the first twenty years of its existence, namely childhood, adolescence and youth, analyzing its initial trajectory in Sabara and culminating in the Rio de Janeiro in the troubled political landscape caused by the war with Paraguay. In his religious phase walked the trails of Catholicism and Protestantism mainly Presbyterian, religious segment that opened real possibilities of building a progressive career soon after, neglected by assuming the status of an atheist. As a teacher, he worked in Rio de Janeiro, Sao Paulo and inland using innovative teaching methods. As a critic of education, hardened about science teaching and taught in the classic imperial Brazil. As "intellectual" was severely criticized of being a plagiarist philosophical and literary. The research method was the historical-critical.

Keywords: Education. Religion. History. Protestantism. Presbyterianism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
ABRAFIL	Academia Brasileira de Filologia
BFMPCUSA	Board of Foreign Missions Presbyterian Church
IHGGS	Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Sorocaba
IHGSP	Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPSP	Igreja Presbiteriana de São Paulo
PCUSA	Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (Norte)
PCUS	Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (Sul)
PRP	Partido Republicano Paulista
UPM	Universidade Presbiteriana Mackenzie
UMP	Universidade Metodista de Piracicaba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: DE SABARÁ A CORTE: REMINISCÊNCIAS HISTÓRICAS DE JÚLIO RIBEIRO. DELIMITAÇÃO TEMPORAL (1845-1865)	16
1.1 Amor estúrdio	16
1.2 Dramas e esperanças.....	19
1.3 Filho de republicano, neto de republicano	23
1.4 Aquilo que se gasta nos estudos, jamais se desperdiça	25
1.5 Quebrado dos peitos	38
CAPÍTULO 2: A RELIGIÃO NO CONTEXTO RIBEIRIANO	47
2.1. Protestantismo presbiteriano. Origens	48
2.2. Do Rio de Janeiro ao Vale do Paraíba.....	49
2.3. A cidade proibida.....	51
2.4 Um pastor dedicado	56
2.5 Paulista de velha prosápia.....	58
2.6 Mestre de línguas.....	64
2.7 Mandrágoras da Palestina.....	69
2.8 A glória da queda.....	74
2.9 Always, always I trust in God [Sempre, sempre confio em Deus].....	82
CAPÍTULO 3: O PRIMEIRO REQUISITO DA EDUCAÇÃO MODERNA, COMO BASE DE REORGANIZAÇÃO SOCIAL, É A UNIVERSALIDADE DE CONHECIMENTOS	90
3.1 Elogios de graça.....	90
3.2 A corda	93
3.3 Sem Deus e sem Rei	100
3.4 Sábio a título negativo por não ser bacharel.....	106
3.5 Nunca fui metafísico e muito menos positivista.....	110
3.6 Em paz e as moscas	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	121
ANEXOS	130

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a trajetória educacional e religiosa de Júlio Cesar Ribeiro Vaughan, conhecido no universo social e cultural da sociedade brasileira como Júlio Ribeiro. O tema foi escolhido por duas razões. Primeiramente, no segundo semestre de 2004 e no final da dissertação de mestrado sobre a historiografia do professor, gramático e pastor presbiteriano Eduardo Carlos Pereira, ensejou-me o desejo de elaborar um projeto de pesquisa em nível de doutorado sobre outro personagem significativo da cultura brasileira, Júlio Ribeiro, que semelhantemente a Eduardo foi professor, gramático e protestante presbiteriano. Assim, consolidou-se o interesse maior em conhecer esse personagem significativo de nossa cultura.

Em segundo lugar, contribuiu para a escolha do assunto o fato de que esse ilustre e controvertido personagem de nossa história, apesar de sua importância em outras áreas do conhecimento como a literatura, a lingüística e o jornalismo, ainda não havia sido objeto de uma pesquisa abalizada em relação à sua vida educacional e religiosa

Ainda no ano de 2004, em conversa informal com o professor Antônio Gouvêa Mendonça, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). O incentivo do “Mendonça” [*in memoriam*], na ocasião meu orientador no mestrado, foi determinante no objetivo de prosseguir nos estudos sobre esse controvertido brasileiro.

O Brasil oitocentista passou por uma fase muito séria de estagnação. Suas instituições foram subordinadas a uma monarquia inoperante que não teve estímulos para proporcionar mudanças internas e nem medidas necessárias a levar o país “a galgar posições mais altas dentro do contexto mundial, mudanças essas que definitivamente influenciaram a vida de um povo que clamou por liberdade e desenvolvimento” (SILVA, 1998, p. 9). Um país marcado por um governo ultrapassado, incapaz de controlar suas províncias, e, portanto, descentralizado, afastado, que sobreviveu simplesmente pela passividade de uma parcela de brasileiros e, por que não dizer, por altos funcionários públicos de relativa competência, que eram colocados em posições-chave no governo. A possibilidade de um terceiro governo do Imperador D. Pedro II

assombrou os brasileiros. E foi para esse triste fim que o Brasil caminhou a passos largos.

A cultura brasileira até então foi marcada pelo peso das tradições jesuíticas e posteriormente influenciada pelo pombalismo, reflexo de um iluminismo. Iluminismo este que não se apresentou em foco, todavia, aos brasileiros, restou a esperança da irradiação desse movimento cultural-filosófico. Os movimentos produzidos por liberais, republicanos e maçons se fizeram ouvir pelos quatro cantos da nação. O processo esteve acelerado, as ações irreversíveis e competiu a engajados brasileiros a preparação do país para o progresso e o desenvolvimento.

Foi nesse ensejo que emergiu na sociedade paulista na segunda metade do século XIX a figura do mineiro de Sabará *Júlio César Ribeiro Vaughan*, mais conhecido no universo social e cultural brasileiro como Júlio Ribeiro, nascido em 1845 e falecido em 1890 aos 45 anos de idade na província litorânea de Santos vitimado pela tuberculose.

Ribeiro surgiu no cenário nacional com propostas modernizadoras e liberais. Ele aplicou-se a alcançar seus objetivos que foram também os da maioria do povo brasileiro. Tornou-se profundo observador e ator dos elementos capazes que ajudaram a mudar eficientemente uma cultura. Elementos não encontrados em formulações nacionais, no entanto buscados em intelectuais estrangeiros como os filósofos franceses Augusto Comte, Émile Littré e André Lefrève, o também francês e fundador do movimento literário naturalista Émile Zola, o filósofo e economista inglês Stuart Mill, o filólogo alemão Friedrich Diez, o escritor português Teófilo Braga, o educador norte-americano Horace Mann e outros.

Notadamente foi um homem público de inegáveis atributos intelectuais que se notabilizou principalmente como escritor e filólogo. Um idealista, “intelectual”, autodidata, poliglota, progressista e eclético. Seus anseios foram pelo progresso, pelo desenvolvimento e pela liberdade num complexo momento de transição no Brasil na virada do século XIX para o XX. Esses anseios englobaram a luta pela abolição da escravatura, pela implantação da república, pela separação entre a Igreja e o Estado e pela laicidade da cultura e da educação.

Nesse panorama, acrescentaram-se suas intervenções no novel protestantismo presbiteriano, nas novidades pedagógicas, nas polêmicas personalistas e na ciência em geral. Júlio Ribeiro foi autor de trabalhos na área da literatura com os romances *Padre Belchior de Pontes* e *A Carne*; do ensaio político com suas *Cartas Sertanejas*; da

filologia com os *Traços Geraes de Linguistica* e da *Grammatica Portugueza*, obra que segundo Leonor Lopes Fávero, inaugurou o período científico de nossa gramaticografia.

Dedicou-se à comunicação social escrevendo em alguns jornais de São Paulo e de suas províncias como *A Província de São Paulo*, *Diário Mercantil de São Paulo*, *O Sorocaba*, *Gazeta de Campinas*, *O Paraíba* de Guaratinguetá, *O Paulista* de Taubaté e outros. Sua atuação jornalística chegou à Corte com artigos no *Imprensa Evangélica* e revistas como o *Almanach Literário* de São Paulo, marcada por célebres debates culturais e políticos.

Como empreendedor, fundou pequenas oficinas jornalísticas como o periódico *O Rebate* em São Paulo e colégios de primeiras letras no interior paulista. Dedicou-se à tradução de textos de obras francesas e inglesas para o português, e entre essas se destacaram os livros do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, autor de *Os Assassinatos na Rua Morgue*. Enveredou-se pelos estudos da antropologia com a publicação de um trabalho inconcluso intitulado *Phenicios no Brasil*.

Júlio Ribeiro foi possuidor de uma personalidade forte, rude, ríspida, um homem estigmatizado pela crítica cultural e ignorado por ela em várias ocasiões. Sua imagem pública foi delineada como um “polêmico intransigente”. As principais polêmicas nas quais se envolveu foram:

1. A acusação de desonestidade intelectual nos *Traços Geraes de Linguistica* e na *Grammatica Portugueza*;
2. A acusação de desonestidade intelectual nos pensamentos filosóficos do positivista francês Augusto Comte;
3. A batalha travada com os políticos paulistas Prudente de Moraes e Campos Sales, quando Ribeiro denunciou que a eleição de ambos foi conquistada à custa de acordos oportunistas do Partido Republicano Paulista (PRP) com os monarquistas e escravistas;
4. O debate contundente travado com o padre Senna Freitas que escreveu um artigo intitulado *A Carne*, no qual chamou o seu romance *A Carne* de “carne de bordel” e “pornográfico”. Essa polêmica proporcionou a Júlio Ribeiro a publicação da obra *Uma polêmica célebre*.

Estigmatizado pela crítica literária posterior como um homem desequilibrado e incoerente em termo pessoal, familiar, político, literário e estético, ficou conhecido como um autor maldito e atacado cruelmente como dono de uma “mente enferma”. Sua

principal obra literária, o romance *A Carne*, publicado em 1888, dois anos antes de seu precoce falecimento, o fez ser muito contestado inclusive por seus familiares. Essa obra tornou *best-seller* não tanto pela sua qualidade literária, mas pela curiosidade que alcançou com a repercussão negativa da crítica, o que o fez ser conhecido em todo o país, no entanto foi como filólogo que alcançou fama e que angariou prestígio intelectual.

Fez constantes deslocações por municípios paulistas demonstrando suas grandes dificuldades de estabilização profissional como professor. Tornou-se membro da cadeira de nº 24 da Academia Brasileira de Letras (ABL), escolhido por um de seus fundadores, o jornalista, professor e teatrólogo Garcia Redondo. Tornou-se membro da Academia de Filologia de São Paulo, hoje Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL), do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS) e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP).

Foi o idealizador da bandeira do Estado de São Paulo, inspirada na bandeira norte-americana. O símbolo paulista foi adotado oficialmente pelo governo de São Paulo, anos mais tarde, em 27 de novembro de 1946, através do Decreto-Lei 16.349.

Sua trajetória educacional, pouco conhecida, proporcionou ao autor deste trabalho realizar vários deslocamentos principalmente por bibliotecas e arquivos públicos, citados nas referências, em busca de material devido à escassez de informações. No magistério, lecionou em importantes instituições de ensino em São Paulo como a *Escola Normal*, o *Curso Anexo a Faculdade de Direito* e na incipiente *Escola Americana*. No Rio de Janeiro lecionou no *Instituto Nacional* e em Campinas, nos importantes colégios *Internacional*, *Florence* e *Culto à Ciência*. Em Capivari e Santos empreendeu a sua própria escola, sendo que todos os estabelecimentos citados foram o seu meio de subsistência financeira.

Notório o desconhecimento do público em geral sobre a vida religiosa de Júlio Ribeiro. Pouco se sabe a respeito dessa importante fase de sua existência. Inegavelmente deixou sua contribuição na caminhada inicial da Igreja Presbiteriana no Brasil (IPB) numa forte época de intolerância religiosa. Sua religiosidade, aliás, ficou marcada por sua inconstância: catolicismo e protestantismo foram experimentados na busca do preenchimento do vazio espiritual, todavia, foi no ateísmo que terminou os dias de sua existência.

Sua contribuição ao protestantismo foi inequívoca com artigos publicados na imprensa evangélica em apologia à fé cristã, com sua atividade missionária como

colportor e propagandista cristão nas províncias de São Paulo, como pregador itinerante nas igrejas presbiterianas, como autor de hinos sacros, a maioria deles desconhecidos das igrejas protestantes, como tradutor de obras estrangeiras para o português e como professor nos colégios presbiterianos.

Este trabalho foi um esforço desmedido em (re)compôr o percurso desse controvertido brasileiro ao universo educacional e protestante num momento de forte agitação política e social do Império para a República. O tema se tornou relevante porque Ribeiro foi um personagem complexo da vida cultural brasileira. Em estudo recente, Silveira salientou que defini-lo é uma tarefa arriscada e completou: “podemos resvalar em generalizações que pouco acrescentaria a seu estudo” (SILVEIRA, 2008, p. 20).

O problema da pesquisa atém-se a seguinte questão: Até que ponto a contribuição de Júlio Ribeiro foi determinante à educação e a religião no Brasil oitocentista?

As hipóteses levantadas são as seguintes:

1. Que o seu percurso docente foi definidor da construção de sua imagem como professor moderno e competente.
2. Que sua “obra de fôlego” – a Gramática Portuguesa o consagrou simbolicamente como “intelectual” no campo educacional brasileiro.
3. Que sua trajetória religiosa principalmente no protestantismo foi significativo no desenvolvimento do presbiterianismo paulista.

A justificativa do tema se deu como finalidade precípua de (re)construir sua historiografia fugindo de generalizações e simplificações apressadas, procurando recuperar seu percurso na educação e na religião na segunda metade do século XIX.

As fontes utilizadas neste trabalho foram as primárias e secundárias. As primárias contemplaram essencialmente os noventa e sete manuscritos originais, os quais, em sua maior parte, são de autoria de Ribeiro e endereçados à sua mãe Maria Francisca. Completando essas, foram também consideradas como relevantes as *Cartas Sertanejas*, as obras gramaticais e em menor escala os romances. Nas secundárias, foram consideradas parcialmente duas biografias sobre Júlio Ribeiro, descartando delas alguns textos que se apresentaram romanceados. São elas: *Júlio Ribeiro* de João Dornas Filho e *Julio Ribeiro* de José Aleixo Irmão. O método científico empregado foi o histórico-crítico.

Por meio desse método se pretendeu localizar, avaliar e sintetizar, sistemática e objetivamente, as provas [fontes documentais], para estabelecer os fatos, compreender a dinâmica e obter conclusões referentes aos acontecimentos relacionados a Júlio Ribeiro no período oitocentista segundo o modelo apresentado por Richardson (1985).

A organização metodológica dos capítulos seguiu a seguinte ordem: O primeiro abordou o contexto formativo de Ribeiro tratando de (re)compor os primeiros vinte anos de sua existência, ou seja, sua infância, adolescência e juventude, analisando sua trajetória inicial em Sabará, MG, passando por Baependi, MG, e culminando na Corte, Rio de Janeiro, na efervescência do conturbado panorama político causado pela Guerra com o Paraguai.

O segundo capítulo tratou de analisar a religião cristã, essencialmente a caminhada de Ribeiro feita pelas trilhas do protestantismo, segmento religioso que lhe abriu possibilidades efetivas de construção de uma carreira progressiva na Igreja Presbiteriana do Brasil e que impulsionou, mesmo que indiretamente, sua escalada social.

O último capítulo abordou o seu trabalho na docência particular nas províncias paulistas do Vale do Paraíba e Sorocaba, e posteriormente como docente contratado nos afamados colégios de Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro. Na sequência, foram consideradas suas controvérsias com os políticos republicanos Campos Sales e Prudente de Moraes, sobre a educação científica e clássica [bacharel] no Brasil. O capítulo terminou com a questão que envolveu as acusações de plágios nos pensamentos filosóficos do positivista francês Augusto Comte e nas obras gramaticais.

O anexo deste trabalho considerou algumas produções de Ribeiro como poesias e hinos sacros, em sua maior parte, desconhecidos do público em geral sendo complementado por documentos iconográficos.

O desafio deste trabalho foi analisar os períodos expressivos da historiografia de Júlio Ribeiro com total imparcialidade e honestidade histórica. Também foi uma tentativa de analisar a complexidade não só do indivíduo, mas também do ambiente social, cultural e religioso em que ele atuou.

CAPITULO 1: DE SABARÁ À CORTE - REMINISCÊNCIAS HISTÓRICAS DE JÚLIO RIBEIRO. DELIMITAÇÃO TEMPORAL (1845-1865)

Neste capítulo, o objetivo foi introduzir biograficamente os primeiros vinte anos da existência de Júlio Ribeiro, que compreendem sua infância, adolescência e juventude. Nessa primeira fase, foi realizada uma abordagem histórica com o intuito de mostrar momentos significativos de sua educação formal e aspectos de sua vida pessoal, religiosa e familiar.

Na abordagem, a pesquisa enfatizou com mais propriedade as experiências registradas em correspondências enviadas à sua mãe, no período em que estudou em colégio religioso e na escola militar. Aqui foi estabelecida uma cronologia, não rígida, para facilitar o entendimento dos períodos analisados.

1.1 Amor estúrdio

O percurso de vida de Júlio Ribeiro iniciou-se em Sabará, MG. O município, que outrora foi considerado um dos mais importantes das Minas Gerais no século XIX, foi cenário do seu nascimento, batismo, estudos elementares e primeiro emprego. Elevada à categoria de município em 1838, a cidade de estilo barroco de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará firmou-se como uma importante cidade do século XVIII e XIX, como lugar de prestígio político, social, econômico, cultural e religioso.

Alguns dos fatores que contribuíram para essa importância se referem ao fato de ter sido sede da Comarca do Rio das Velhas, núcleo econômico da região, rota para acessar a Bahia, e ter em seu entorno produção agrícola de abastecimento regional. O alto prestígio econômico do município se baseou principalmente na extração e produção do ouro. Sabará se constituiu, na época imperial, num dos principais núcleos de mineração que mais encaminhou o metal precioso à Coroa portuguesa, motivo pelo qual, de forma intensa, instalou-se na cidade a Casa da Intendência ou casa da Fundação

para a cobrança do quinto.¹ A cidade foi tão expressiva para a Coroa portuguesa que o monarca D. Pedro I a visitava frequentemente. O decreto imperial de 24 de fevereiro de 1823 lhe concedeu o título de a *Fidelíssima*, por sua pontual contribuição financeira aos cofres do governo.

Sabará destacou-se dos outros municípios pela sua vida cultural, pois as irmandades, o teatro e as festas foram significativos ao povo sabarense. Motivo de grande importância foram suas atividades artísticas na arquitetura barroca de suas casas e casarões e nas esculturas confeccionadas em pedra-sabão pelo mestre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, que ali viveu, sendo considerado o maior expoente da arte colonial barroca do Brasil.

Essa comarca ocupou, no século XIX, vasta extensão geográfica do território das Minas Gerais, constituindo um polo populacional dos mais expressivos. Nesse contexto, inseriu-se também uma parcela significativa de escravos, que constituiu a força de mão-de-obra de sua economia.

Na década de quarenta do oitocentista, chegou ao município aquele que foi o progenitor de Júlio Ribeiro, o estrangeiro estadunidense George Washington Vaughan, o qual, segundo um dos principais biógrafos de Ribeiro, João Dornas Filho, foi “um boêmio e artista de circo de cavalinhos” (DORNAS FILHO, 1945, p. 9).

George Washington Vaughan nasceu na cidade de Richmond, no Estado da Virgínia, em 1819. Sobre sua vida, familiares, parentes, amigos e principalmente sobre seu trabalho artístico pouco se soube, em razão de escassez de informações. Segundo o que afirmou Vieira, em sua pesquisa realizada no Ministério da Justiça e Negócios Interiores no Rio de Janeiro, George chegou oficialmente ao Brasil em 1841 (VIEIRA, 1980, p. 151). Ao que tudo indica, chegou sozinho em terras brasileiras. De perfil aventureiro, o saltimbanco percorreu o interior do país com seu circo mambembe, chegando a se estabelecer em Sabará numa época de grande agitação daquela cidade mineira. No município, então considerado o mais próspero da região, ele vislumbrou a possibilidade de bons lucros financeiros.

O historiador José Aleixo Irmão, relevante biógrafo de Ribeiro, informando sobre as características físicas de George, descreveu-o como sendo um homem “de

¹ O quinto foi um imposto cobrado pela Coroa portuguesa sobre o ouro encontrado em suas colônias. Corresponhia a 20% do metal extraído sendo registrado em “Certificados de Recolhimento” pelas casas de fundição. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, vol. XXVII, 1959, p.184.

corpo atlético e olhos azuis, beirava os 26 anos” quando passou por Sabará (ALEIXO IRMÃO, [s.d.], p. 12).

Na ocasião de sua rápida passagem pela localidade, deu-se o encontro dele com uma moradora do local, a mineira de Tamandaré, Maria Francisca da Anunciação Ribeiro, o que logo fez com que o relacionamento de ambos se transformasse num compromisso mais sério e definitivo.

Maria Francisca foi membro de uma família pobre da cidade, professora de primeiras letras², aprimorada na culinária mineira: “[...] uma prenda de moça: educada, religiosa, muito apontada em amanho de casa” (*Ibidem*, p.13). Não foram encontrados documentos de familiares ou parentes dela, exceto uma carta pessoal, datada de 25 de agosto de 1877, de sua irmã Joaquina Maria da Conceição Ribeiro, moradora de uma pequena cidade também mineira de nome São Bento do Tamanduá, hoje Itapeverica, que lhe escreveu falando sobre familiares e parentes já falecidos.

Correspondências analisadas mostraram que no ano de 1861, Maria Francisca já tinha seus pais falecidos. É o que se depreendeu da carta de Júlio Ribeiro à Maria Francisca, datada de 16 de março de 1861 na qual asseverou: “Lembre-se que sou seu filho não se esqueça de mandar buscar pela alma dos meus avôs”.

O seu círculo familiar pareceu ter sido restrito. Silveira (2008) salientou que a professora mineira e seus familiares não integravam o “*status quo*” imperial e não provinham de famílias proeminentes. Essa condição social, que chegou aos limites da pobreza, segundo ela mesma, permaneceu por todo o tempo de sua existência.

Na antiga Sabará do século XIX, não era convencional uma mulher de família conhecida na cidade se relacionar amorosamente com um estrangeiro desconhecido. Os costumes dos moradores do local constituíam-se em casar seus filhos com parentes ou filhos de compadres. Esse romance entre George e Maria Francisca veio trazer perplexidade à vida social da cidade.

Fato inédito, o namoro inusitado aos hábitos sabarenses passou a ser o assunto principal entre os pacatos moradores da localidade:

² O termo professor de primeiras letras não é mais utilizado nos dias de hoje. Essa designação antiga é o mesmo que professor do ensino básico fundamental atualmente. Em 15 de outubro de 1827 foi promulgada a Lei Geral sobre o Ensino Elementar no Brasil criando o ensino mútuo obrigatório, ou seja, escolas de primeiras letras em cidades, vilas e arraiais. Os alunos e alunas aprendiam a ler, a escrever e calcular. Eram ensinadas disciplinas como: Matemática (quatro operações e noções de geometria); Gramática Portuguesa, História do Brasil, Doutrina Cristã Católica e Geografia. Essa data ficou conhecida como a data comemorativa ao Dia do Professor. Cf. Schueler, A.F.M. Crianças e Escolas na Passagem do Império para a República – Revista Brasileira de História. USP. vol. 19, nº 37, 1999, p. 37.

A princípio comentava-se o fato a boca pequena. Depois ninguém fazia segredo, e o tema transbordou-se e tomou conta de todas as conversas de rua e de roda, às portas da igreja, na farmácia e nos serões entremeados de chá e broa mineira de grossa carapaça. Os velhos, [...] apegados à tradição de apenas casarem as filhas com parentes ou com rapagões filhos dos compadres; os velhos mineiros, aquecendo-se à réstia do sol, à porta de suas vivendas solarengas, em ouvindo a triste história desse amor estúrdio, a cabeça meneavam, e passando nos lábios, para amaciar, a palha do cigarro que faziam, comentavam, pesarosos, não haver caso semelhante em memória daquele povo (ALEIXO IRMÃO, [s.d], p. 13).

Ao que se percebeu, a perplexidade pelo namoro não se circunscreveu somente à família de Maria Francisca, alargava-se abrangendo as demais famílias de Sabará. Essa história de amor tão contrariada e comentada, por fugir aos padrões familiares do Brasil do século XIX, obrigou George e Maria Francisca, mesmo sabendo da oposição social, a oficializar a união conjugal que se ratificou em 1844.

1.2 Dramas e esperanças

O sabarense Júlio Ribeiro nasceu em 16 de abril de 1845. Anos depois, ele asseverou o acontecimento em um manuscrito redigido em inglês, no verso de um folheto mostrando Jesus Cristo sendo elevado aos céus: “J.C.Vaughan. Born in Sabará /16 April 1845/ 10 o’clock in the morning raining. Filho legítimo de George Washington Vaughan”.

A cerimônia batismal se deu um mês após o seu nascimento na igreja matriz de sua cidade natal em 22 de maio de 1845. No mesmo manuscrito em que registrou o seu nascimento, ele ratificou em português o sacramento do batismo: “Fui batizado na matriz de Sabará, no dia do corpo de Deos do anno de 1845, sendo padrinhos Antonio Avellino da Silva, e Mariana Antonia da Silva”. Naquele ato religioso, recebeu o nome de “*Julio Cesar Vaughan*”.

Durante os anos de sua infância e pré-adolescência, Ribeiro conviveu com as constantes ausências do pai e com a situação difícil e aflitiva da mãe. Ao que pareceu, George se descuidou em demasia da sua presença, atenção e manutenção do lar, ficando esposa e filho à mercê das eventualidades da vida.

Muitas provações e dificuldades de natureza financeira e emocional, sobretudo a desilusão e o desapontamento consolidado pela constante ausência do esposo, fizeram

com que Maria Francisca assumisse definitivamente o controle e o sustento do lar. Para sua sobrevivência e de seu filho, ela empreendeu uma escola de ensino fundamental [primeiras letras] para meninas em sua residência, simultaneamente com a culinária de “doces, quitandas e arranjos de mesas para batizados e casamentos” (ALEIXO IRMÃO, [s.d], p. 16). A atividade docente da professora provinciana foi uma constante em grande parte de sua vida. Nos lugares em que morou, ela empreendeu o ensino particular do qual retirou a maior parte do sustento familiar.

Sentindo a necessidade de complementar o apertado orçamento doméstico, Maria Francisca conseguiu o primeiro emprego para Júlio Ribeiro numa casa comercial em Sabará na função de caixeiro [vendedor interno], o qual permaneceu por pouco tempo (DORNAS FILHO, 1945, p. 9).

A educação do futuro filólogo ficou a cargo de sua genitora, que, além de prover o lar, também foi responsável pelo desenvolvimento do filho. A presença materna foi, portanto, efetiva na sua educação e, ao mesmo tempo, crucial para o seu encaminhamento futuro, pois assim confirmou uma das raras cartas analisadas de George endereçada à esposa, datada do Rio de Janeiro em 20 de janeiro de 1856.

Eis a íntegra do manuscrito:

Eu vou trabalhando neste lugar onde pretendo ganhar alguma couza, por ser um lugar grande e muito freqüentado, eu há dois mezes a esta parte que não tenho ganho nem hum vintém por causa das grandes enxentes e grandes chuvas em petrópolis um dos Bellos lugares do Brazil ficou quasi arrazado com uma destas enxentes, o caminho da estrella para este onde estou está intranzitavel por causa da enxente dos Brejos. Eu tinha oitenta mil reis justos para lhe mandar mais por causa do tempo as despezas foram muitas e não tive remédio senão lançar mão deste dinheiro, agora espero neste lugar ver se ganho alguma cousa para lhe mandar, e quanto me valle a minha companhia ser pequena componse de sr. Luiz Ipollito e um menino, eu sahindo deste lugar pretendo hir para Vassouras e de la para Vallença, arozal e Barra Mança caminho para caza. Eu estimo que Vmce. passe melhor de seus incômodos. Eu desejara saber notícias desta villa eu ouvi dizer que tinha morrido muita gente, graças a Deos Anna foi felis, pois V.mce. sabe q. hoje custa muito para comprar uma negra eu quiz batizar o menino, filho de Anna, em nome de Julio para ser seu page, escreva-me para o mesmo lugar aonde eu ricibi a outra com data de 6 de Dezembro. Mande-me dizer se tem tido algum divertimento depois de sua chegada, agora eu tenho um gabinete todo novo, em todos os lugares aonde eu trabalho o povo fica muito satisfeito. Deste a minha Benção em meu filho diga a elle que siga com vontade em seus estudos. Seus ouros estão commigo bem guardado. Vmce. espere quando eu escrever outra vez acabando o divertimento neste lugar para ver se lhe mando uma ordem para receber 1º algum dinheiro ainda que não seja muito, no mais muitas lembranças a todos e Deus lhe conserve feliz saúde. Sou seu marido. George W. Vaughan.

A margem escreveu: “Diga a Julio que me escreva que eu quero ver a lettra delle. Vmce. Pode mandar procurar no correio a marmota de 1º de janeiro de

1856, dei sua assinatura por 6 meses. S. Paulo Brito me prometeu os jornais e figurino deste dia.

Nessa carta, George se mostrou preocupado com os incômodos [doença] da esposa, relatou suas dificuldades no trabalho por causa das fortes chuvas e se mostrou atento com a educação de Ribeiro. Provavelmente essa carta foi comentada ao filho de onze anos de idade em 1856, porém não foram encontradas informações se ele respondeu ao pai.

Silveira (2008) ratificou que tendo em vista suas parcas condições financeiras e a colaboração incerta do pai na educação do filho, a professora viu no estudo uma forma de ascender social e economicamente. Essa visão foi posteriormente absorvida pelo filho.

Proporcionar educação escolar e incentivar o filho a adquirir cultura foi o grande desafio de Maria Francisca, que vislumbrou nisso um meio de assegurar um futuro econômico estável. Assim, ela dedicou-se tenazmente à educação de Ribeiro que se afigurou como a certeza de uma “velhice sossegada”.

No ano de 1860, e na plenitude da adolescência dos quinze anos de vida, Ribeiro completou os estudos elementares com sua mãe em sua própria residência em Sabará. O caminho a ser percorrido após essa fase inicial seria cursar o nível intermediário conhecido como estudos preparatórios.³ Matriculá-lo numa instituição escolar que pudesse oferecer a ele de maneira direta, e a ela de maneira indireta, um futuro melhor e mais seguro foi um ideal a ser alcançado.

No Brasil imperial, ter filho matriculado em escola particular foi, com certeza, um privilégio reservado somente às classes sociais mais abastadas financeiramente, ou seja, principalmente das elites burguesas do país que também enviavam seus filhos para concluírem seus estudos na Europa. Evidentemente não foi o caso de Ribeiro que, por ser pobre e não ter como pagar os custos de sua formação escolar, não se encaixou no estrato da sociedade influente do Império.

Em Sabará, na década de sessenta do século XIX, um estudioso estrangeiro observador da sociedade imperial assegurou que:

³ Os estudos preparatórios preparavam os jovens para o ingresso no ensino superior. Normalmente essa clientela de jovens privilegiados, pertencentes às classes sociais mais elevadas do Império, distribuía-se entre as carreiras clássicas dos cursos de Medicina e Direito.

Durante minha estada em Sabará, vi os principais moradores da vila; achei-os de uma polidez perfeita, modos distintos, boa aparência; mas parecem-me menos afetuosos que os de Tijuco. Não é raro encontrar-se em Sabará homens que receberam instrução e que sabem o latim.

[...] O professor de Sabará era um homem bem educado, formado pela Universidade de Coimbra. Além do seu curso de latim, lecionava filosofia racional e moral, no que era pago pelos alunos, ele teve a bondade de ler para mim sua aula inicial (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 76).

O nível do docente observado por Saint-Hilaire reproduziu a imagem do ensino particular oferecido em Sabará naquela época, em que a qualidade da educação desfrutou de certo prestígio, e também por ser um município que influenciou perante as demais cidades e vilas do *Círculo Literário* do qual era sede.

Diante desse panorama educacional, não foi difícil para Maria Francisca saber que em sua própria cidade existia uma instituição escolar que atenderia o seu objetivo. Essa escola foi o *Colégio Emulação Sabarense*, criado em julho de 1853 pelo médico e político mineiro Anastácio Sinfrônio de Abreu. Esse colégio particular foi o único existente na cidade no período analisado, sendo que posteriormente iriam se estabelecer no município, em mesmo nível de importância, o *Externato* de Sabará, em 1867, e a *Escola Normal*, em 1882.

Um ano após sua inauguração, em 1854, o colégio *Emulação* registrou um número de oitenta e seis alunos matriculados. As cadeiras [disciplinas] oferecidas foram: latim, primeiras letras, francês, aritmética, desenho, inglês, filosofia retórica, geografia, história e música. A importância dessa instituição escolar foi significativa porque ela veio contribuir com o início da implantação do ensino secundário na cidade. Importante destacar que Júlio Ribeiro não estudou no *Emulação* porque, almejando algo ainda melhor em termos de educação formal a seu filho, Maria Francisca vislumbrou a possibilidade de matriculá-lo num internato religioso fora dos limites geográficos de Sabará.

Os internatos religiosos da Igreja Católica se constituíram em preferência das elites brasileiras. Foucault (1993, p. 122) apontou que “[...] o internato aparece como o regime de educação, se não o mais freqüente, pelo menos o mais perfeito”.

Notou-se que, mesmo sem pertencer à elite mineira, ela ansiou encaminhar seu filho a um colégio particular confessional porque, além de receber uma educação de qualidade, ele poderia, talvez, iniciar uma carreira eclesiástica, o que lhe asseguraria prestígio social e estabilidade financeira. Sua escolha se fez pelo *Colégio Baependiano*,

um internato católico para meninos, fundado em 1853 e localizado no pequeno município de Baependi, na região sul das Minas Gerais.

1.3 Filho de republicano, neto de republicano

O colégio religioso de Baependi ofereceu aos alunos o ensino secundário, ou seja, o preparatório para o curso superior. O curso esteve estruturado em cinco anos. No currículo, constaram as seguintes disciplinas: “latinidade, poética, geografia, história, francês, filosofia racional, filosofia moral, retórica, matemática elementar e catecismo” (DORNAS FILHO, 1945, p. 27). A responsabilidade administrativa do colégio, bem como o pastorado da pequena localidade mineira, esteve a cargo do cônego Luis Pereira Gonçalves de Araújo, que em 1863 recebeu o título posterior de benemerência de monsenhor da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil.

Sendo um empreendimento confessional, particular, tornou-se imprescindível a cobrança de anuidades de sua clientela. Sem condições financeiras de arcar com o alto investimento de trezentos mil réis anuais, Maria Francisca escreveu ao administrador da instituição escolar propondo-lhe que aceitasse seu filho com uma anuidade de cem mil réis, aduzindo uma série de argumentos.

O gestor Araújo, sensibilizado com a situação que foi exposta, escreveu-lhe em 3 de fevereiro de 1860 respondendo-lhe favoravelmente e concordando com as razões e com a proposta apresentada:

(...) attendendo porem às qualidades que ornão a pessoa de V. Excia., com que sympathisei desde que tive a fortuna de ve-la, e também attendendo as valiosas razões, que allega em sua estimada carta, aceito o sr. seo filho com a pensão de cem mil réis; em obséquo principalmente a pessoa de V.Excia (Carta de 3 de fevereiro de 1860 *apud* ALEIXO IRMÃO, [s.d.], p. 18-19).

Importante destacar que no conteúdo da carta de Araújo, ficou nítida a boa impressão que Maria Francisca causou no religioso. Essa boa impressão favoreceu relações sociais importantes durante um período de sua vida. Essa relação será analisada na passagem de Ribeiro pela Escola Militar do Exército no Rio de Janeiro.

Durante seu período escolar no *Baependiano*, sua mãe continuou os contatos através de correspondências com o administrador da instituição. Em julho de 1860, a

matrícula do filho foi efetivada e naquele mesmo ano Araújo lhe escreveu informando-a sobre os progressos de seu filho.

Com conhecimentos rudimentares de latim, francês, geografia e gramática portuguesa, Júlio Ribeiro iniciou seu período escolar. Concomitantemente, sua mãe deixou a cidade de Sabará e mudou-se para a vila de Pouso Alto, próximo a Baependi, para acompanhar de perto o desenvolvimento do filho (ALEIXO IRMÃO, [s.d], p. 21).

Fator importante que favoreceu a escolha por Pouso Alto foi a relação geográfica de proximidade com a Corte, e principalmente com São Paulo, através das províncias do Vale do Paraíba. A rica e próspera região valeparaibana, reduto dos “barões do café”, concentrou uma população em crescente aumento e possibilitou boas oportunidades de trabalho. Vislumbrando essas possibilidades, Maria Francisca fez a escolha que lhe pareceu ser a mais promissora.

A vila de Pouso Alto se situava na microrregião sulina das Minas Gerais, próxima à estância climática de São Lourenço. Foi elevada à condição de município pela Lei Provincial 2461 de 18 de outubro de 1878. Essa localidade mineira foi a segunda residência da família Ribeiro das várias que eles tiveram durante o percurso de suas vidas.

Sobre esse tempo de permanência em Pouso Alto, Ribeiro lembrou, mais tarde em seu romance histórico *Padre Belchior de Pontes*, seus dias passados no lugar:

Salve, região selvática, em que correu veloz a minha infância! Salve, montanhas agrestes, que muito galguei com a fronte rorejada de suor e o coração cheio de crenças! Salve, florestas virgens confidentes de meus primeiros afetos! Salve, cascatas ruidosas, que me desalterastes tanta vez os lábios pulverulentos da jornada! Salve, linfa do riacho, vencida por mim a braço, domada por mim a remo! Salve, céu puríssimo, alentador, de minhas esperanças de menino! Salve, ecos que repetistes as primeiras queixas, salve, terra que bebeste as minhas primeiras lágrimas! Daqui destas plagas de indústria e trabalho, onde o vapor tem trono e a eletricidade um altar, gasto pelo atrito do mundo, sem ter mais no peito uma fibra que posa ressoar em doce acorde – eu ainda te envio uma saudação: Salve, Pouso Alto, Salve! (RIBEIRO, [s.d.], p. 151).

Essa descrição poética foi fruto das boas recordações da cidade onde passou cinco anos de sua juventude. No percurso analisado por seus principais biógrafos, Dornas Filho e Aleixo Irmão, foram encontradas pouquíssimas referências sobre a passagem do futuro filólogo pelo município. Nas correspondências analisadas no período, foi encontrada apenas uma informação sobre essa fase de sua existência.

Nos tempos do colégio interno, Júlio Ribeiro rompeu completamente os laços que ainda o ligavam ao pai omitindo o sobrenome “Vaughan”, como foi possível observar nas cartas que enviou para Maria Francisca durante o período escolar. Nos dizeres do poeta Manuel Bandeira em seu discurso na ABL em 16 de abril de 1945, por ocasião do *Centenário de Júlio Ribeiro*, o mesmo assegurou: “Do pai só herdará a inquietação andeja e o orgulho de se dizer mais tarde: filho de republicano, neto de republicano, tendo o nome de família inscrito no livro de ouro dos fundadores da grande república norte-americana” (BANDEIRA, 1958, p. 986).

Durante o período escolar, o relacionamento familiar se caracterizou pelo início de uma forte dependência, uma estima mútua entre Ribeiro e sua mãe, que se evidenciou principalmente por intermédio de correspondências.

1.4 Aquilo que se gasta nos estudos jamais se desperdiça

As cartas analisadas nesse período escolar [1860-1864] são, em sua maioria, de Ribeiro escritas do colégio em Baependi e endereçadas à sua mãe Maria Francisca em Pouso Alto. Duas missivas de autoria de Araújo e endereçadas à Maria Francisca são exceções. Essas duas correspondências estão intercaladas no contexto ribeiriano de 1863 e 1864. No intuito de favorecer a visualização e a análise desses documentos, foi estabelecida uma ordem sequencial de ano, dia e mês.

Ano de 1860

As correspondências iniciadas nesse período evidenciaram uma relação profunda entre eles, denotando uma dependência incondicional, um sentimento de afeto e carinho anotados assim por Aleixo Irmão: “minha querida mãe, minha muito amada mãe, meo muito Amado filho” (*apud* ALEIXO IRMÃO, [s.d], p. 28, 43, 46).

Em 14 de março, o primeiro-anista do *Baependiano* assim se expressou: “Minha querida mãe fazem 4 meses q. eu não lhe vejo, as saudades são mtas”.

Em 17 de março, agradeceu pelo envio de alimentos e aproveitou para mandar lembranças às alunas de sua mãe: “[...] Recebi suas cartas e a folha de papel de musica. Recebi uma caixa com nozes, 3 laranjas, 1 manga, 3 articum e araçá... lembranças as

suas meninas [alunas], Ritinha, Chiquinha Maccil, Mariquinha, Maria Araujo e mais todas”.

Em 18 de maio, escreveu informando de seus progressos nos estudos creditando seu êxito a Deus. Comunicou também afirmando que era o primeiro aluno na disciplina de francês e que na de latim era um dos bons.

Em 30 de setembro, aduzindo palavras de ânimo e esperança, escreveu tentando consolá-la dos problemas que ela estava enfrentando. Aproveitou a ocasião para lembrá-la que ela tinha um filho e um frango para cuidar:

Minha querida mai do coração. Pelo amor de Deos tenha animo, lembre-se que tem 1 filho. Olha a Xica Rama principiou lavando roupa. E Vmce não esta essas misérias. Minha mai não fique magra a toa que não há motivo, lembre-se que eu algum dia se Deos quiser hei de pagar isto tudo. Não se entregue a desgraça assim que Deos he grande... Ha cabelleira não recebi porem não preciso della mais. So falta um mês para me ver livre do Sanches, e la lhe contarei tudo. Va cuidando em arranjar animaes de carga e sela para eu ir... vai esse frango, tenha muito cuidado com elle não o mate olhe que eu o estimo muito, de meia pataca a Floriano para elle beber pelo trabalho delle levar.

Notou-se nessa carta a preocupação e o desejo de um dia, poder saldar o investimento proporcionado por ela.

Em 11 de novembro, sua carta tornou-se cômica. Passando por grandes dificuldades financeiras, ele pediu à sua mãe que vendesse o cachorrinho da família a fim de lhe enviar sete mil réis para compra de sapatos.

Em 17 de novembro, foi expedido pelo estabelecimento escolar o atestado⁴ de aprovação de Ribeiro na disciplina de Francês:

Collegio Baependyano – Cônego Luis Pereira Gonçalves de Araújo
Os abaixo assignados attestam que o Sr. Julio Cesar Ribeiro filho do Ilmo^a. Sr^a. D. Maria Francisca Ribeiro tendo soffrido exame, em Francês foi approvado plenamente com louvor; e para fazer constar a seus Paes, ou a quem convier, se lhe passou o presente.

Esse atestado trouxe registrado o título de cônego do pároco Araújo. Três anos depois [1863], os atestados expedidos vieram com a titulação de monsenhor doutor Luis Pereira Gonçalves de Araújo.

⁴ O atestado era concedido parcialmente aos alunos por disciplinas concluídas geralmente entregue no mês de novembro.

Ano de 1861

Cursando o segundo ano do *Baependiano*, em 25 de abril, Júlio Ribeiro escreveu à sua mãe pedindo sua interferência junto ao Pires para a devolução de sua bengala: “Recebi sua presada carta a qual me acusa ter o Tororó roubado a bengala pelo que, muito sentido fiquei... Minha mai fale com o Pires para mandar o Tororó para dar a bengala pois muito sinto perde-la”.

Em 18 de maio, e progredindo cada vez mais nos estudos, escreveu contando sobre os seus êxitos e agradecendo a Deus e a virgem Maria pelo desempenho alcançado e também noticiando: “[...] vou bem no collegio... Graças a Deos estou traduzindo ingles”.

Em 4 de julho, agradeceu pelo objeto recebido, o que segundo ele, é de boa qualidade e aproveitou para mandar lembranças às alunas de sua mãe: ”Recebi tudo o que me mandou e muito obrigado fiquei principalmente pela bacia que é muito boa... lembrança as meninas”.

Em 20 de julho, comunicou: “Eu estou estudando latim, inglês e geographia rethorica e se Deos quiser me ajudar as acabarei este anno”.

Boa parte das correspondências de Ribeiro analisadas durante o ano de 1861 comprova o aluno creditando o seu bom desempenho escolar à fé depositada na santa católica Maria e em Deus.

Em 12 de agosto, estranhou-se o fato de um pedido incomum: solicitou o envio de cigarros: “[...] mande tambem os cigarros que estou esperando”.

Em 18 de novembro, escreveu informando à mãe que ela tinha as seguintes “dívidas” a saldar:

Minha querida mai.

Como num prazer, e dando mil graças a Deos lhe anuncio que estão próximas as férias, e que continue a rezar para eu me sahir bem nos exames. A anuncio-lhe também que Vmce deve ao Conego as 10.000 que eu já lhe falei, pois o dinhº que lhe pedi tem sido para livros novos. Vmce também deve a lavanderia, vinte e cinco mil e quinhentos reis: pois faça a conta de 17 de fevereiro a 30 de novembro são 9 e meia a 3,000 vem a ser 29,500 – porem diminuindo um mês que eu estive pela semana santa e que não mandei roupa a lavar ficão sendo vinte e cinco mil e quinhentos que quero que Vmce. mande mandar a condução, mande dentro da carta do conego para elle fazer o pagamento. Note bem vá arranjanjo animaes, e veja se pode mandar o Joaquim, camarada do

Custodio de Araujo com a condução no dia 30 de novembro sem falta. Não mandejunto com a de ninguém de lá para eu não sofrer desaforo, e não se esqueça de mandar um frango ensopado para eu comer no caminho, olhe que as matérias que eu pretendo acabar são Latim, inglês, geographia rethorica. Deite sua benção a esse filho obediente.

Muitas despesas foram contraídas no período escolar como um todo. Muitas dessas na compra de livros, no entanto o ônus do pagamento ficou sob a responsabilidade de sua genitora que o sustentou financeiramente até o final dos estudos.

Ano de 1862

Em 21 de março, o terceiro-anista escreveu relatando suas crises existenciais. Relatou que se não fosse por ela, sua única família, já tinha se suicidado: “Vmce me diz que não lhe fale em morrer, porém, eu lhe digo que a única coisa que me obriga a viver é Vmce e se não fosse Vmce já me tinha suicidado”.

Em 24 de julho, ele solicitou o envio de mais cigarros:

Minha mai, como Vmce tem a menina do Diniz em sua casa não lhe fica custoso mandar-me 3000 de cigarros, isto é, nem dão 15 maços... Os cigarros do Diniz é que são bons. Visto isso mande-me sem falta pelo próprio Veiga ou Mendonça ou pelo primeiro portador seguro. Eu espero os cigarros sem falta. Deite-me sua benção.

Pelo que se pode deduzir do teor da carta, os cigarros eram para consumo próprio. Nas demais correspondências analisadas, não foram encontrados mais pedidos específicos como esse.

Em 12 de setembro, ele relatou, mais uma vez e de forma enfática, os seus progressos nos estudos, principalmente nas disciplinas de latim e filosofia, destacando com orgulho suas qualidades:

Olhe, que muitos outros estudam em cinco anos e não sabem o que eu sei, Deus louvado. A filosofia se estuda em dois anos e eu pretendo acabá-la este ano, por consequência faço o meu curso em um só. No ano seguinte, se Deus quiser, concluo o meu curso preparatório, tendo gasto nele quatro anos, enquanto que muitos gastam oito, e nada sabem.

Essa carta mostrou o aluno creditando, mais uma vez, suas aptidões a Deus. A maior parte de suas correspondências analisadas nesse período mostrou esse reconhecimento divino.

Em 17 de setembro, escreveu demonstrando carinho e aludindo às suas “loucuras”:

Eu quero lá ir para Pouso Alto, não só porque preciso muito lhe falar, como também por ter demasiadas saudades de Vm.cê; seria eu um ingrato e um indigno se não tivesse saudades de uma mãe tão carinhosa, que sempre me recebeu com um sorriso nos lábios e o amor no coração, apesar das minhas loucuras ⁵.

Em 15 de outubro, um surto de “bexigas” [varíola] irrompeu tanto em Pouso Alto como em Baependi, levando-o a escrever o seguinte:

Com summo pesar soube que o Pouso Alto esta sendo devastado pelas bexigas, porem como aqui também... temo so por Vmce e pelas suas meninas e escrava, quanto a mim não as temo porque julgo o mesmo como morrer ou viver, muito sinto os seus encommodos.

Notou-se que a família Ribeiro era proprietária de uma escrava. Durante os anos que se seguiram, eles foram proprietários de outros escravos.

Em 18 de outubro, aconteceu um fato curioso, e não esclarecido, que ele informou assim:

Minha mai escreve uma carta ao mestre Chico [professor] em agradecimento de ter elle me salvado a vida em uma circunstância que não lhe posso contar”... Me recommende a elle, dizendo que sou sem pae, e lhe peça que me sirva de pae. Diga que Vm.cê soube que ele me salvou, porque eu lhe contei, mas que não lhe quis contar como foi que se passou o fato: escreva sem falta nenhuma.

Os motivos desse acontecimento não foram encontrados nessa carta e nem nas outras analisadas. Do conteúdo dessa missiva, chamou a atenção o curioso pedido para “ter um pai”. Ele aludiu claramente à sua carência, concomitante à sua insegurança, aos seus receios, aos seus medos e, sobretudo, à falta de uma referência paternal, orientadora e protetora.

Anos depois, em contato com os missionários presbiterianos em Taubaté, província de São Paulo, ele se referiu a um deles também como seu “pai espiritual”.

Em novembro de 1862, Júlio Ribeiro recebeu seu atestado de aprovação na disciplina de Filosofia: “[...] Julio Cesar Ribeiro alumno do COLLEGIO DE

⁵ Essas loucuras às quais ele aludiu poderiam ser dívidas contraídas no colégio para a compra de livros ou traquinagem estudantil.

BAEPENDY, sendo examinado em Philosophia foi aprovado plenamente com louvor...”

Nessa fase estudantil, prevaleceu o afloramento de sua personalidade forte, seu temperamento instável, explosivo, suas falácias, suas mazelas, e confessando à mãe chegou a dizer: “Faço o que posso para domar o meu gênio” (*apud* ALEIXO IRMÃO, [s.d.], p. 21). Esse seu “gênio” marcou profundamente seu percurso de vida.

Ano de 1863

Em 24 de fevereiro, no penúltimo ano de estudos, o aluno Júlio Ribeiro escreveu informando que estava exercendo a docência [colaborador]: “Eu estou lecionando os rendimentos de latim a alguns estudantes...” O exercício do magistério entre seus colegas de curso se deu com o principal objetivo de atenuar suas dívidas financeiras junto à instituição.

Essa incumbência, aliás, deveu-se a confiança da direção do colégio no estudante, como também a inegável capacidade intelectual do aluno para a realização do trabalho.

Anos depois, por meio de concurso público, ele foi aprovado como professor de Latim no Curso Anexo da Faculdade de Direito de São Paulo, cargo que exerceu por pouco tempo.

Em 17 de março, o gestor Araújo, escreveu a Maria Francisca informando-a sobre os progressos do filho: “[...] aproveito o ensejo para comunicar-lhe que o Sr. Julio tem feito progressos nas suas especialidades”.

Em 14 de maio, Ribeiro externou a saudade que sentia de sua mãe: “Quando me escrever seja mais extensa, pois Vmce não sabe o gosto que tenho quando leio suas cartas: desejava que ellas fossem de cadernos de papel para eu ter que ler um mês inteiro”.

Em 9 de junho, observou-se na relação familiar um jovem cheio de ternura, de cuidados com o bem-estar e a saúde da mãe e, paradoxalmente, um filho orgulhoso, ríspido e exigente:

Eu espero sem falta nenhuma o animal para eu passar o São João com vmce.; quero o animal aqui no dia 22 para eu ter tempo de divertir-me e gosar da sua companhia... Va vendo se apronta os 18.000 que nos devemos de livros, pois que elle tirou dinheiro do bolço delle para os comprar; assim devemos pagar logo.

Esses sentimentos de orgulho e exigência, bem como sua rispidez, trouxeram-lhe muitas contrariedades, muitos transtornos no percurso de sua vida.

Na caminhada escolar, consolidou-se por ser um estudante acima da média, o que lhe proporcionou prestígio pessoal. Em carta datada de 1 de julho, asseverou:

Vou bem de saúde e de estudos; nos estudos já quase conclui a primeira parte das mathematicas e vou entrar para a segunda; já estou traduzindo italiano, estou também acabando história antiga. Va se preparando para dar grande soma de dinheiro para livros... Eu lhe menti quando disse que era muito dinheiro, para não ficar na dúvida eu lhe digo quaes são os livros: livro do anno passado que não foram pagos, como Vmce hade se lembrar 8.000

Livros deste anno – Historia

1 Levi 3.200

1 Baccauvelat 6.000

1 Vascien 3.200

1 Justiniano 6.000

Mathematicas

1 Ottoni 6.000

Somma 32.400

Dei por conta 6.000

Dei mais 5.000 Assim pois, abatendo 11.000 de 32.400 devemos 22.400.

Notou-se nessa carta que além de seus progressos nos estudos mostrou também sua total dependência da mãe para arcar com as dívidas contraídas, principalmente para compra de livros. Percebeu-se também, nessa matemática, um erro na conta de subtração. Segundo ele: $11.000 - 32.400 = 22.400$. A matemática correta ratifica que $32.400 - 11.000 = 21.400$.

Em 16 de julho, ele idealizou o futuro ao lado de Maria Francisca. Assim escreveu:

[...] se Deos quiser bem posso daqui a um anno tirar uma cadeira de latim e Frances e Vmce ensinar as meninas, e assim vivermos uma vida de anjos, pois saiba Vmce que minha única ambição é de nos dois vivermos juntos, eu lhe sustentando e pagando o que Vmce tem feito por mim.

O sonho de Júlio Ribeiro, de viver ao lado de sua mãe uma “vida de anjos”, não se confirmou totalmente. A caminhada de ambos foi marcada por muitos desencontros e sofrimentos. Esse assunto será tratado com mais propriedade no segundo capítulo.

Em 27 de agosto, noticiou mais uma de suas enfermidades: “[...] não contando que estive 1 semana mto encomodado com as cataporas, porém agora estou perfeitamente bom. Graças a Deos e a virgem”.

Em 30 de novembro, recebeu o atestado de aprovação na disciplina de matemática elementar:

Collegio Baependyano do Monsenhor Doutor Luis Pereira Gonçalves de Araújo... O Sr. Julio Cesar Ribeiro do Collegio de Baependy, sendo examinado em Mathematicas Elementares foi aprovado plenamente com louvor... a quem, se lhe deu o presente atestado. Collegio de Baependy.

Esse documento expedido pela instituição educacional substituiu o antigo título de cônego para o novo título concedido ao administrador do colégio, o agora monsenhor doutor Araújo.

Ano de 1864

Em 14 de fevereiro, último ano de internato no colégio católico, o formando Júlio Ribeiro, então um adolescente de quinze anos de idade, escreveu sobre sua dúvida existencial, confessando expressou: "[...] minha querida mãe. Continue sempre a resar por mim, pois eu nada ainda sei a meo respeito".

O poeta Manuel Bandeira se referiu a uma carta datada de 18 de abril de 1864, do administrador do colégio, monsenhor Araújo, endereçada à Maria Francisca, informando-a sobre o desempenho do filho. Disse ele: "O Sr. Julio continua a gozar saúde e vai regendo bem as cadeiras, que estão a seu cargo" (Carta de 18 de abril de 1864 *apud* BANDEIRA, 1958, p. 988).

Em 21 de abril, queixando-se de dor de dentes, escreveu pedindo dinheiro para o devido tratamento, deixando notório nessa carta sua primeira intenção de dedicar-se às letras:

Eu estou com os dentes todos furados, e com 4 tocos que me atormentam com dores insuportáveis, e como Vmce sabe que as dores de dentes só se comparão as de parto quero me ver livre dellas. Eu quero me entregar as lettras, e quem se entrega a ellas tem de fallar em publico: sem dentes não se falla e eu se não chumbar fico sem elles; depois terei de por uma dentadura postiça por quinhentos mil réis, que, alem de ser um objecto de tamanho preço, nunca egualla os naturaes. Vou pois enquanto é tempo mandar chumbar os meos dentes, e arrancar cinco em quanto é tempo... não preciso fazer roupa agora e o dinheiro que com ella se havia de gastar gasto com a bocca; pois eu não quero andar com ella fedendo, cheia de dores e sem poder comer, os dentes se esperassem para apodrecer eu não fazia esta gasto agora, mas elles não esperão. Eu em breve, se Deos quizer ganharei dinheiro para nos vivermos em paz.

A decisão de se entregar às letras foi decisiva no percurso de sua vida. Anos depois, através das letras, Júlio Ribeiro exerceria o jornalismo, escreveria uma gramática portuguesa e escreveria romances.

Em 12 de maio, escreveu pedindo o envio de banha e de roupas:

Minha querida mãe do coração.

(...) muito sinto que Vmce estivesse doente, mas que fazer se Deos assim o quer e determina. Eu recebi as calças que não servem de modo nenhum, contudo eu as guardarei cá. Os chinellos são muito feios e ruins. Manda-me um bocado de banha que não tenho nenhuma... Eu preciso de outras calças, eu não tenho senão tres pares de calças e por isso não posso mandar nenhuma para tirar-se medida. Mande faze-las muito largas.

Em 1 de junho, solicitou mais dinheiro aduzindo o seguinte:

A sua preciosissima saúde e muitas felicidades é o que com fervor desejo. Eu já lhe pedi 5000 (as quais recebi) para comprar um livro de summa necessidade. Tenho agora a dizer-lhe que eu conheço perfeitamente as nossas circunstâncias e sei não podemos gastar. Mas há ocasiões em que não podemos de modo nenhum, esquivar-nos a certas despesas, por exemplo agora: Eu sou mestre do Collegio, e como tal devo ter alguma consideração com a minha pessoa... espero pois que sem se zangar comigo, e sem repreender-me me mandara 2000 pelo primeiro portador.

Essa carta mostrou o futuro filólogo preocupado com sua imagem de “mestre”. Tempos depois, essa imagem seria ignorada por ele, isso pode ser depreendido de seu encontro em São Paulo com Ramalho Ortigão, escritor português, autor de *As Farpas* [1871]. Apresentando Júlio Ribeiro a Ortigão, o poeta Teófilo Dias assim expressou: “Ao mestre do português em Portugal, o mestre do português no Brasil”, ao que Ribeiro respondeu: “Nenhum dos dois é mestre” (*apud* SILVEIRA, 2008, p. 150).

Na missiva, sem data, escrita do colégio interno em 1864, ele narrou um acontecimento trágico ocorrido com um dos alunos chamado Joaquim Carneiro, natural de Cristina, MG. Disse ele:

Aqui havia um estudante ímpio que insultava os santos jogava crucifixo no meio do chão, falava barbaridades etc. Vindo então aquellas laranjas que Vmce me mandou, elle comeu na hora de estudar, o mestre por causa disso fez elle ficar de joelhos, chegando de noite fugio para casa delle e lá deu um tiro de espingarda embaixo do queixo que sahio no alto da cabeça arrancando-lhe os miolos, dente, nariz, morreu sem dizer Jesus.

O suicídio do aluno mostrou o quanto as normas disciplinares e os castigos físicos eram rígidos entre os discentes. A morte de Joaquim foi um caso excepcional, no

entanto, as conseqüências desastrosas e anti-pedagógicas dessas normas proibitivas, foram constantes em instituições de ensino no Brasil oitocentista.

Em 26 de junho, no final do semestre, e pensando na carreira profissional a ser seguida, escreveu comunicando o seguinte:

Minha querida mai. Graças a Deos cheguei, filismente, so com muitas saudades de Vmce e das meninas e tudo lá. O tal feio Jorge veio me envergonhando pelo caminho pois todos que o encontravão, disparavão a rir... minha mai mande-me sem falta 1 ou 2 folhas chatas com assucar pois muito gosto e também mande laranjas e batatas. Seu filho. Patri Julio Cesar Ribeiro.

Essa correspondência curiosa ficou marcada pelo fato de o aluno assinar o nome como sendo um padre.

Em 12 de setembro, uma decisão importante: “Todas as noites rezo por Vmce. N.B. Eu estou com quase todos os estudos de padre prontos e por isso para o ano de 1865 se Deos quiser vou para o Caraça”.⁶

Júlio Ribeiro fez sua opção de trabalho e o futuro eclesiástico pareceu-lhe definido. A escolha pelo sacerdócio católico foi sua primeira investida. Em relação à carreira religiosa, ela não se afigurou como uma das mais representativas da sociedade imperial brasileira, ela constituiu elo importante para inclusão nos escalões inferiores e intermediários da burocracia imperial, podendo levar “os pobres e inteligentes até o topo da carreira”.⁷

Os estudos teológicos no seminário mineiro não só iriam proporcionar-lhe a oportunidade de ascensão social, mas principalmente iriam lhe garantir o direito ao diploma de bacharel, título acadêmico jamais conquistado que trouxe muitos dissabores e polêmicas durante sua vida. Meses depois de ter tomado importante resolução sobre o seu futuro eclesiástico, surpreendeu sua mãe escrevendo-lhe: “não sei ainda o que resolvo quanto ao meu futuro” (*apud* ALEIXO IRMÃO, [s.d.], p. 34).

A indecisão de seguir ou não a carreira sacerdotal foi um drama a ser enfrentado. Esse drama foi o primeiro de outros que enfrentou durante sua vida. Não se soube o

⁶ O *Colégio do Caraça*, instituição católica fundada no ano da independência do Brasil (1822), teve como objetivo o oferecimento de curso secundário e teológico. Esse colégio educou personalidades importantes da história brasileira como políticos [presidentes, ministros, senadores, deputados]; funcionários públicos, militares e outros. Em consulta ao Acervo Histórico do Caraça não foi encontrado o nome de Júlio Ribeiro ou suas variantes, confirmando assim o fato de que ele não estudou naquela instituição.

⁷ Sobre essa atividade, consultar: Carvalho, 1996, p.155-177.

porquê de sua desistência em não ir para o conceituado seminário mineiro. As razões ainda são desconhecidas, no entanto o desejo de tornar-se sacerdote ainda não havia esmorecido totalmente. Sua nova investida, então, recaiu sobre o *Seminário Episcopal de Mariana*, nas cercanias de Ouro Preto, em Minas Gerais.

Informando sobre sua nova decisão, escreveu carta à sua mãe em 4 de outubro, na qual assim se expressou:

A sua preciosa saúde e muitas felicidades é o que com fervor desejo. Faça esta para pedir-lhe que me mande 5.000 de que eu muito preciso; vmce. sabe que aquilo que se gasta nos estudos jamais se desperdiça. Eu, pelo que vejo, se Deos me ajudar, pretendo ir para Mariana, e então que vida sosegada teremos. Deite a benção neste seo fo. Obde. E ante. Do coração. Julio César Ribeiro.

O Seminário de Mariana, fundado em 1850, constituiu um marco como educandário para a juventude elitizada das Minas Gerais. Esse seminário, à semelhança do seminário do Caraça, ofereceu o ensino religioso com vistas à formação de clérigos, tão quanto o ensino secular de nível intermediário aos interessados nas demais carreiras profissionais.

Tornar-se pároco representou para Júlio Ribeiro um caminho mais rápido de assegurar um meio de sustento e, portanto, uma relativa estabilidade. Essa conclusão tornou-se plausível pelo conteúdo da carta datada de 29 de novembro, na qual afirmou: “[...] pretendo ir para Mariana [Seminário] e então que vida sossegada teremos”.

Antes, porém, de se dirigir para o seminário de Mariana, ele viveu o seu último momento no *Baependiano*, momento esse pessoal e significativo, que lhe proporcionou a oportunidade de pronunciar o discurso de formatura do colégio em dezembro de 1860. Tempos depois, quando comentou o discurso da juventude, ele se referiu a este como sendo fruto de um aluno inexperiente, que mostrou a vacilação infantil do estilo e a repetição de ideias. O historiador Aleixo Irmão, em sua obra *Julio Ribeiro*, registrou o discurso reproduzido aqui na íntegra:

Longo tempo havia que os grilhões do captivo e do despotismo pezavam sobre o infortunado Brazil; longo tempo havia que seus filhos, já habituados ao jugo da escravidão, soffriam sem se queixar: o anjo do infortúnio pairava sobre esta rica e infeliz terra, amedrontrando-a com o estridor de suas pardacentas azas; já o sangue do martyr da liberdade, derramado pelo cutello do algoz, havia manchado seu seio; Portugal juntara o ephiteto de assassino à immensa lista de suas torpezas e maldades; contudo, um véo toldava os olhos de seus filhos... não ousavam proclamar a liberdade!

Raiou, porém, finalmente, a aurora de 7 de setembro: o grito da liberdade soou nas margens do Ypiranga, e ressoou por todo o Brasil; o véo que toldava os olhos de seus filhos acabava de romper-se; o general Madeira foi expulso, e o

estandarte bicolor hasteado; o inimigo acabava de cair...reinava, enfim, a liberdade. Era o Brazil livre e entregava-se á regosijos, não cuidando em livrar-se de outro jugo ainda mais pesado... o jugo da ignorância!... O Brasil, paraíso da América, terra aurífera por excellencia, a mãe da imaginação, receptáculo da poesia, não obstante apontar já nos seus fastos os gloriosos nomes de Antonio Carlos, José Bonifácio, Vasconcellos muitos outros, estava envolto nas espessas dobras do manto da ignorância; muitos gênios se manifestavam, porem morriam obscuros por falta de instrucção; muitos ricos pensamentos apareciam revestidos de uma linguagem sonora e brilhante, porem incorrecta: fundaram-se academias, abriram-se collegios, propagaram-se as escolas; e o Brazil já cita com ufania Mont'Alverne, Marinho, Paraná, Magalhães, Capanema, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e innumerous outros: já o Brazil tem um nome entre as nações scientificas: porém, comtudo, ainda não chegou ao esplendor a que deve chegar, ainda lhe resta muito a caminhar, ainda há muitas difficuldades a vencer: concorramos, pois, com o que pudermos, ó meus collegas, para derribar ao menos uma pedra desse edificio gigantesco, que serve de guarida á pesada ignorância. Vós, ó jovens esperançosos, que, como filhos deste torrão abençoado, tendes tão viva a imaginação e penetrante a intelligencia, envidai vossos esforços para fazer florescer a litteratura nacional e para adquirirdes um nome ao mundo litterario. Sabeis vós o que é um nome litterario? É o condão que faz com que o homem atravesse immune o volver dos séculos, vencendo a morte e desdenhando as revoluções do globo e a destruição das cidades; é o que habita o homem a proferir o Nom omnis moriar de Horácio, é enfim os louros que tornam o homem immortal: Te doctarum hederoe proemia frontium dis miscent superis. E qual será o meio de alcançarmos tudo isso? O estudo. Estudemos, pois: resolvamos as intrincadas questões philosophicas; demos, por meio da lógica, precisão aos nossos raciocínios; conheçamos, pela psychologia, a nossa natureza; aprendamos na moral a dirigir as nossas faculdades; passemos depois as áridas mathematicas; applicuemos-lhes nossa razão já fortalecida pela philosophia; estudemos em seguida a historia, analysemos-lhe as questões, façamos ahi dominar o espirito philosophico; entreguemo-nos depois a rethorica, aprendamos a arte de persuadir; e, em ultimo logar, tomemos conhecimento das línguas tanto antigas como modernas, pois são ellas os vasos onde estão depositados os mais preciosos thesouros da sciencia; tenhamos sempre em vista esta divisa: “ A sciencia é conquista da intelligencia; e nos a conquistaremos”. Estudemos, sejamos incansáveis, e a recompensa grandiosa. Collegas meus, fallamos até o presente da cultura e dos frutos, porem, não fallamos dos cultures; seriamos ingratos se isto olvidássemos; digamos, pois, algumas palavras a seu respeito. O revm. monsenhor dr. Luiz Pereira Gonsalves de Araújo, voltando de uma longa viagem à Europa, e sem fito algum no lucro, fundou um collegio, ou mais antes uma casa de caridade, donde, como verdadeiro ministro do Evangelho, estende a mão compadecida a todos os desvalidos, que imploram a sua proteção; seus empregados, compenetrados dos mesmos sentimentos, se portam antes como paes do que como superiores. Rendamos lhes, pois, as homenagens de que são credores demo-nos mutuamente os parabéns por vivermos debaixo de tal direção (*apud* ALEIXO IRMÃO, [s.d.], p. 208-210).

A importância desse discurso se deu pelo fato de ter sido ele o primeiro texto escrito do futuro jornalista que, posteriormente, foi publicado na imprensa paulista pelo jornal *Gazzeta Commercial* de Campinas em 15 de abril de 1875.

O período de cinco anos de estudos cursados numa instituição católica proporcionou-lhe uma sólida educação formal que o ajudou no seu percurso de vida.

Fatores positivos e negativos na caminhada escolar são acontecimentos inequívocos. Para Júlio Ribeiro, destacou-se como positivo o interesse real pelos estudos, o desempenho acima da média e o pré-magistério [colaborador]. Outro fator positivo que complementou sua caminhada foram os livros. Neles ocupou quase todo o seu tempo por considerar a instrução uma inversão de capitais: “aquilo que se gasta nos estudos jamais se desperdiça” (*Ibidem*, p. 33). Já os fatores negativos foram as dívidas contraídas pela compra de livros, os atrasos na anuidade, as doenças passageiras, as dívidas sobre a carreira profissional e as crises existenciais

A rotina no internato foi marcada pela vida disciplinada, solitária, exigente e, por vezes, constrangedora. Bandeira em sua obra *Poesia e Prosa* asseverou a vergonha do aluno pelas suas cinco camisas rasgadas e relatou que muitas vezes ele chorou por falta de roupa de missa: “Sou obrigado a ir com roupas velhas e curtas, no meio dos meus colegas tão bem vestidos” (*apud* BANDEIRA, 1958, p. 988).

No seminário de Mariana, segundo o que registrou Vieira, ele chegou a matricular-se desistindo do curso sem concluí-lo: “O que não é geralmente conhecido é que também frequentou o Seminário Episcopal de Mariana, em Minas Gerais, que também abandonou antes de terminar” (BMFPCUSA, vol. 4, carta nº 77 *apud* VIEIRA, 1980, p. 151).⁸

Tornou-se uma incógnita o motivo real que o levou a desistir definitivamente do seminário e da carreira eclesiástica. Seria a falta da vocação sacerdotal? Talvez, de concreto mesmo foi sua nova decisão de ir para o Rio de Janeiro e dar continuidade aos estudos seculares num estabelecimento particular chamado *Colégio Marinho*.⁹

Concomitantemente, Maria Francisca providenciou sua mudança de Pouso Alto, indo morar em casa de pessoas conhecidas no próspero e rico município de Areias, no Vale do Paraíba, próximo ao Rio de Janeiro.

⁸ Em pesquisa realizada na Arquidiocese de Mariana, responsável pelo acervo histórico do antigo Seminário Episcopal, não foi encontrado no livro de matrículas dos alunos antigos o nome de Júlio Ribeiro ou suas variantes, confirmando assim o fato de que ele não estudou naquela instituição.

⁹ Essa escola se localizou na esquina da Rua dos Inválidos com a Rua Riachuelo, importante endereço de barões e viscondes da Corte imperial do Brasil. Francisco Targine, o visconde de São Lourenço, conselheiro de D. João VI, foi o segundo proprietário do imóvel que após a sua morte foi adquirido pelos sócios do *Colégio Marinho* que se estabeleceram no local. O prédio foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional [IPHAM] em 1938.

A província de Areias se destacou como um importante centro produtor de café na região valeparaibana. Foi a primeira cidade paulista em que o produto foi cultivado, ficando conhecida como o “berço do café”.

O escritor taubateano Monteiro Lobato, ex-morador da cidade, em sua obra *Cidades Mortas*, descreveu com propriedade a situação do município e de outras cidades depois que o café entrou em declínio na região:

A quem em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas outrora, hoje mortas, ou em via disso, tolhidas de insanável caquexia, uma verdade, que é um desconsolo, ressurre de tantas ruínas: nosso progresso é nômade e sujeito a paralisias súbitas. Radica-se mal. Conjugado a um grupo de fatores sempre os mesmos, refluí com eles duma região para outra. Não emite peão. Progresso de cigano, vive acampado. Emigra, deixando atrás de si um rastilho de taperas. [...] Umás tantas cidades moribundas arrastam um viver decrépito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de dantes. Pelas ruas ermas, onde o transeunte é raro, não matracoleja sequer uma carroça; de há muito, em matéria de rodas, se voltou aos rodízios desse rechinante símbolo do viver colonial – o carro de boi.

Erguem-se por ali soberbos casarões apalaçados, de dois ou três andares, sólidos como fortalezas, tudo pedra, cal e cabiúna, casarões que lembram ossaturas de megatérios donde as carnes, o sangue, a vida para sempre refugiram. [...] Pelos salões vazios, cujos frisos dourados se recobrem da pátina dos anos e cujo estuque, lagarteado de fendas, esboroa à força de goteiras, paira o bafio da morte. [...] São os palácios mortos da cidade morta (LOBATO, 2008, p. 21-22).

As cidades mortas a qual se referiu Lobato, além de Areias, foram às cidades que outrora fizeram a riqueza da região, entre essas se destacaram: Bananal, Formoso, São José do Barreiro, Silveiras e Queluz.

Atualmente essas cidades localizadas no chamado “Vale Histórico”, próximos a divisa com o Rio de Janeiro, são municípios onde a agricultura, pecuária e o turismo formam a fonte de subsistência do lugar.

Maria Francisca já havia deixado de residir em Areias quando Lobato a descreveu como uma cidade morta. O tempo de permanência dela na província valeparaibana foi de aproximadamente um ano [1865-1866].

1.5 Quebrado dos peitos

Escrevendo à Maria Francisca e explicando sobre sua decisão de estudar no Colégio Marinho no Rio de Janeiro, asseverou Júlio Ribeiro: “Deos a guarde. Eu cheguei aqui na Corte e no dia seguinte fui matriculado grátis como alluno externo do Collegio Marinho, pois arranjei isso com um amigo que se dava com o director...” (Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1865).

Embora matriculado e com bolsa de estudos parcialmente garantida, sua sobrevivência foi uma incerteza. Descrevendo suas dificuldades de hospedagem, relatou à sua mãe na mesma carta:

Fui ter com o Sr. Durão que é o sócio-gerente da casa para onde vim e lhe disse que já estava arranjado de estudos e queria morar na casa delle: respondeo-me elle: Meo caro Sr. Julio, um hospede por 15 dias ou um mês é tolerável, porem mais tempo aborrece, incomoda... não é possível? (Carta de 26 de agosto de 1865).

Contrariado com a negativa de Durão e decepcionado com sua experiência frustrante e sem condições de se autossustentar, na mesma carta ele relatou suas desventuras pela cidade e justificou sua nova investida:

Eu, vista disso arranjei a minha mala e fazião apenas quatro dias que eu chegara e já estava disposto a voltar a pé, pedindo esmola, pelo mesmo caminho por onde eu tinha vindo cheio de esperanças. Fui ter com o Duarte e chorando lhe dei parte do meo projecto, este outro sócio é um anjo e não é hommem; elle me disse que tivesse paciência e que ia procurar um arranjo para mim e passarão-se 2 meses sem eu ter solução alguma, andava eu trocando pernas pelas ruas, gastando dinheiro com lavagem, com a cara larga de vergonha e sem proveito algum eu nunca lhe queria contar isto, mas a snra me força a lhe mostrar como fui obrigado a tomar a resolução do passo que dei... a eschola militar... (*Ibidem*, 1865).

A Escola Militar surgiu como uma alternativa plausível diante do drama que enfrentou. Justificando à sua mãe a nova decisão de ingressar na carreira militar do exército imperial brasileiro, assim confidenciou:

[...] A eschola militar era o único meio de eu estudar, com pouco dinheiro, era o ceo e eu contudo ainda não queria, por ser preciso assentar praça... o Paulino veio 2 mezes depois de mim e já estava arranjado e eu vagabundando pelas ruas como um cão sem dono...”(Carta de 26 de agosto de 1865).

Pode-se perceber pelo conteúdo dessa carta que o desejo de Ribeiro de se tornar um militar foi casual. Foi, segundo ele, “o único meio” de se estudar, embora não querendo.

Numa ação desesperada de sobrevivência, ele utilizou-se das relações de amizade de sua mãe com o senador Teófilo Ottoni¹⁰ e, chorando, implorou ao político mineiro sua interferência em sua admissão à Escola Militar:

Corri-me de pejo e com lagrimas nos olhos pedi ao senador Ottoni para eu vir a eschola: elle bondoso como sempre trabalhou com o General, com o Secretário, com o Ministro e não obstante as matriculas fechadas, eu fui admitido. O general, homem seco e severo, que não diz palavra a ninguém me abraçou e me assegurou um futuro brilhante. Entrei para a eschola ahi sofri dyarreja e febres um mez, depois tive sarampos... (*Ibidem*, 1865).

Os contatos do senador do Império foram coroados de êxitos, principalmente com o oficial general Luis Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, que assegurou a Ribeiro um futuro brilhante no exército.

Mesmo encerradas as matrículas, ele foi aceito como aluno. Em carta sem data à Maria Francisca comunicou-lhe o seu novo endereço: “[...] Ilmo Sr. Julio Cesar Ribeiro, alumno-ouvinte da Escchola Militar. Fortaleza da Praia Vermelha, Rio de Janeiro” [1865?].

Na mesma carta, ele informou à sua mãe o valor do seu soldo [salário] e de sua rotina alimentar na escola:

(...) Eu aqui tenho cama, colchão e travesseiro... não se assuste com essas despesas de colchão e do travesseiro, que saem dos 20.000 que recebo por mez. Eu aqui tenho caffè da manhã: pão, manteiga, caffè com leite e chá, às 9 horas, feijão, arroz, carne assada e cozida, sopa, doce e caffè às 3 horas: chá, pão e manteiga às 7 da noite...” [1865?].

A carreira militar configurou-se para ele a possibilidade concreta de estabilidade profissional, pois, a exemplo da religiosa, garantir-lhe-ia o emprego e a segurança salarial. Na condição de futuro oficial militar, teria ele garantidas promoções de posto, aposentadoria e outras pequenas vantagens adicionais.

A historiadora Silveira afirmou que o momento de transição da fase da juventude para a vida adulta e a opção por uma carreira profissional “não são vistas aqui

¹⁰ A amizade da família Ribeiro com Ottoni se iniciou nos tempos do *Baependiano*: “Ottoni, de passagem por Baependy, fora visitado pelo rapaz e lhe retribuía a visita. Impressionara a inteligência e a instrução do colegial: a alguém que o apontara Júlio Ribeiro como uma das esperanças de Baependy, respondeu que não era somente de Baependy, senão também do Brasil” (*apud* BANDEIRA, 1958, p. 988).

como próprias das dúvidas que um jovem normalmente manifesta frente a carreira a seguir, mas como sintomáticas de uma realidade social” (SILVEIRA, 2008, p. 180).

A realidade social do Brasil em 1865 configurou-se com o conflito armado com o país vizinho, o Paraguai, e com seu líder político e militar, Francisco Solano Lopes. A guerra com o Paraguai, iniciada um ano antes [1864], foi a mais sangrenta que ocorreu na América do Sul. Para o Brasil, o episódio que deu início ao conflito foi o aprisionamento pelo governo paraguaio do navio brasileiro Marques de Olinda, em novembro de 1864. O aprisionamento desse navio foi uma reação do Paraguai contra a invasão brasileira ao Uruguai e a derrota do presidente Atanásio Cruz Aguirre Aguado, apoiado por Solano Lopes.

Essa guerra se caracterizou por sua extrema crueldade, bastando dizer que do lado brasileiro morreram aproximadamente 100.000 combatentes. Do lado paraguaio, muito mais vidas foram sacrificadas. Antes do conflito, segundo Cotrim (1998), a população total do Paraguai chegou a 800.000 habitantes; depois do conflito, essa população foi reduzida a 195.000, ou seja, 75,7% dos paraguaios foram exterminados.

Desapontada pelo fato de ter seu filho na condição de militar e ainda com possibilidades reais de ser enviado à guerra, Maria Francisca expressou assim, em carta datada de Areias em 17 de setembro de 1865, os seus temores: “derramo lágrimas de compaixão dos que morrem e de ter um filho militar em tal tempo”.

Em outra correspondência, e usando não só as tocantes súplicas do afeto, mas também os fortes argumentos da razão, ela desabafou:

Meo muito Amado filho Deos te abençoe e mto. Te proteja.
 Desejo-te todos os bens como mto. Bem sabes. Mto. dezejo ver-te e mto. dezejo falar-te em viva voz a bem de nós. Das guerras tenho lido nos Jornais e Bazar todo ocorrido e cada vez mais me admira mais o Lopez agüentar tanto e tanta gente que sempre perdendo as vitorias e sempre provocando o exercito Brasileiro! Pois meo filho não sei quando terão fim taes guerras acho que estão no principio; e deste modo me assusta mortalmente porque tenho medo que se acabe a gente toda e que queirão que vá a Eschola Militar que Deos tal não o permita. Meo filho se você ver jeito de partir a eschola procure todos os desvios de não ir pois os que lá vão poucos voltão; e você bem vê que eu te dei tantos estudos para você ser meo amparo na ma. Velhice está chegando o tempo della e espero que o sejas abaixo de Deos e por tanto você não podia dispor de sua pessoa enqto. Me tivesse viva; porem paciência Deos assim o quis; porem agora esta da tua parte fazer todas as diligências e os maiores esforços e empenhar-te primeiro com o nosso bom Deos e a Virgem Maria e depois com o Senador Ottoni e o Barão de Caxias, mostrando e allegando as tuas fortes razões e o meo estado de viúva e de estar sem parentes, só no meo estranho e só confiada primeiro em Deos e na Virgem Maria e depois em ti, meo único filho; pois poem-te em meo lugar e vejas se eu não tenho razão, pois veja se vmce tivesse velho em casa alheia sem mais esperanças a não ser a de um filho único que você o tivesse criado e educado sem mais adjutório do que os do teus braços e [...]; gostaria de ficar sem elle; por visto que não assim; me

acontece a mim inda mais que sou uma mulher já velha e doente que dezejo ter um cantinho para viver sem ser uma caza alheia e perto de meo bom filho que se campadecerá de mim senão serei dezamparada completamente.

[...] procura te ezimir de marchar inda que marche a eschola; pois uma guerra como esta faz tremer os viventes; só nos tempos dos Gaulezes com os Romanos se praticava tantas injustiças como se praticão hoje dos Paraguayos com os Brasileiros... (Areias 29 de setembro de 1865).

Essa carta trouxe à tona o sentimento de apreensão e medo defendido por ela em termos razoáveis e constrangedores. Trouxe também o sentimento maior de ficar sozinha e desamparada no mundo. Em outras correspondências trocadas entre ambos nessa fase de forte agitação social, mostrou-se ela uma mãe aflita, temerosa, decepcionada e, até mesmo, desesperada com o futuro incerto.

Júlio Ribeiro, procurando acalmar sua genitora de seus temores em relação à sua possível ida para o combate com o Paraguai, confirmou:

[...] a eschola não marcha e que quando marcha o que é quase impossível, eu não marcharei porque há Deos no céu, eu não marcharei porque o Ottoni m'ó prometeu, eu não marcharei porque sou quebrado dos peitos e não obstante a snra não me acredita. Em todos os domingos estou com o Ottoni e fallei com elle: a este respeito, e elle me diz que eu não marchó... [...] Quando a snra ouvir fallar em marchar a Eschola responda: Deixe marchar, não faz mal e não de crédito em nada a esse respeito senão no que eu disser (Rio de Janeiro 5 de outubro de 1865).

Os motivos alegados por ele para não combater contra o inimigo Paraguai foram dois. O primeiro foi a promessa feita por Teófilo Ottoni e o segundo, por motivos de doença: quebrado dos peitos.

Sobre a intenção de Maria Francisca mudar de Areias para o Rio de Janeiro, no intuito de ficar mais próximo do filho, Ribeiro foi categórico: “[...] A snra nem com 10 contos não pode viver aqui; um pequeno quarto para se morar custa 20 a 30 mil reis por mez, e tudo o mais a proporção já vê que com 1.000.000 não se arranja nada” (Carta de 5 de outubro de 1865).

Em carta datada do Rio de Janeiro em 14 de outubro de 1865, Ribeiro comunicou o seguinte à sua mãe: “Não pense em ca vir quem não tem muito e muito dinheiro passa aqui vida de inferno: eu mesmo com casa e comida e apesar de ser rapaz é me preciso economisar muito para representar um papel decente”. Na mesma carta, ratificou que havia solicitado licença para ir visitá-la: “Eu hoje, se Deos e a virgem quiserem, vou ser appresentado ao Silveira Lobo, ministro da Marinha, e d'elle talvez

receba daqui há um mez licença para ir até la ver a minha querida e extremosa mãe” (*Ibidem*,1865).

Não foram encontrados registros, nas cartas analisadas no período, se ele conseguiu a licença almejada; pelo que pareceu, não logrou êxito.

A caminhada estudantil de Ribeiro na escola militar caracterizou-se pelo fraco desempenho escolar e uma vida estudantil apagada, segundo o que analisou Aleixo Irmão ([s.d.], p. 39): “Júlio não mostra pendor algum pela geometria analítica, pelo cálculo diferencial, pela geodésia e astronomia [...] sua vida de cadete não passa de referências comuns”.

Na descrição de Tobias, a estrutura curricular da Escola Militar se constituiu das seguintes disciplinas: “matemática, física, química, mineralogia e metalurgia, história natural [vegetal e animal] e ciências militares” (TOBIAS, [s.d.], p. 206). Os docentes foram profissionais bem preparados para o exercício da atividade educacional, alguns deles foram formados pela Universidade de Coimbra, em Portugal, referência na Europa, e, por isso, já haviam adquirido o respeito e a credibilidade da sociedade brasileira. Os discentes, entre eles o próprio Ribeiro, foram alunos privilegiados por terem garantidos alguns benefícios como os de ingressarem numa escola pública sem prestação de exames de admissão. Adicionalmente receberam instrução gratuita, alimentação, fardamento, serviços de saúde e o soldo.

Em carta datada do Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1865, ele informou sua mãe sobre sua situação de aluno militar: “tenho casa riquíssima para morar, optima comida, medico, hospital, mestres, papel etc”.

Na condição de aluno-militar, ou cadete, sua formação educacional incipiente privilegiou mais as disciplinas de matemática, física, química... Nas disciplinas profissionais, as aulas de artilharia foram suas preferidas, o que corroborou, mais tarde, a fama de Júlio Ribeiro como um notório apreciador de armas de fogo.

No jornal denominado *A Procellaria*,¹¹ descreveu o seu profundo conhecimento pelos armamentos como a espingarda lazarina, enaltecendo sua importância:

A espingarda lazarina era uma antiga espingarda portuguesa, de estylo árabe: o cano, em que se lia, gravada, a inscrição – Lazaro Lazarino Legitimo de Braga - era reforçado, e tinha um metro e as vezes mais de comprimento. A

¹¹ O jornal foi fundado em São Paulo em 1887 sendo seus proprietários Louzada & Cia e tendo Júlio Ribeiro como diretor e redator. O periódico tratou de assuntos políticos, de cerâmica, de armas de fogo, de literatura. A publicação do jornal era semanal, iniciou-se em janeiro e encerrou suas atividades em maio do mesmo ano.

coronha era estriada no couce e acompanhava o cano até a bocca. Estas duas peças, coronha e cano, mantinham-se junctas por meio de duas ou três braçadeiras, e de um parafuso que, partindo da saliência anterior do guardamatto, rosqueava-se no rabicho da culatra. Além do ponto oblongo juncto da bala (bocca) da arma, auxiliava a pontaria uma mira em forma de anel. Esta mira e as braçadeiras, bem como todos os mais aparelhos, eram de metal amarello. Completava a arma uma vareta, geralmente de madeira.

[...] Muito deve o Brasil á espingarda lazarina: auxiliar poderoso da civilização, ella foi a arma dos últimos bandeirantes paulistas; ella acabou de desbravar os sertões do Paraná, de São Francisco, do Amazonas; ella collaborou no estabelecimento das lavras de Minas, Goyas e Matto Grosso (RIBEIRO, 2007, p. 104 -105).

Sentindo-se desmotivado no seu percurso escolar, ele entrou com requerimento solicitando sua “baixa”, ou seja, seu desligamento definitivo da escola. O deferimento do documento fez com que ele escrevesse à sua mãe em carta datada do Rio de Janeiro, em 26 de junho de 1866, informando-a sobre o seu desligamento. Sobre isso, ele expressou:

Minha muito amada mãe. Deos, como sempre, nos proteja. Não pude resistir as suas angustias, minha mãe, e dei baixa! Empenhei-me, trabalhei, arrotei o mar com ventos e chuvas, revolvi o Rio de Janeiro, fallei com deputados, coronéis, médicos e generais, apeguei-me com N. Senhora e hontem fui julgado incapaz do serviço do exercito; faltão-me ainda 8 dias para cumprir todas as formalidades e, cumpridos estas irem para a cidade, donde lhe escreverei para mandar-me animaes.

Dornas Filho e Aleixo Irmão analisaram sua saída como resultante do exame físico que o declarou inapto para o serviço militar. Manuel Bandeira (1958, p. 990) analisou o desligamento afirmando que “o verdadeiro motivo da baixa derivou exclusivamente da consciência do dever filial”. Segundo o próprio Júlio Ribeiro, sua saída teve por motivo as “angústias da mãe”.

O afastamento do Exército foi para ele um “mal necessário”, pela conjuntura escolar e familiar em que viveu naquele período de turbulência social. Aleixo Irmão destacou esse momento afirmando que ele não o fez com alegria, e sim com pena por ser-lhe “muito amante” (ALEIXO IRMÃO, [s.d.], p. 50). A princípio, o que se denotou dessa curta experiência de um ano [1865-1866] na escola militar foi a falta de maturidade, de vocação e de um referencial masculino que pudesse dar-lhe a devida atenção e orientação.

Após a saída da escola militar, ele viu mínimas suas possibilidades de acesso a outra área profissional de prestígio porque necessariamente teria que passar por uma instituição de nível superior, cursando a faculdade de medicina ou de direito.

Distintamente da escola militar, para ingressar nos cursos de medicina e/ou direito não bastava o exame de admissão, era necessário possuir recursos financeiros para se manter. Segundo Carvalho, além da anuidade e das taxas de matrícula, havia outros custos, como o da moradia e alimentação:

De modo geral, os alunos das escolas de direito provinham de famílias de recursos. As duas escolas cobravam taxas de matrículas. [...] Além disso, os alunos que não eram de São Paulo ou do Recife tinham que se deslocar para essas cidades e manter-se lá por cinco anos. Muitos, para garantir admissão, faziam cursos preparatórios ou pagavam repetidores particulares. Esses custos eram obstáculos sérios para os alunos pobres, embora alguns deles conseguissem passar pelo peneiramento (CARVALHO, 1996, p. 64-65).

A condição de pobreza de Ribeiro foi um dos fatores determinantes de seu não-ingresso em curso superior.

Deixando as dependências da escola, ele escreveu à mãe e ficou à espera de condução em casa de Leite & Araujo. Essa firma era a representante de Maria Francisca na Corte. Foi costume na época imperial, quando a ligação entre o interior e as capitais era difícil, quer por falta de estradas de ferro, quer por ausência de outros meios de comunicação, de rede bancária, essas empresas comerciais socorrerem os alunos nas aperturas financeiras, auxiliando-os principalmente em caso de doença.

Ele ficou hospedado na residência de um dos diretores da Leite & Araujo, aguardando a condução solicitada. Sobre isso, escreveu à Maria Francisca:

Minha muito amada mãe. Deos como sempre, vos ampare e proteja. Há factos inteiramente inexplicáveis perante os quais não tem força o raciocínio; por exemplo: as cartas que daqui escreve o sr. Araujo, pelo correio, são finalmente entregues ao Sr. Junqueira, ao tempo que as minhas parecem ser absorvidas no turbilhão de papel da casa dos agentes; o que leva a fallar desta guisa é o eu já lhe ter escripto cartas sobre cartas, participando que me achava com baixa em casa do Sr. Leite & Araujo a espera de condução. Reitero o pedido meo a respeito desta, pedindo que participe pelo próprio correio o dia em que deva ella chegar na Barra (Rio de Janeiro 13 de julho de 1866).

Notou-se nessa carta a preocupação de Ribeiro com o encaminhamento de suas correspondências. Aqui ele solicitou à sua mãe que procurasse o correio a fim de resolver o problema.

Sem os recursos financeiros necessários para o ingresso e manutenção numa escola superior, e ainda sem uma definição vocacional, ele deixou o Rio de Janeiro indo residir na província de Lorena, na região do Vale do Paraíba do Sul. Sobre isso, anos

mais tarde, quando residia em Capivari, confirmou: “[...] de 1866 a 1868 residi em Lorena” (RIBEIRO, 2007, p. 134).

Com o propósito de participar de um concurso público para o magistério de primeiras letras em São Paulo, para lá ele se dirigiu, conseguindo aprovação e elogios, conforme o próprio relatou em carta a sua mãe em 13 de janeiro de 1868:

Deus nos ajude. Antehontem fiz exames e fui aprovado, plenamente em quantos muitos outros a forão simplesmente, como Vmce pode ver no Correio Paulistano de 12 de Janeiro: agora mesmo venho de estar com o Presidente que me disse que poucos moços como eu tinha visto e que se eu quisesse um emprego aqui em S. Paulo que elle me dava, pois eu, conforme o que elle disse, merecia muito mais que uma cadeira de 1ª letras: são ellogios de graça que deixa escapar N.S: Aparecida.

A informação de Ribeiro sobre sua aprovação foi publicada no jornal *Correio Paulistano* no dia 12 de janeiro de 1868, secção NOTICIARIO, p.1.

Professores públicos – Hontem fizeram exame para o emprego de professor de Instrução primaria as senhoras: D. Maria do Carmo Silveira da Motta, D. Maria do Carmo Freire Gurgel, D. Guilhermina Maria de Sant’Anna e os senhores: Julio Cesar Ribeiro, Jose Izidro Gonçalves Neves, Manuel da Luz Cintra, Jose Hygino Braga, João Norberto da Silveira, Jose Inocência do Amaral Gurgel, Octaviano Augusto Castelo Branco, Braz da Cunha Ramos. Foram plenamente aprovados as duas primeiras senhoras, e os três primeiros senhores, os outros todos simplesmente.

Não foram encontrados registros ou informações de sua posse e/ou nomeação no serviço público de São Paulo, ao que pareceu, isso não aconteceu. Na mesma carta datada de São Paulo em 13 de janeiro de 1868, ele comunicou Maria Francisca de uma importante decisão tomada, que refletiu de maneira significativa em sua passagem por Sorocaba na década de setenta do oitocentista – a Maçonaria: “[...] Entrei para a MAÇONARIA [Loja América] e occupo nella um grande grau bem elevado: quem quiser fazer parte de tal sociedade, é preciso que tenha uma coragem mais que humana: vêem-se cousas...”

Possivelmente almejando algo melhor na carreira do magistério, Ribeiro optou pelas oportunidades abertas na progressista e rica região do Vale do Paraíba como professor particular, em busca de novos horizontes, novas possibilidades e novas realizações. As cidades do Vale foram para ele um importante ciclo de seu percurso em busca de autoafirmação profissional.

No entanto, o que se depreendeu dessa fase vivida foi sua aproximação e posterior separação dos missionários protestantes presbiterianos, culminando com sua opção pelo ateísmo.

O capítulo seguinte privilegiará essencialmente essa fase religiosa, enfatizando sua inegável contribuição ao presbiterianismo brasileiro.

CAPÍTULO 2: A RELIGIÃO NO CONTEXTO RIBEIRIANO

A religião em que Júlio Ribeiro foi inserido desde o seu nascimento culminando até cinco anos antes do seu falecimento foi a religião cristã. Essa religião, também conhecida como Cristianismo, é a maior religião do mundo, sendo predominante na Europa, América e Oceania. O Cristianismo se iniciou através dos ensinamentos de Jesus de Nazaré, considerado o Salvador da humanidade. Os seguidores de Jesus são chamados de “cristãos”, sendo que essa denominação foi utilizada pela primeira vez em Antioquia, uma colônia militar grega. O livro sagrado dos cristãos é a Bíblia Sagrada, composta pelo Antigo e Novo Testamento.

Jesus, o Cristo, nasceu em Belém, na Judeia [Palestina]. Suas doutrinas morais, como o amor a Deus e ao próximo, fizeram com que sua vida passasse a ser um exemplo a ser seguido. O Cristianismo se difundiu grandemente pela Ásia, Europa e África, fazendo com que no ano de 313 o imperador Constantino concedesse aos cristãos a liberdade de culto. No ano de 392, tornou-se a religião oficial do Império Romano.

A vivência cristã de Júlio Ribeiro pode ser compreendida em duas fases:

1. Fase católica – 1845 a 1870 [25 anos]
2. Fase protestante – 1870 a 1885 [15 anos]

Uma terceira fase pode ser acrescentada a esse percurso: a fase não-cristã ou ateísmo – 1885 a 1890 [5 anos].

Em sua fase católica¹², a religiosidade vivida por ele terminou no momento de sua admissão como membro da Igreja Presbiteriana de São Paulo.

Já em relação à fase protestante, abraçada no limiar da década de setenta do oitocentista, será tratada com prioridade e de maneira substancial, destacando o envolvimento de Ribeiro com o incipiente presbiterianismo paulista. Com menor

¹² Por entender que o primeiro capítulo deste trabalho trouxe considerações importantes sobre o tema, achou-se desnecessário que neste momento o assunto fosse mais explorado, considerando que o escopo do capítulo em desenvolvimento é o relacionamento de Ribeiro com o cristianismo protestante.

abrangência, de maneira rápida e sintética, será tratada a formação do presbiterianismo na Europa e sua ramificação nos Estados Unidos da América e Brasil.

Quanto ao ateísmo professado nos últimos anos de sua existência, o tema será tratado de maneira providencial, sem, contudo, abarcar a extensão e a significância do protestantismo presbiteriano.

2.1 Protestantismo Presbiteriano. Origens

A Reforma¹³ religiosa do século XVI originou, de modo direto ou indireto, os diversos grupos que constituíram o protestantismo ao redor do mundo. Os nomes adotados por essas igrejas cristãs foram derivados do próprio nome do seu fundador, como os luteranos; de uma convicção doutrinária primordial, como os pentecostais; ou de sua estrutura eclesiástica e forma de governo, como os episcopais e os congregacionais. Nessa última categoria, também se incluíram os presbiterianos.

As Igrejas Presbiterianas tiveram suas raízes na obra de dois reformadores que entraram em cena pouco depois do pioneiro alemão Martin Lutero. Foram eles o suíço de língua alemã Ulrico Zuinglio e o francês João Calvino, que atuaram na Suíça, o primeiro em Zurique e o segundo em Genebra. Conforme Matos (2004) salientou, com a morte prematura de Zuinglio aos quarenta e sete anos, Calvino tornou-se o principal líder e teólogo do movimento.

No continente europeu, as igrejas que abraçaram a teologia e a estrutura eclesiástica preconizadas por Calvino adotaram o nome de Igrejas Reformadas, principalmente em países como a própria Suíça, França, Holanda e Hungria. A igreja reformada, consolidada e divulgada pelo reformador francês, passou por países como Escócia, Irlanda e Inglaterra. Através da imigração, os escoceses e irlandeses levaram o presbiterianismo para os Estados Unidos da América nos séculos XVII e XVIII.

Mendonça (2003) asseverou que dos Estados Unidos, especialmente com o grande movimento missionário protestante do século XIX, as Igrejas Presbiterianas e o nome “presbiteriano” foram introduzidos em vários países do hemisfério sul. O termo

¹³ A Reforma Protestante teve no monge alemão Martin Lutero seu principal articulador. O movimento ganhou repercussão com a fixação das 95 teses contra as indulgências da Igreja Católica na porta da Igreja de Wittenberg. Sobre o assunto, Ver: Haagglund, 1986.

presbiteriano decorreu do fato de que nessas igrejas o governo fora exercido por presbíteros. A palavra grega *presbyteros* encontra-se nas Escrituras Sagradas e no Novo Testamento e significa originalmente “ancião”, “homem idoso”. Eventualmente, o termo passou a ter um sentido técnico de líder da igreja e o aspecto da idade ficou em segundo plano.

Conforme o que Ferreira (1959) salientou em sua obra sobre a história do presbiterianismo, as sucessivas divisões e reuniões das igrejas presbiterianas norte-americanas, por motivos de ordem teológica e política na época em que começaram a chegar ao Brasil os primeiros missionários, trouxeram algumas dificuldades na identificação dos nomes e respectivas ligações com as agências missionárias [missões].

A fim de evitar enganos, levou-se em consideração que nessa época as duas igrejas com suas respectivas missões no exterior que iniciaram os trabalhos no Brasil foram as igrejas de New York (PCUSA) e a de Nashville (PCUS), esta mais conservadora e a outra mais aberta. Essas igrejas norte-americanas e suas respectivas agências missionárias foram de extrema importância na inserção de Júlio Ribeiro junto ao corpo presbiteriano.

Primordialmente será analisada a presença da missão de New York, por ser ela a pioneira em estabelecer e organizar igrejas em terras brasileiras e ter sido a responsável pela admissão de Júlio Ribeiro em seus quadros.

2.2 Do Rio de Janeiro ao Vale do Paraíba.

No período de seis anos, que compreendeu a chegada do primeiro missionário estrangeiro presbiteriano em 1859 e culminou com o estabelecimento de Ribeiro em Lorena, chegou-se à conclusão de que esse foi um período importante de aproximação e amizade entre os missionários e o futuro filólogo.

A Igreja Presbiteriana se estabeleceu no Brasil durante o reinado de Dom Pedro II, isto é, nos primeiros anos da segunda metade do século XIX. O primeiro missionário que aportou no Rio de Janeiro foi o norte-americano Asbhel Green Simonton, que chegou à Corte em 12 de agosto de 1859.

O pioneiro Simonton foi enviado pelo *Board of Foreign Missions* [Junta de Missões Estrangeiras], de New York, portanto essa missão passou a ser conhecida

simplesmente por Board.¹⁴ Em oito anos de trabalho no Brasil, o missionário empreendedor fundou na capital do Império a primeira Igreja Presbiteriana do Brasil em 1862, conhecida hoje como a Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro. Fundou também o primeiro jornal protestante brasileiro, a Imprensa Evangélica, em 1864; criou e instalou o primeiro concílio conhecido como Presbitério do Rio de Janeiro, em 1865, e, por fim, a primeira instituição educacional teológica conhecida como “Seminário Primitivo”, em 1867.

Depois de Simonton, chegaram outros missionários estadunidenses, entre eles Alexander Latimer Blackford, Francis Joseph Christopher Schneider e George Whitehill Chamberlain, sendo que os dois últimos foram importantes na inserção e no acompanhamento religioso de Ribeiro.

Schneider chegou ao Brasil em 7 de dezembro de 1861. Era poliglota e especialista em matemática. Faleceu em 21 de março de 1910 aos setenta e oito anos e foi enterrado no Cemitério dos Protestantes em São Paulo. A importância de Schneider na trajetória de Ribeiro se deu no período de transição do catolicismo ao protestantismo, o que se verá com mais detalhes neste capítulo.

Chamberlain, no entanto, foi o missionário que mais se envolveu em sua caminhada cristã. O missionário participou de momentos significativos de sua vida pessoal, familiar e religiosa, e entre esses momentos se destacaram a ministração do seu batismo e profissão de fé, a realização do seu primeiro casamento em Sorocaba e a supervisão de suas atividades missionárias nas províncias de São Paulo.

Nesse contexto incipiente e americanizado do presbiterianismo brasileiro, destacou-se um paulistano extremamente relevante, o ex-sacerdote católico, José Manoel da Conceição, companheiro de Júlio Ribeiro em algumas viagens evangelísticas realizadas pelos municípios paulistas. A amizade de ambos iniciou-se em meados de década de sessenta do século XIX na província de Lorena, no tempo em que atuavam na região do Vale do Paraíba. O ex-sacerdote católico e pastor presbiteriano foi figura de destaque, tornando-se o primeiro pastor brasileiro e o primeiro a ser ordenado no Brasil.

O historiador Vieira analisou a relação de proximidade entre Conceição e Ribeiro se utilizando da literatura do próprio Ribeiro, o romance *Padre Belchior de Pontes*, para asseverar essa relação: “O principal personagem desta obra [Belchior], até

¹⁴ Board de New York: órgão gestor das missões e dos missionários presbiterianos norte-americanos.

certo ponto, baseia-se na vida e nos feitos do Padre José Manoel da Conceição” (*apud* VIEIRA, 1980, p. 152).

A partir de 1866 os missionários norte-americanos resolveram intensificar a evangelização das prósperas cidades da região do Vale do Paraíba do Sul.

2.3 A cidade proibida

O município paulista onde Júlio Ribeiro primeiramente se estabeleceu após deixar a Escola Militar do Rio de Janeiro foi a província de Lorena, na região do Vale do Paraíba. Posteriormente ele se estabeleceu na cidade de Taubaté e outras conforme ele mesmo declarou:

Nesta província tenho eu passado toda minha vida de cidadão com direitos políticos: de 1866 a 1868 residi em Lorena; de 1868 a 1870 em Taubaté; de 1870 a 1876 alternativamente na capital, em S. Roque e em Sorocaba; de 1876 a 1882 em Campinas; de 1882 até hoje em Capivary (RIBEIRO, 2007, p. 134).

As províncias de Lorena e Taubaté constituíram elos importantes de progresso e desenvolvimento nos meados do século XIX. Quando chegou a Lorena, em 1866, Ribeiro, então um jovem de vinte e um anos de idade, encontrou um próspero município cafeicultor. Uma cidade que se cercou por várias fazendas de café, símbolos de poder e riqueza da época, um significativo comércio local e pessoas influentes da elite aristocrática da região, como os Barões de Bocaina e Santa Eulália, o Conde de Moreira Lima e a Viscondessa de Castro Lima.

Sua finalidade em fixar residência na cidade foi a possibilidade de exercer ali e nos municípios vizinhos o magistério particular, sua fonte de subsistência material. Foi manifesto que ele exerceu a docência entre os filhos da elite lorenense. O magistério foi substancialmente o seu meio de vida e de sobrevivência.

Durante o curto espaço de tempo que residiu na cidade [1866-1868], simultaneamente ao magistério, ele estreou na imprensa paulista escrevendo artigos de natureza política no jornal *O Paraíba*,¹⁵ da vizinha cidade Guaratinguetá. Suas

¹⁵ Esse jornal se identificava como sendo um agente dedicado aos interesses do norte da província valeparaibana, com conteúdo político, literário e industrial. Seu fundador foi J. J. da Costa Victorino e a distribuição era realizada uma vez por semana aos domingos.

atividades jornalísticas, bem como seus ideais políticos republicanos, ganharam na cidade e região destaque, como podemos observar por este testemunho pessoal:

Militei com os liberais históricos em Lorena, mas já pregava idéas republicanas. Em 1867, um anno antes da ascensão do ministério Itaboray, e quasi três antes do manifesto da Corte, declarei-me republicano em um artigo que, sobre o presidente Juarez, escrevi no Parahyba, de Guaratinguetá. Meu venerando amigo exmo. barão de Tremembé, disse-me, não há muito ter sido eu o primeiro republicano brasileiro que elle conhecera (RIBEIRO, 2007, p. 130-131).

Esse relacionamento com a política paulista influenciou de maneira significativa a trajetória do principiante jornalista. Anos depois, em Sorocaba e Campinas, ele experimentou muitas decepções e perseguições por causa de sua atuação na imprensa, como se observará na sequência deste trabalho.

Alguns municípios do Vale do Paraíba foram motivos de constantes visitas dos missionários norte-americanos e brasileiros. Em uma das visitas de Conceição a Lorena, em 1866, cidade que visitou por várias vezes após essa data, um funcionário municipal lhe entregou um ofício do delegado policial comunicando a ele que estava proibido de pregar doutrinas protestantes no lugar.

A atividade religiosa de Conceição e dos demais missionários encontrou muitas resistências e dificuldades em sua tarefa de inserção na região valeparaibana, como no Brasil de forma geral. Houve uma pronunciada atitude oposicionista por parte do clero católico através de jornais, livros, panfletos e até atitudes de fanatismo como agressão corporal, tentativa de homicídio e homicídio.

Nesse panorama religioso, a Igreja Presbiteriana empreendeu, em 1867, uma significativa ofensiva missionária em algumas províncias da região. Segundo relatórios pastorais dos missionários, essa ação foi ineficaz. Isso denotou as dificuldades decorrentes do antagonismo religioso. No registro pastoral de Blackford, Lorena foi considerada como sendo uma “cidade proibida”. Uma cidade difícil, de fanatismo religioso extremo, que se tornou cada vez mais motivo de intensa concentração protestante no lugar, ou seja, tornou-se um verdadeiro desafio para os “brios” dos missionários.

Apesar de muitos conflitos religiosos com o catolicismo local, a atividade evangelística na cidade chegou a prosperar ao ponto de Blackford organizar uma igreja. A Igreja Presbiteriana de Lorena foi a primeira denominação protestante a se instalar na região e a quarta organizada no Brasil. A igreja local foi organizada em 17 de maio de

1868 e recebeu os primeiros membros convertidos. O relatório pastoral do missionário foi consignado assim por Ferreira:

[...] Às 12 horas, culto em casa do sr. Carneiro. Preguei sobre a Ceia do Senhor. Recebi por profissão de fé e batismo Antonio Moreira da Silva e Souza, João Luiz Rosselica (?), francês; Manoel José Carneiro, português; sua mulher Celfria Maria do Carmo, paulista; e Madalena Rosa, escrava do capitão José Vicente de Azevedo. Com estas pessoas, celebrei a Ceia do Senhor. Assim estava fundada a Igreja Presbiteriana de Lorena (*apud FERREIRA, 1992, p. 96*).

Fato extremamente significativo na organização da igreja local foi a inscrição no rol de membros de Madalena Rosa, a primeira escrava protestante presbiteriana do Vale do Paraíba. Essa escrava foi propriedade do coronel lorenense José Vicente de Azevedo, católico romano, que morreu assassinado quando voltava para sua fazenda nas imediações da cidade. Não foram encontradas mais informações dessa personagem do presbiterianismo paulista, todavia fica aqui o registro do seu resgate histórico.

Foi nesse cenário de intolerância religiosa, de uma igreja local organizada, de relações de amizade e trabalho com os missionários e principalmente de ideais democráticos de liberdade, progresso e desenvolvimento propagados pelos estadunidenses, que Ribeiro possivelmente tenha se aproximado do pequeno grupo de protestantes a fim de conhecê-lo melhor.

Para os missionários norte-americanos que atuavam no Brasil imperial, o evangelho proclamado estava identificado com a cultura e a ideologia de seu país de origem. A democracia e a república foram defendidas por eles, pois essas ideias fizeram parte do próprio evangelho que anunciavam.

Os ideais de liberdade, república, progresso e desenvolvimento foram anseios de Ribeiro que encontrou na ideologia e práxis protestante mais que um “*modus vivendi*”, encontrou uma forma de contribuir com o progresso da nação. O interesse dele pelo protestantismo inseriu-se num momento em que o Brasil se afigurou aos representantes protestantes como um ambiente propício à propagação do evangelho. Isso pode ser apreendido mediante a leitura do documento da décima reunião anual do *Comitê Executivo de Missões no Estrangeiro* da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, realizada em 1871, durante a Assembleia Geral daquele ano em Colúmbia:

Em nenhuma parte do mundo papal o trabalho missionário é mais encorajador que no Brasil. A impressão que temos é que o prestígio do Romanismo diminui; o povo está ansioso por instrução; o governo parece acolher

bondosamente os sentimentos dos missionários protestantes, e o evangelho está sendo pregado...¹⁶

A ideologia protestante chegou ao Brasil com ideias democráticas e republicanas, bem como o liberalismo e o progressismo. Pregou-se a igualdade de direitos, a responsabilidade pessoal, a liberdade intelectual e religiosa. Esses ideais foram bem recebidos por Ribeiro, e também pelas elites dirigentes da nação, não faltando mesmo o apoio de alguns expoentes da vida nacional da época.

Esses motivos até aqui relatados aliados a outros posteriores, fizeram-no optar pelo ingresso à Igreja Presbiteriana no limiar da década de setenta do século XIX. Antes, porém, de analisarmos essa admissão, consideraremos três situações que possivelmente contribuíram para a sua inserção. São elas: a carência afetiva, a maçonaria e a imprensa.

Primeiramente a questão afetiva. Assim como em sua adolescência ansiava por um substituto do pai ausente, aqui ele vislumbrou essa possibilidade na pessoa de Schneider. Certamente não como um padrasto, mas como um “pai espiritual”, alguém que lhe proporcionasse orientação, cuidado e atenção. Em carta que escreveu ao missionário, datada de Taubaté em 11 de dezembro de 1869, assim expressou: “Meu pae em Jesus Christo” ou “Vosso filho em Jesus Christo” (*apud* LESSA, 1938, p. 80-81). Possivelmente ele pretendeu resgatar uma parte de sua história perdida pelo tempo.

Em segundo lugar, a maçonaria com seus ideais de liberdade, desenvolvimento e progresso social. Ribeiro ingressou na maçonaria em São Paulo, no entanto foi em Sorocaba que sua atuação maçônica foi mais significativa, com posicionamentos contundentes em defesa dos direitos dos protestantes, como se verá mais adiante. Os ideais maçônicos se coadunavam com as propostas dos missionários presbiterianos. Nesse contexto, iniciou-se naturalmente, em Lorena, o seu distanciamento do catolicismo e a sua aproximação cada vez maior do corpo presbiteriano.

E por último foi considerado a sua atividade como homem de imprensa ou homem de letras. O espaço aberto pelos missionários convidando-o a escrever artigos de conteúdo político-religioso, e numa escala ascendente, convidando-o a ser um dos

¹⁶ Minutes of the Assembly of the Presbyterian Church in the United States with Appendix, 1871, p. 46. *apud* Albino, 1996, p. 46.

redatores do primeiro jornal protestante brasileiro e latino-americano, o *Imprensa Evangélica*¹⁷ foi preponderante nesse conjunto de fatores aproximativos.

A utilização do *Imprensa* fez parte das estratégias empregadas pelo protestantismo para divulgação e expansão do evangelho em terras brasileiras. Sobre isso, Santos (2009, p. 47) ratificou:

A folha evangélica divulgou princípios bíblicos e morais, manteve seus leitores informados sobre os principais acontecimentos mundiais e a evangelização do mundo, relatou as descobertas científicas do período, trouxe artigos de utilidade pública e serviu acima de tudo, como veículo de melhoria educacional, à medida que propagava a palavra escrita e estimulava a leitura em um país onde a grande maioria da população era composta de analfabetos.

O jornal preocupou-se em doutrinar e evangelizar, com amplo noticiário, sem entrar nos problemas internos da Igreja e “especialmente dedicados a assuntos religiosos, publicando sermões, poesias e notícias de acontecimentos religiosos de todo o mundo” (VIEIRA, 1980, p.149).

Notou-se que nesse mosaico em que se deu a aproximação de Júlio Ribeiro com os presbiterianos, apareceu o desejo de iniciar uma nova experiência religiosa e também social, o que se mostrou totalmente possível pelo seu interesse e pelas oportunidades abertas pelos líderes estadunidenses. Essa liderança, aliás, foi impactada pelo talento, cultura e juventude, o que fez com que Ribeiro fosse escopo de investimento a fim de ser preparado para ser um dos principais líderes da Igreja Presbiteriana no Brasil.

Diante dessa situação favorável, ele então tomou uma importante decisão que afetou de maneira significativa sua vida.

¹⁷ As pessoas que mais contribuíram com artigos políticos no *Imprensa* foram os redatores brasileiros: José Manoel da Conceição, Júlio Ribeiro, A.J. dos Santos Neves e o Dr. Miguel Vieira Ferreira. Cf. Vieira, Davi Gueiros. O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil. DF. Editora UNB, 1980, p.149.

2.4 Um pastor dedicado

No ano de 1869, com vinte e quatro anos de idade, Júlio Ribeiro transferiu residência para a próspera cidade de Taubaté com o objetivo de continuar o exercício do magistério particular. Taubaté foi o primeiro município fundado no Vale do Paraíba, sendo que no século XIX foi uma cidade muito rica, desenvolvida e a mais habitada da região. Sua importância comercial, conseguida graças à produção do café, extrapolou os limites do Vale chegando a ser conhecida e reconhecida em outras regiões do país como um dos municípios mais progressistas do Brasil imperial. Para lá emigraram cidadãos portugueses, e brasileiros vindos principalmente das regiões de Minas Gerais e do Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Foi na fazenda de café chamada Caieira, que posteriormente passou a se chamar São José e Leonor, que Ribeiro e Maria Francisca fixaram residência com o propósito dele de continuar a ministrar aulas particulares. A fazenda recebeu esse nome porque se localizava num local de baixada pouco acima do nível de um pequeno afluente do Córrego das Caieiras. O proprietário foi o português João Francisco da Malta, um rico fazendeiro que adquiriu a propriedade em 1855 e que, em 1869, contratou os serviços do professor mineiro para a instrução de seus filhos: João Francisco da Malta Júnior, Antônio Lopes Malta, Elisa Malta Guimarães e Joaquina Malta.

Durante os dois anos em que permaneceu no município [1868-1870], exercendo essencialmente o magistério, ele fortaleceu ainda mais os laços aproximativos com os presbiterianos, revelando suas experiências espirituais e o interesse pela fé cristã, como se comprovou em carta escrita e endereçada a Schneider. O historiador Lessa, em seus Anais da Igreja Presbiteriana de São Paulo, assim consignou:

Ilmo. e Revm. Snr. F.J.C. Schneider – Rio e Janeiro
Fazenda da Caieira em Taubaté, 11 de dezembro de 1869.

Meu pae em Jesus Christo. Recebi o Novo Testamento em grego que vós tivestes a complacência de me enviar: tamanha atenção, a inexcedível promptidão, a vossa delicadeza em guardar lembrança de pessoa tão insignificante, qual a minha, tudo isso vos revela como um dos mais fervorosos apóstolos daquelle que disse: - Consentí que se cheguem a mim as creanças - Jesus Christo. São segadores que não desdenhão uma espiga por mais chocha enfesada que esteja. Meu pae, a minha fé se robustece de dia em dia. Sinto encher-se de goso inefável o vácuo que me desconsolava o peito; não sei que voz interna me diz ser eu um dos chamados, e um dos escolhidos. Esta cidade é uma das mais fanáticas pela religião islâmica de Roma; comtudo, meu pae, se houvesse dentre vós outros um pastor dedicado,

disposto a lutar arca por arca com os tropeços suscitados pelos padres catholicos, esse, creio eu, talvez achasse alguns palmos de boa terra em que germinasse a semente da palavra do Filho de Homem: talvez mais de uma ovelha bravia fosse conduzida ao redil.

Vós dictareis o que for justo; o Espírito vos illuminará, pois que tendes muita fé. O Revmo. Chamberlain dignou-se escrever-me: peço-vos que, quando lhe escreverdes, lhe participeis ter-lhe eu respondido em uma breve carta em inglez... Vosso filho em Jesus Christo, Julio César Ribeiro. P.S. Meus saudosos respeitos ao Snr. Miguel Torres e ao Revmo. Hugh W. Mackee (Carta de 11 de dezembro de 1869 *apud* LESSA, 1938, p. 80-81).

Essa correspondência mostrou a amizade, carinho, respeito e credibilidade que Ribeiro nutriu em relação a Schneider, a quem ele tratou carinhosamente como *pai em Jesus Cristo*. O missionário foi um incentivador e talvez o primeiro a convidá-lo a deixar o catolicismo romano fazendo-o abraçar a fé protestante. Essa estratégia proselitista foi comum no período e utilizada com frequência.

Quais as razões que levaram Ribeiro à “conversão” protestante? Difícil responder com precisão, todavia arrisca-se dizer que além dos motivos já expostos até aqui, aponta-se também para o desejo de ascensão social, o que se verá mais adiante neste capítulo. Esse interesse de ascender socialmente foi plausível por ocasião de seu primeiro casamento com uma mulher de família presbiteriana ligada à maçonaria e à imprensa.

Para ele, as Escrituras Sagradas fizeram a diferença: “[...] a leitura da Bíblia separou-me de Roma...” (RIBEIRO, 2007, p. 129). Essa declaração dada anos depois, em 1885, confirmou essa importância no processo de sua conversão.

No exame que fez do protestantismo em São Paulo e da significância das Escrituras Sagradas no contexto religioso da época, Gomes (2000, p. 103) afirmou que a Bíblia foi:

[...] o epicentro do protestantismo, especialmente aquele de cunho calvinista. A importância da leitura da Bíblia nos cultos desenvolveu nos missionários presbiterianos no Brasil um germe de projeto educacional vinculado à evangelização.

A Bíblia, como instrumento de educação e evangelização, proporcionou a Ribeiro a oportunidade de reflexão e de estudos mais apurados dos textos sagrados, principalmente no original grego, fazendo com que sua escolha ficasse marcada naquele momento, pela certeza de sua fé e salvação em Jesus Cristo. Lessa asseverou essa ocasião em que Ribeiro confirmou essa convicção: “[...] não sei que voz interna me diz

ser eu um dos chamados, e um dos escolhidos; meu pae, a minha fé se robustece de dia em dia (*apud* LESSA, 1938, p. 80).

Durante sua estada em Taubaté, ele exerceu o magistério e colaborou escrevendo para os jornais das províncias circunvizinhas.

2.5 Paulista de velha prosápia

No início da década de setenta do século XIX, e a convite dos missionários presbiterianos, Júlio Ribeiro deixou a província de Taubaté e dirigiu-se para São Paulo para lecionar na recém-criada *Escola Americana*,¹⁸ fundada por Chamberlain e sua esposa Mary. A Escola Americana foi o embrião da atual Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Maria Francisca, sua mãe, permaneceu em Taubaté residindo provavelmente em casa alugada, mostrando que ambos já haviam deixado as dependências da fazenda Caieira. Sua motivação nessa nova experiência aumentou, pela oportunidade de capitalizar novas relações sociais, de estar numa cidade em franco desenvolvimento e de projetar melhores oportunidades junto aos presbiterianos.

O convite de trabalho na escola confirmou ainda mais o interesse dos missionários pelo jovem talentoso, ficando evidente que o promissor Ribeiro foi alguém em quem eles entenderam valer a pena investir devido às suas qualidades.

Quando chegou a São Paulo, então uma cidade de aproximadamente 680.000 habitantes, ele encontrou um panorama formado por uma sociedade hierarquizada, na qual, em seu topo, encontravam-se os senhores de engenho, cafeicultores, fazendeiros e ricos comerciantes. Segundo Gomes (2000), no polo oposto, dependentes dos primeiros, encontravam-se os escravos, cujo trabalho foi fundamental para o funcionamento da economia da capital da província. Já as camadas intermediárias foram constituídas pela população livre das áreas rurais e urbanas, divididas e distribuídas nas mais diversas atividades como, por exemplo, lavradores, sitiantes, artesãos rurais e urbanos, tropeiros, militares, padres e professores. A plebe urbana foi constituída de homens livres e pobres, negros livres, indígenas, mulatos e crioulos.

¹⁸ A Escola Americana será objeto de análise no terceiro capítulo deste trabalho.

Na cidade paulistana, ao redor dos órgãos do governo civil e eclesiástico, da Academia de Direito e da imprensa, foi formada uma incipiente:

Classe média, constituída pelo clero, muitas vezes engajado na administração civil ou eclesiástica, e por jornalistas, professores, magistrados, comerciantes ingleses e norte-americanos e descendentes de italianos e outras etnias menos representadas numericamente (GOMES, 2000, p. 60).

O domínio religioso na capital da província, como no Brasil em geral, esteve sob o comando da Igreja Católica. Segundo Azzi (1978), a cidade foi palco de quatro grandes correntes do catolicismo romano que tomou forma no Brasil a partir da cultura ibérica e do seu contato com outras formas de representação desse culto. Essas correntes são classificadas como sendo o catolicismo tradicional, o catolicismo iluminista, o catolicismo popular e o catolicismo ultramontano.

Com trabalho assegurado na incipiente escola e, convicto de sua escolha em pertencer ao protestantismo, aprouve, então, a Ribeiro oficializar seu pedido de ingresso ao rol de membros da Igreja Presbiteriana de São Paulo. Seguro de sua fé demonstrada num pequeno bilhete autobiográfico, escrito em inglês, e posteriormente traduzido para o português, ele assim a descreveu e Vieira consignou:

[...] Levantei-me contra o Islamismo da Igreja Romana, tornei-me deísta e depois molercalista (sic); até depravei minha alma lendo os antigos filósofos gregos; gostava de Thomas Volney, Voltaire, Byron e Renan; numa palavra – estava perdido. Cristo procurou-me, deu-me fé e disse-me: este é meu filho... (apud VIEIRA, 1980, p. 151).

Esse registro ratificou a certeza de sua fé em Jesus Cristo e a convicção de pertencer à família de Deus. Antes, porém, de ser batizado e de professar a fé, Ribeiro realizou viagens evangelísticas em companhia de missionários das missões de New York e Nashville, atuando como colportor¹⁹ pelas províncias do Vale do Paraíba e de São Paulo, entre essas Campinas, Itu, Rio Claro, Sorocaba, Itapetininga, Santos, Jacareí, Caçapava e Ubatuba.

De maneira geral os colportores credenciados pelos missionários não se limitavam apenas em oferecer literaturas, mas também se embrenhavam pelas

¹⁹ A palavra surgiu no século XII na França entre os valdenses e refere-se a pessoas que tinham por objetivo a venda de literatura religiosa. Essas vendas aconteciam de casa em casa, onde os colportores aproveitavam a ocasião para ensinar e pregar doutrinas cristãs.

províncias vendendo livros e exemplares da Bíblia e do Novo Testamento. Essa estratégia evangelística proporcionou a Ribeiro a oportunidade de visitar residências e construir novos relacionamentos. Gomes avaliou esse momento e concluiu que esses relacionamentos “facilitavam o trabalho desses missionários ao abrir suas casas, acolhendo-os e permitindo que eles pregassem ali, o que quebrava barreiras e diminuía os preconceitos” (GOMES, 2000, p. 86).

Em sua jornada pelo interior paulista, de modo geral acolhido em casa de simpatizantes ou membros protestantes, suas cartas se tornaram elo entre ele e Maria Francisca, evidenciando com propriedade sua atuação missionária no período.

Em carta datada de Caçapava, em 4 de abril de 1870, informou o seguinte:

Aqui cheguei sem novidades e vou seguir para Jacarehy, se Deos quiser. Peço-lhe que me mande pelo correio de quinta-feira o livro de poesias copiadas pelo Prado, o qual livro eu esqueci em cima da mesa. Pode mandá-lo à luz nº 65 S. Paulo... Deos nos proteja e até breve.

Nessa carta, ele solicitou um livro de poesias. A leitura foi uma constante no percurso de sua vida.

Na data seguinte, em 5 de abril de 1870, de Jacareí, ele escreveu comunicando:

Cheguei felizmente e parto já para S. Paulo. O animal do meu camarada adoeceu, de sorte que vou com um homem muito bom para S. Paulo, o qual homem leva as minhas bagagens de graça na sua conducção. Já lhe escrevi de Caçapava pedindo que me mandasse sem falta pelo correio de 7 de abril o meu livro de poesias copiado pelo Prado. A bondade de Deos cada vez maior, se manifesta a meu favor. Elle nos conserve em sua graça. A graça de Jesus, o amor de Deos, e a comunicação do Espírito Santo seja com todos nós para sempre.

Essa correspondência terminou com a bênção apostólica, um fato curioso que não se repetiu em outras cartas.

Em data previamente agendada pela Igreja Presbiteriana de São Paulo, um domingo de páscoa e em culto público, deu-se sua admissão:

No dia 17 de abril de 1870, cerca de seis meses depois de haver assumido o pastorado, recebia o Rev. Chamberlain, em S. Paulo, por profissão de fé e baptismo, um moço de vinte e cinco annos que se veio a salientar na carreira das letras (LESSA, 1938, p.78).

O cerimonial aconteceu um dia depois de Ribeiro completar vinte e cinco anos de idade. Nesse culto, estavam presentes Chamberlain e Blackford, sendo que o primeiro oficiou a solenidade de batismo e profissão de fé de Ribeiro e também de

Manoel José Marques, Maria Conceição Marques, Rita Etelvina Schereiner, Manoel Jacinto Botelho e Ana Maria de Assunção Botelho, e o segundo batizou a menor Laura Chamberlain, filha do pastor da igreja local (*Ibidem*, p.78).

No evento que ocasionou a sua admissão, notou-se a ausência de sua mãe, Maria Francisca. Nessa ocasião, ela se encontrava em Taubaté, de onde escreveu uma carta saudosa ao filho, aludindo ao seu aniversário:

Meo querido filho, Deos, te abençoi e te proteja
 Hoje é domingo da Ressurreição do nosso Divino Salvador, elle nos dê pela sua infinita misericórdia uma Ressurreição de paz neste mundo e de gloria eterna no outro pelo seu divino poder. Meu bom filho por aqui como a festa muito bem céu mto claro; não houve chuvas tudo conforme o gosto dos festeiros e de todo o povo que houve uma concorrência de povo extraordinária, só eu ainda não puz pés fora da porta, porque estou sentindo tanto a sua falta, que não tenho vontade de ir aparte nenhuma, só sim tive a dito de ver passar pela nossa rua algumas procições onde a da Ressurreição foi pelas 4 horas da madrugada que tive tanta saudades de vosse que Deos sabe como está meu coração lembrando-me do anno passado e do baile que tanto vosse dançou aqui nesta grande salla e hoje tão diserta....estimo que aches S. Paulo como paraíso porém hé terrestre. Mandas-me dizer quando podes vir... Já lhe escrevi com esta carta dirigida a freguesia da luz nº 65 onde foi o seu livro que ainda não me disse se o já o tinha recebido.
 Torno até recommendar que não venhas só e nem com um só camarada porque o quilombo esta furiozo: procura vir com o Sr. Sebastião e Quinca Franco. Adeos meu amado filho recebe as mtas bênçãos e o mto saudozo coração de tua amte. mai que muito te estima
 Maria Francisca Ribeiro
 Taubaté 17 de abril de 1870
 Sabado de Alelluia fizeram-se os teos annos.

Pelo teor da correspondência, é plausível que ela desconhecesse o compromisso religioso de Ribeiro em São Paulo, pois não fez nenhuma alusão ao fato, porém, se sabia, foi indiferente.

Estatística da Igreja Presbiteriana de São Paulo, no ano seguinte a admissão de Júlio Ribeiro, mostrou um rol de membros de 239 pessoas, sendo 116 adultos e 123 menores (LESSA, 1938, p. 72).

Aos 13 de agosto de 1875, Maria Francisca foi admitida na mesma igreja do filho. Na cerimônia aconteceu um fato atípico e de real valor histórico ratificado por Lessa: “No dia da profissão [de fé] de sua mãe, Júlio Ribeiro apresentou ao baptismo um seu escravo menor, de nome Joaquim, pelo qual se responsabilizou como christão” (LESSA, 1938, p. 81).

O primeiro batismo de um escravo menor foi certamente um momento especial e inédito para o presbiterianismo brasileiro, isso tudo um ano antes da publicação da Lei do Ventre Livre [1871]. Nessa ocasião, ainda segundo Lessa (1938), ele assumiu

publicamente a responsabilidade pela educação cristã de Joaquim. Tempos depois, ele concedeu carta de alforria ao escravo com a aprovação de sua mãe que o tinha sob seus cuidados. Ribeiro tornou-se conhecido como um abolicionista convicto²⁰ por seus artigos na imprensa, no entanto o que preliminarmente se observou foi que seus ideais abolicionistas se manifestaram na prática somente após 1875.

Posteriormente ele foi acusado publicamente pelo jornal *Diário de Campinas* de maltratar um escravo. Sobre o fato, ele mesmo se defendeu em suas *Cartas Sertanejas*, afirmando:

Nunca dei de chicote em quem fosse. O escravo alludido, pertencente a minha mãe, é ainda um rapazinho: quando veio para Campinas tinha onze annos. Criei-o como filho, considero-o livre, Nunca lhe bati. Basta. Accusações destas só desdouram a quem as faz (RIBEIRO, 2007, p. 131-32).

Durante o período protestante que durou quinze anos [1870-1885], sua atuação ficou marcada pelo trabalho de colportor e pela ação missionária. Esse dinamismo religioso influenciou-o a querer se tornar um pastor: “Foi candidato ao ministério e acompanhou os missionários e pastores em diversas viagens evangelísticas” (MATOS, 2004, p. 468). Apesar do interesse demonstrado no pastorado, não chegou a ingressar no ministério pastoral, diferentemente do que afirmou Silveira (2008, p. 243): “Em abril [1870], torna-se pastor”.

O missionário Ribeiro, em suas viagens pelas províncias de São Paulo, certa feita em Campinas, escrevendo à Maria Francisca, em 14 de novembro de 1870, assim expressou: ”Mamãe graças a deos estou bom e tudo vae bem. Não sou mais extenso, porquanto estou com muito sonno, e é tarde. Deite a benção nesse seu filho e irmão em Christo”.

Ainda em Campinas, em 15 de novembro de 1870, noticiou: “Eu, graças a Deos, estou bom. Temos tido muitos contratempos estamos só com um animal. De saúde, mercê do Senhor, vou bem. Reze e reze sempre por nós.

Em 22 de novembro de 1870, externou o seu fervor religioso:

Recebi a sua cartinha mas lhe desobedeçi: vim para Itu, onde estou, amanhã seguirei para Sorocaba. O tempo esteve riquíssimo, e a viagem deliciosa: andei nove léguas e amanhã se Deos quiser andarei seis. Rese muito por seu filho e

²⁰ A convicção de Ribeiro chegou às vias do radicalismo como essa declaração publicada em suas *Procellarias* em 16 de janeiro de 1887: “Faça-se a abolição, já e já, sem mais reflectir, violentamente, custe o que custar, seja como for”. Cf. Ribeiro, 2007, p.21

para que se propague o Evangelho. Escreva-me para Sorocaba. Seu amante filho e irmão na fé.

Essa carta evidenciou, mais uma vez, a itinerância missionária pelo interior paulista.

Em correspondência datada de Itu, em 23 de novembro de 1870, escreveu avisando: “amanhã seguirei para Sorocaba... Reze muito por seu filho e para que se propague o Evangelho”.

Em 25 de novembro de 1870, de Sorocaba, escreveu:

Vou bem de saúde e cheguei sem incomisado a esta cidade de Sorocaba. Não posso ser extenso por isto que estou um pouco embaraçado de idéias talvez por causa do calor. Lembranças a todos os crentes e as vizinhas. Ore cem cessar. Julio Cesar Ribeiro.

As correspondências endereçadas à sua mãe, nesse período de forte fervor religioso, geralmente terminavam com pedidos de oração pelo êxito do empreendimento missionário.

Na cidade de Itu, em 8 de dezembro de 1870, confirmou:

Estou em Itu, bom de saúde, porém com muitas saudades... Não posso ser extenso porque vou pregar hoje. Rogo-lhe que ao receber esta tome a bolsinha de relógio que fez a C. Belmira, e que está na caixinha de Maçonaria, e que ponha uma carta registrada para mim em Sorocaba. Qualquer irmão na fé poderá levar a carta... Dia ao Sr. Chamberlain que amanhã lhe escreverei pelo correio, e que sinto muitíssimo o incomodo da Sra. Chamberlain.

Nessa missiva, ele referenciou as saudades da mãe, expediente comum em suas cartas e os contatos com Chamberlain, o seu supervisor.

Embora nascido em Minas Gerais, ele se considerou paulista conforme declaração sua publicada, anos depois, no jornal *A Procellaria*, de 1 de maio de 1887:

“[...] nós, paulistas, somos um povo...” Foi em São Paulo e nas cidades provincianas em que morou que Júlio Ribeiro se integrou, como asseverou Dornas Filho, “definitivamente na vida, nas idéias e nos costumes paulistas”, a ponto de considerar-se “realmente paulista de velha prosápia” (DORNAS FILHO, 1945, p. 11).

Em outra oportunidade expressou o seu afeto por São Paulo afirmando: “Nós, paulistas, bem como nossos irmãos mineiros e paranaenses, somos gente muito diversa

da gente do Norte que nos governa, temos tradições, temos hábitos, temos costumes“ (RIBEIRO, 2007, p. 97).

2.6 Mestre de línguas

Oito meses após o seu ingresso no presbiterianismo, Júlio Ribeiro, irradiando felicidade, escreveu carta à sua mãe informando-lhe ter encontrado sua futura esposa em Sorocaba. À pretendente, ele se referiu como sendo a “*mais bela virgem*”, a qual tinha pedido em casamento:

Minha muito amada mãe. Sorocaba, 3 de dezembro de 1870. Ao receber esta ajoelhe-se e dê graças ao Pae Celestial. Sou tão feliz quanto pode sê-lo um homem no mundo: a virgem mais bella, mais pura, mais innocente, mais completa que existe no mundo consentiu em me dar a mão de esposa! Achei em Sophia as bênçãos que o Filho de Deus promete aos que tudo abandonarão por causa do Evangelho: eu nem posso acreditar... D. Antonia e o sr. Bertholdo aceitarão com júbilo a minha declaração, e Sophia é hoje minha prometida esposa. O prazer de toda família é indescriptivel, e o meu... antes o calar. As atenções com que sou tratado já se descobre o amor da Segunda mãe que o céu me deu. Não se assuste com isso, que se eu tenho uma mãe e um pai e sete irmãos, Vmce. tem um filho e uma filha para consolação dos seus últimos dias. Minha mãe, se alegria matasse, eu não estaria vivo. Dê graças a Deus, e ore por nós, que só com a vista lhe poderei contar tudo, e nem um mez terei acabado. Adeus, até lá, minha mãe. Seu amantíssimo e feliz filho Julio César Ribeiro. Deus ouviu suas orações (*apud* ALEIXO IRMÃO, [s.d.], p. 60-61).

Notou-se, pelo conteúdo dessa carta, a carência afetiva mais uma vez denotada por Ribeiro. Ficou nítida a sua satisfação em poder ter “um pai, uma mãe e sete irmãos”.

Em viagem pela província de Itu, escreveu, em 8 de dezembro de 1870, as saudades da mãe e de Sophia: “[...] Estou em Itu, bom de saúde, porém com muitas saudades suas e da minha noiva Sophia”.

Em 13 de janeiro de 1871, de São Paulo, em carta endereçada à noiva aludiu com esses versos apaixonados:

Se te disser que te amo, que tu és a minha vida, quem sem ti não posso existir, farei um papel de tolo, porque é o mesmo que dizer que o fogo queima, que a água molha e que o ferro é duro. Digo-te apenas que sou sempre o seu noivo e amigo Júlio (*apud* BANDEIRA, 1958, p. 992).

Santos, em sua obra *Os Castanhos*, aludindo aos traços físicos e de personalidade de Sophia, asseverou que ela era uma adolescente “rechonchudinha e bela... casara por amor com Júlio Ribeiro depois de um namoro fulminante. Seu temperamento era calmo e rotineiro” (SANTOS, 1946, p. 114).

Sophia, então uma adolescente de quatorze anos de idade quando contraiu matrimônio, era filha de José Antônio de Souza Bertholdo, comerciante e maçom. A família Bertholdo foi a primeira a se filiar à Igreja Presbiteriana de Sorocaba, sendo que essa união marcou um fato histórico muito importante, pois confirmou o primeiro casamento acatólico da cidade.

Abaixo o registro de casamento assinado por Chamberlain em 1871 e ratificado por Cavalheiro:

Certidão de casamento = Eu abaixo assignado certifico, que aos quatro do mês de Fevereiro do anno de mil oitocentos e setenta e um pelas oito horas da tarde, na casa de Jose Antonio de Souza Bertoldo tendo corrido os proclamas de costume sem se descobrir impedimento, e vendo presentes por testemunhas os senhores Jose Leite Penteado, Jose Antonio Cardoso, Ubaldino do Amaral Fontoura, Jose Pereira da Fonseca e Manoel Lopes de Oliveira, Celebris, pelo Rito religioso da Igreja Evangélica, da qual sou pastor, o acto do casamento do Senhor Julio Cesar Ribeiro, estando solteiro, da idade de vinte e seis annos, filho legitimo de George Washington Vaughan e Maria Francisca Ribeiro, natural de Sabará. Minas, profissão Mestre de línguas, com domicilio em Sorocaba e morador actualmente na mesma cidade e a Senhora Dona Sophia Aurelina de Sousa, estando solteira, da idade de quatorze annos, filha legitima de Jose Antonio de Sousa Bertholdo, e Antonia Maria de Sousa com domicilio em Sorocaba, e moradora actualmente na mesma cidade, do que tudo passo esta certidão que por vez verdade assigno. Sorocaba quatro de Fevereiro de mil oitocentos e setenta e um. Rev. Sr. G.W. Chamberlain (*apud* CAVALHEIRO, 2001, p. 71-72 grifo meu).

Esse documento foi significativo também por outro aspecto: a designação da profissão de Júlio Ribeiro – *mestre de línguas*. [professor]

Sobre esse enlace, alguns anos depois, o pastor Antonio Pedro de Cerqueira Leite, falecido prematuramente aos trinta e oito anos de idade, encontrou nos arquivos da igreja presbiteriana de Sorocaba uma nota a respeito do fato:

Julio César Ribeiro e Sophia Aureliana de Souza. Segundo um pequeno apontamento que encontrei, feito pelo Rev. Sr. G.W. Chamberlain, as duas pessoas acima mencionadas casaram-se nesta igreja no dia 5 de fevereiro de 1871. Suponho ter sido celebrante o mesmo sr. Chamberlain. Nada mais continha a referida nota. Sorocaba, 17 de julho de 1877. (a) Antonio Pedro Cerqueira Leite (*apud* CAVALHEIRO, p. 62).

Esse apontamento divergiu do livro de Registro de Casamento de Nacionaes e Extranjeros, não cathólicos,²¹ no tocante ao dia e local da celebração. No livro de registro consta o dia quatro e a residência dos Bertholdo como local da cerimônia, enquanto que no apontamento consta o dia cinco e a igreja como lugar da celebração. Considerou-se nesta pesquisa o dia quatro e a residência da noiva como registro oficial.

Depois de casados, Júlio, Sophia e Maria Francisca foram morar na Rua Nova da Constituição, nº 23, em Sorocaba.

Em 21 de novembro de 1872, o jornal sorocabano *Ypanema* publicou em suas páginas um resumo do *censo populacional* sobre a província sorocabana. Esse censo se tornou interessante porque mostrou a realidade social vivida por eles no início do casamento. A população foi assim recenseada e registrada por Cavalheiro:

Na cidade 4.793 e nos bairros 8.166. Desses os brasileiros eram 12.258, estrangeiros 701, sendo os homens 6.414, as mulheres 6.545, brancos 8.044, pardos 2031 e pretos 2.884.

Pessoas livres eram 9.889, escravos 3.070. Católicos 12.892, acatólicos 67, Hospedes 122, ausentes 182. Solteiros 8.820, casados 3.237, viúvos 902.

As nacionalidades variavam, desde brasileiros 12.258 a americanos 12, portugueses 110, ingleses 4, franceses 3, alemães 49, italianos 19, espanhóis 7, suíços 5, prussianos 21, húngaros 3 e africanos, 468.

Suas profissões diversificavam: lavradores 2.456, negociantes 338, empregados públicos 22, padres 5, advogados 5, solicitadores 2, médicos 2, farmacêuticos 2, relojoeiros 3, ourives 25, fotógrafos 1, pintores 17, tipógrafos 7, músicos 23, alfaiates 52, marceneiros 27, carpinteiros 111, seleiros 72, sapateiros 55, serigoteiros 52, armadores 2, trançadores 24, chapeleiros 27, ferreiros 97, pedreiros 61, latoeiros 8, fogueteiros 19, barbeiros 2, ferradores 8.

O grau de instrução oscilava entre os que sabiam ler 2.493. Os analfabetos 10.466, menores de 15 anos que freqüentavam as escolas 631 e aqueles que não freqüentavam a escola 1.684 (*apud* CAVALHEIRO, 2001, p. 66-67).

Esse censo mostrou a preponderância católica de aproximadamente treze mil pessoas, contrastando com um número reduzido de acatólicos, contando com aproximadamente setenta pessoas. Importante ratificar que em 1872 a Igreja Presbiteriana de Sorocaba contava com três anos de organização.

O segundo casamento protestante em Sorocaba foi o da irmã de Sophia, Olimphia Bertholdo, que contraiu núpcias com Antonio Bandeira Trajano. A celebração se deu na residência da noiva em 8 de março de 1873 e foi conduzida por Chamberlain.

Trajano, concunhado de Ribeiro, foi ordenado ao ministério pastoral da Igreja Presbiteriana em 1875, sendo o primeiro pastor brasileiro da Igreja Presbiteriana do Rio

²¹ Este livro encontra-se guardado no Museu Histórico Sorocabano. O registro referido ao enlace de Júlio Ribeiro e Sophia consta como sendo o de número 85.

de Janeiro. Concomitante ao pastorado, foi professor e autor de livros didáticos de matemática [aritmética e álgebra] que lhe proporcionaram amplos recursos de subsistência. Em 1879, seus “livros começaram a ser publicados e utilizados por vários anos em escolas do Brasil, recebendo elogios de especialistas na matéria” (MATOS, 2004, p. 318).

Após o casamento, Ribeiro continuou com os seus esforços missionários em jornadas pelo interior paulista. Segundo Matos, ele utilizou o púlpito em diversas ocasiões, pregando em várias igrejas do interior de São Paulo onde “ocupou a tribuna evangélica em mais de um lugar” (MATOS, 2004, p. 467).

Um desses lugares ficou sem registro. Cerqueira Leite e Júlio Ribeiro visitaram uma igreja presbiteriana em 13 de abril de 1873, sendo que nessa visita o primeiro ratificou: “[...] hontem, domingo de paschoa, Júlio Ribeiro improvisou um bello sermão sobre os padecimentos de Christo e eu a noite improvisei um sobre a ressurreição” (*apud* LESSA, 1938, p.79). Na pesquisa, não foi possível identificar qual seria essa igreja, todavia arrisca-se dizer que foram as de Itapira ou Sorocaba.

Em carta datada de Itu, em 4 de maio de 1873, Ribeiro escreveu à Maria Francisca comunicando suas saudades, seus presentes e seus problemas de saúde:

Estou com saudades reaes de Vmce, não posso tirar sua imagem de meu espírito: escreva-me para me dar algum allivio. Viemos com Josephina e Joaquim Elias até Belem no mesmo carro veio um conhecido meu e um outro que não conhecia que nos encheram de favores. Em Jundiahhy encontrei dona Rita velha que vinha para Itu nos deu queijo, doces, vinho e etc... Em Itu achamos o Vicentinho que nos deu um guarda-sol de seda; e também o Sr. Cruz e dona Anna Candida que estão para ca mudados. O trolly chegou e amanhã si Deos quiser contamos partir as 4 horas da madrugada, em companhia do Coronel Freuly e da sua senhora. Já vê que a viagem tem sido abençoada por Deus, e tenho fé no bom Jesus que continuara a sêl-o. Mil lembranças ao Sr. Chamberlain, ao Joaquim Elias, Josephina, Jose da venda, Candida, Joaquim e todos. Sophia está dormindo, por isso lhe não manda dizer nada. A minha dor de cabeça continuou por todo o dia, mas agora vae melhor...

Essa correspondência evidenciou a companhia de Sophia em suas viagens missionárias. Nas demais cartas, não foram encontradas notícias de sua companheira em outras jornadas.

Em 27 de junho de 1873, de Sorocaba escreveu à mãe que se encontrava em São Paulo, informando-a sobre o desejo da igreja de Sorocaba em contar com os serviços pastorais do Rev. Emanuel Vanorden:

Sophia vae bem, porem não tem dado signal de adoecer...Pelo correio passado escrevi ao Sr. Chamberlain; diga-lhe que hontem fui a reunião de que lhe fallei, e fiz o que pretendia... D. Antonia, o Sr. Bertoldo e D. Benedicta não achas conveniente que eu saia sem Sophia dar a luz, porque temem que o abalo da separação possa ocasionar um aborto... Desculpe-me com o Sr. Chamberlain... Mamãe, eu estou morto de saudades de Vmce e de S. Paulo: a minha vida é aborrecida porque quase não saio, vivo traduzindo, conversando e lendo: aos domingos e quartas prego. Diga também ao Sr. Chamberlain, que está prompto um abaixo assignado, chamando para pastor desta igreja o Rev. Sr. Vanorden... Dê mil saudades a nossa Josephina, aos crentes, ao excellent Chamberlain, ao Sr. Vanorden... e até ao Antonio Pedro [Cerqueira Leite] que não se lembra mais de mim.

Essa carta mostrou o momento em que Ribeiro se referiu à sua vida como sendo algo “aborrecido”, apontando o fato de estar com saudades da mãe e de São Paulo, de estar em casa conversando, lendo, traduzindo e pregando duas vezes por semana. Percebeu-se que seu ânimo começava a dar sinais de arrefecimento.

Em Sorocaba, no dia 10 de julho de 1873, relatou à mãe sua doença, bem como o sofrimento de Sophia pelo risco da gravidez:

Estive 3 dias de cama com o mais terrível acesso de bronchite que tenho tido em minha vida, estou melhor, porem ainda tusso e soffro bastante... No dia 9 Sophia deu os primeiros signaes de parto. No dia 10 cessaram, voltaram no dia 11 e desde então até a hora presente (3 e tanto da madrugada) tem gritado com dores horríveis e é sob a pressão do sofrimento que me causam seus gritos que lhe escrevo....Ore, ore, muito por nós, e peça ao Sr. Chamberlain que o mesmo faça: só Deos nos pode valer nestes apuros.

Notou-se nesse relato o pedido aflito de oração em seu favor e de sua esposa. Essas mazelas foram implacáveis com a família Ribeiro no decorrer dos anos, contudo a oração foi um lenitivo para suas vidas em momentos de crise.

Segundo informações do rev. Alfredo Guimarães, a Igreja Presbiteriana de Itapira, em 1876, recebeu a visita do missionário da missão de Nashville, Edward Lane e de Júlio Ribeiro. O momento foi registrado assim por Lessa: “[...] No dia 23 de dezembro de 1876 chegaram aqui o rev. E. Lane e Julio Ribeiro. Pregaram sabbado e no domingo houve celebração da Ceia do Senhor” (*apud* LESSA, 1938, p. 82).

A possibilidade de Ribeiro ter pregado em outras oportunidades em Itapira pode ser admissível devido a este testemunho de Guimarães dado a Lessa, o qual o mesmo confirmou: “Contou-me um velho crente, em Socorro, que o ouvira pregar em Itapira” (LESSA, 1938, p. 79).

Concomitante à atividade religiosa, Ribeiro atuava na imprensa secular. Com o convite para administrar um jornal em Sorocaba, suas jornadas missionárias, aos

poucos, foram perdendo o vigor e o jornalismo ocupando um espaço maior de seu tempo. Sua atuação na imprensa sorocabana se deu em dois momentos. O primeiro, de 1871 a 1872, com interregno em 1873 e o segundo, de 1874 a 1875.

2.7 Mandrágoras da Palestina

O primeiro momento de Júlio Ribeiro se deu no mês de abril de 1871 quando assumiu as funções de editor e chefe de redação do jornal *O Sorocabano*, periódico semanal, cujo nome foi posteriormente modificado para *O Sorocaba*, em setembro do mesmo ano, e cujo lema versava: “*Quem bonum civem secernere sua a publicis consilia?*” [Titus Livius, IV-57].²²

O fato de ocupar a redação de um jornal, segundo salientou Silveira (2008), explicou-se pela sua vinculação com a família Bertholdo, constituída em sua maioria por presbiterianos e maçons liberais, que criou condições para que ele estabelecesse relações sociais que lhe abriram possibilidades de ascensão social como homem de imprensa. A ligação com a família Bertholdo, principalmente com o irmão de Sophia, Justiniano Marçal, jornalista, proporcionou abertura para que ele pudesse relacionar-se com um grupo de pessoas ligadas à maçonaria que também se destacavam na imprensa sorocabana.

Ribeiro filiou-se à Loja Maçônica Perseverança III de Sorocaba em 1871, recebendo o grau 18 – Príncipe Rosa Cruz. Sobre isso Aleixo Irmão, informou:

Isto posto, no dia 25 de fevereiro de 1871, estando na presidência dos trabalhos José Leite Penteado, sendo seu primeiro vigilante Manuel Lopes de Oliveira, segundo Francisco de Assis Machado, orador Paulo Gomes e secretário José Antonio Cardoso, foi Júlio admitido no grau 18 – Príncipe Rosa Cruz - estando com 26 anos. Viera da Loja América (SP), onde também se filiara em 29-8-1870 (ALEIXO IRMÃO, [s.d.] p. 62-63).

Sua participação maçônica foi destacada com atuações pontuais em favor da libertação de crianças escravas, por meio de intervenções e doações à caixa de emancipação da loja sorocabana, e dos direitos dos acatólicos [protestantes].

²² Tradução do latim: “Que bom cidadão separa as suas aspirações particulares das públicas?”

A informação de Aleixo Irmão confirmando sua primeira filiação em 29 de agosto de 1870 destoa da carta que o próprio Ribeiro escreveu à sua mãe datada de São Paulo em 13 de janeiro de 1868 em que ratificou: “[...] Entrei para a maçonaria... quem quiser fazer parte de tal sociedade, é preciso que tenha uma coragem mais que humana: vêm-se cousas...”

Fruto de dissidências políticas na Loja Maçônica Constância de Sorocaba, a Perseverança III, segundo Silveira (2008), foi fundada em 1869 e aglutinou um grupo de “homens de pro”, com projeção política, econômica e social na cidade e cujas ocupações se distribuíam, embora de modo desigual, entre a advocacia, o comércio e o funcionalismo público. O ingresso nessa instituição só seria possível se o candidato obedecesse a alguns requisitos mínimos, como:

Ter 21 anos de idade, instrução primária, ter reputação de bons costumes e de observar os deveres sociais, ter ocupação livre e decente e meios suficientes de subsistência, estar isento de crime e não possuir nenhum defeito físico (BARATA, 1999, p. 42).

A maçonaria no Brasil, e especificamente em Sorocaba, segundo o que analisou Barata (1999), constituiu-se numa instituição elitista, pois excluiu de seus quadros a grande maioria da população que não se incluía nos critérios acima. Ainda segundo ele, dos vinte e quatro homens que fundaram a Perseverança III dois foram advogados; doze foram negociantes; dois, funcionários públicos; três, militares; um, dentista; e ainda três, cuja ocupação não fora indicada.

Em muitas vezes, a atividade de negociante coincidiu com a condição de proprietário de terras e político. Apesar de seu elitismo, Martins (1978) afirmou que essa instituição constituiu um “locus” que agregou elementos da camada média urbana de fins do século XIX.

Ser maçom significou para Júlio Ribeiro uma forma de inserir-se no debate político do momento, mas também a possibilidade de travar relações sociais que se mostraram vantajosas para sua carreira. Afinal, ali aglutinou a “fina flor” da inteligência do país (SILVEIRA, 2008, p.51).

A maçonaria foi um espaço de contestação da política vigente da época, com seus filiados defendendo ideias científicas, modernas e progressistas, como também a liberdade religiosa e o direito do cidadão de professar outros credos confessionais. Sua atuação foi filantrópica, mas, sobretudo, política, pois seus membros tinham um projeto

de sociedade e atuavam para executá-lo. Na Perseverança III, a maioria de seus membros professava a fé católica e a minoria, a fé protestante, no entanto isso não impediu que os católicos apoiassem os protestantes na defesa de seus direitos.

Júlio Ribeiro defendeu os direitos dos protestantes em enterrar os seus mortos, pois o espaço reservado no cemitério municipal fora destinado somente aos católicos. Ao defender essa causa, ele defendeu o seu próprio direito. Em documento endereçado à Câmara Municipal de Sorocaba, ele oficializou o pedido, conforme registrou Aleixo Irmão:

Os abaixo assignados vêm à presença de VV.SS. pedir que lhes sejam concedidas 20 braças de terra no fundo do cemitério municipal, com a mesma largura deste, para o fim de ahi fazer-se um cemitério de protestantes, onde, alem dos cadáveres d'estes, os suplicantes se propõem mandar enterrar os das pessoas pobres, os recém-nascidos não baptisados, e todos os restos mortais que n'aquelle não puderem ser recebidos, em observância das determinações da igreja catholica romana, ou por outro qualquer motivo.

VV.SS não deixarão de reconhecer que é justa a pretensão; não só porque em muitas e importantes cidades do paiz eguaes concessões tem sido feitas aos sectários de religiões diferentes da do estado, como porque a tolerância devesse recusar a faculdade de possuírem um logar onde sepultar os corpos de seus irmãos. Confiados na illustração de VV.SS que sabem respeitar a liberdade de consciencia e na tolerância com que as instituições pátrias garantem a religião, de que são fieis, os baixo assignados ousam esperar a concessão requerida (*apud* ALEIXO IRMÃO, [s.d.], p.70).

O requerimento enviado ao Legislativo Municipal baseou-se na tolerância e fraternidade que foi o ideário dos maçons. O documento foi mais além dos direitos dos protestantes, ele intercedeu também por aqueles que não se encaixavam nos preceitos do catolicismo.

Essa atitude de Ribeiro ganhou repercussão e a simpatia não só dos acatólicos da cidade, mas também das cidades circunvizinhas e principalmente dos maçons sorocabanos. Os legisladores do município concordaram com os motivos expostos no documento e decidiram deferir.

Quanto ao deferimento que secularizou parcialmente o cemitério da província, foi lembrado que havia jurisprudência em instâncias superiores:

[...], aliás, a esfera da política central, que, em 1870, já havia expedido uma ordem ministerial segundo a qual todos os cemitérios criados a partir desta data deveriam reservar um espaço para se enterrarem mortos de outros credos (SILVEIRA, 2008, p. 58).

À época desse requerimento, como editor e redator-chefe de *O Sorocabano*, evidenciou-se que sua intervenção se fez não somente como protestante, mas também

como figura pública. A repercussão dessa decisão não agradou o pároco local, que declarou não ser reconhecido pela igreja católica o direito assegurado pelo mencionado aviso ministerial, pois isso significou, no entender do vigário, a profanação do cemitério.

Em réplica à negativa eclesiástica, assim escreveu em *O Sorocabano*, relatado por Silveira:

Nós que já uma vez, pregador do deserto, indignamos pela dispersão das cinzas, não podemos por certo lamentar menos que os protestantes sejam enterrados no campo, ou nas estradas, como tem acontecido (*apud* SILVEIRA, 2008, p. 59).

Segundo Barata (1999), suas palavras inseriram-se num quadro mais amplo de crítica ao discurso conservador ultramontano defendido pela Igreja Católica, que se baseou na oposição às concepções liberais, das quais os maçons e protestantes foram como proliferadores, daí terem sido alvo das invectivas de muitos clérigos católicos contra o perigo que, segundo estes, representaram à segurança da Igreja e do Estado. Segundo a Igreja Católica, os protestantes foram colaboradores dos maçons desde a origem destes últimos.

O mito de conspiração política dos membros da maçonaria com a cooperação dos protestantes no discurso da Igreja Católica serviu, de forma una e universal, tanto para a desqualificação da organização interna da instituição maçônica, quanto para a do protestantismo. Os maçons, no Brasil, tiveram a cooperação de republicanos e protestantes na defesa dos princípios liberais para a estruturação de uma sociedade mais livre, fundada na crença e na liberdade humana, e especialmente em sua luta contra o ultramontanismo da Igreja Católica, tido como o baluarte do conservadorismo, ou seja, como um importante obstáculo ao trabalho de reforma sociopolítico das instituições do período.

Também no caso de Ribeiro, em prol da secularização do cemitério, notou-se que a cooperação foi mútua entre protestantes e maçons, pois o assunto foi defendido não só pelos protestantes, mas também pelos grupos de contestação à ordem clerical, entre os quais se incluiu a maçonaria. Pode-se assim dizer que se tratou de um tema que foi além dos interesses de protestantes e maçons, uma vez que fez parte das discussões mais amplas do panorama político brasileiro.

No convívio com presbiterianos e maçons foi que ele obteve elementos necessários para sua atuação jornalística com ênfase na política marcada pela

contestação da ordem vigente: monarquia, escravismo, religião e estado. Sua atuação como jornalista no *O Sorocabano* e depois no *O Sorocaba* se caracterizou na discussão de assuntos atuais, entre eles a liberdade religiosa, tema que ocupou boa parte de seu primeiro momento em Sorocaba, as críticas ao catolicismo romano e a pregação de ideias republicanas. Essa experiência aprofundou sua prática política e demarcou seu “lócus” como “intelectual”, homem público e homem das letras.

No primeiro momento passado na imprensa sorocabana, Ribeiro obteve êxitos, mas também colecionou frustrações, o que o fez refletir sobre sua atividade jornalística, deixando Sorocaba e transferindo-se para São Paulo. O jornal *O Sorocaba*, em 1 de fevereiro de 1873, noticiou a seguinte nota que Aleixo Irmão registrou:

Maria Francisca Ribeiro, Sophia Ribeiro e Julio Ribeiro, não podendo despedirem-se pessoalmente de todos que os honraram com sua amizade, o fazem por este meio, aguardando na capital da província as ordens que se dignarem dar-lhes. Sorocaba, 27 de janeiro de 1873 (*apud* ALEIXO IRMÃO, [s.d.], p. 98.)

Uma das frustrações que o levou a deixar a província de Sorocaba, segundo apontamento de Aleixo Irmão, foi a desilusão com a política local:

[...] dois anos quase gastamos as forças na arena do jornalismo político: frutos amargos como as mandrágoras da Palestina foram o único resultado de nossos esforços. Abstemo-nos, pois, de trilhar por mais tempo essa vereda escabrosa que nos ensangüentou os pés. Não o poderíamos nunca. Como advogar os interesses de um dos partidos da Coroa? Pregar idéias democráticas, atrair sobre nós as iras dos que se alternam no poder, fazer toda sorte de sacrifícios, e ver depois os companheiros de ontem, os homens que se inscreveram como coordenadores do poder pessoal, a forjarem calúnias para se defender da pecha de republicanos, a tomarem assento como partidarista do terno nas mesas eleitorais é demais para nós que somos simplesmente um homem, que não temos a força divina do mártir do Calvário (*Ibidem*, p. 72-73).

Conflitos políticos adquiriram dimensões pessoais, especialmente por ele ter sido chamado de porta-voz dos interesses de um partido da Coroa. Júlio Ribeiro não aceitou a acusação, pois se considerava um defensor das ideias democráticas.

Além das desavenças políticas que motivou sua primeira saída de Sorocaba, destacaram-se outros fatores como as dificuldades financeiras e o futuro incerto.

Com a mudança de Ribeiro para a capital da província em 1873, deixaria de ser frequente sua visita em companhia dos amigos Justiniano, Almeida Júnior e Pedro Alexandrino a cervejaria do alemão Scheming em Sorocaba.

A cervejaria frequentada por eles foi descrita por Santos como sendo um lugar onde:

[...] as árvores frondosas, em mesas rústicas com tolhas de xadrezinho, iluminadas por luminárias japonesas de papel, do tipo sanfona, posteriormente, no advento edsoniano, substituídas pelos filamentos incandescentes em globos de vácuo, sentava-se a sociedade sorocabana “avançada”... grandes canecas de cerâmica, pintadas em figura de relevo, de animais, bodes, touros, cabras, faunos, e de ninfas lúbricas e frutos simbólicos, parras enroscadas, cachos de uvas, tudo em azul e amarelo, eram emborcadas, segurando-se nas alças onde se prendiam as tampas de *pewter* que roçavam as faces reluzentes dos bebedores... Diante das garrafas vazias desfilavam os assuntos palpitantes da época... a ereção do Monumento da Independência, a escravatura, tudo se debatia acaloradamente... (SANTOS, 1946, p. 17).

Notou-se que a cervejaria também era um lugar de debates políticos, principalmente em temas relativos à escravidão e à república, em que Ribeiro se inseria na condição de homem público e atualizado.

Certamente o futuro gramático deixaria também de frequentar, na companhia de seus amigos, um requintado comércio localizado no largo da matriz de Sorocaba:

O Ponto era a tabacaria onde se encontravam os melhores fumos, e não concorria com as vendas em imundície. Era, pelo contrário, uma das poucas casas de negócios decentes e limpas, onde se podiam reunir as pessoas notáveis para dois dedos de prosa... *O Ponto* era até montada com certo luxo e elegância, como os congêneres de Lisboa (SANTOS, 1946, p. 37).

Diante desse panorama que marcou a primeira estada de Ribeiro em Sorocaba, percebeu-se a consolidação do homem público e sua inserção social nos segmentos da província. Percebeu-se também um distanciamento dos costumes propugnados pelos protestantes presbiterianos.

2.8 A glória da queda

No limiar de 1873, segundo Bandeira (1958, p. 993), Ribeiro foi “nomeado para agente da Fábrica de Ferro de Ipanema em 10 de janeiro de 1873”, porém não tomou posse do cargo. Essa desistência o fez “tentar a sorte” em São Paulo de onde, após um período de experiência como fabricante de remédios caseiros, retornou a Sorocaba no

final do mesmo ano para iniciar o segundo momento de sua atividade jornalística, agora na direção da *Gazeta Commercial*, entre os anos de 1874 e 1875, período também da duração do Jornal. Seu retorno deveu-se ao convite do imigrante húngaro Luis Mateus Maylasky que chegou a Sorocaba em 1865. O imigrante construiu uma carreira rápida e próspera atuando na agricultura e indústria da região.

Maylasky foi um empresário, um empreendedor que, a fim de divulgar a cultura do algodão, fundou o jornal *O Araçoiaba*, o Gabinete de Leitura de Sorocaba e também a Sociedade Progresso de Sorocaba com a finalidade de instalar uma indústria de tecidos na cidade. Também foi um dos fundadores da Loja Maçônica Perseverança III e da Cia. Sorocabana, cujo objetivo foi construir uma estrada de ferro entre São Paulo e Sorocaba a fim de beneficiar o empreendimento do algodão e da fábrica.

Com problemas políticos em seus empreendimentos, que foram constantemente expostos na imprensa local e regional, Maylasky, o proprietário da Cia. Sorocabana, a fim de preservar sua imagem e o seu empreendimento, resolveu fundar um jornal que pudesse preservá-lo dos ataques e dar visibilidade à sua gestão empresarial. Foi com esse propósito que surgiu a *Gazeta Commercial* de Sorocaba, empreendimento jornalístico que contou com financiamento integral de Maylasky.

Para gerenciar esse projeto, ele convidou Júlio Ribeiro oferecendo-lhe toda a infraestrutura necessária para que ele pudesse desenvolver seu trabalho com eficiência e modernidade. Ribeiro, então, retornou a Sorocaba e acompanhou a montagem da oficina tipográfica do jornal e também fiscalizou a montagem da impressora por ser máquina parisiense. A tipografia da *Gazeta*, moderna para a época, foi a primeira oficina movida a vapor de Sorocaba.

Os assuntos que ele tratou no jornal foram temas diversos como destruição das matas [desmatamento], falta de escolas [políticas públicas], vacinação [investimento na saúde pública], defesa do solo [investimento na agricultura]. De forma contundente, ele assumiu a defesa da Cia. Sorocabana e de seu gestor, bem como assumiu a responsabilidade de promover a cidade de Sorocaba e o seu desenvolvimento, sendo que para isso teria que:

[...] tornar mais conhecido e melhor avaliado este torrão; de patentear a fertilidade do seu solo, a amenidade do seu clima, a riqueza das suas minas, de atrair para ele as vistas da imigração, não refugiremos ao trabalho, por espinhoso que seja; procuraremos, quanto em nós couber, fomentar o seu engrandecimento, animar a sua lavoura, facilitar as suas transações; a sua prometedora linha férrea, já em vésperas de ser entregue ao tráfego, merecer-nos-á cuidado especial, desvelando-nos nós em promover o seu prolongamento

aos municípios vizinhos, cujos interesses torna-se comuns com os deste.²³

A defesa da linha férrea foi tema constante nas inserções de Ribeiro na *Gazeta*. Com isso, ele angariou a antipatia de uma parcela dos formadores de opinião da província, e entre eles o proprietário do jornal *O Ypanema*.

Uma forte inimizade pessoal e pública contraída entre Maylasky e Manuel Januário de Vasconcelos [Maneco], proprietário do *O Ypanema*, atingiu diretamente Ribeiro, o redator da *Gazeta*, com ataques pessoais desferidos, conforme se notou nesta sátira publicada em 1874. Essa provocação levou a efeito as crenças religiosas e a inconstância profissional, ratificados assim por Silveira:

Fui católico romano,
Hoje presbiteriano,
E amanhã maometano,
Se as circunstâncias exigir!...

Fui monarquista exaltado,
Republicano danado,
E hoje sou moderado,
Porque não posso tugar.

Já fui mestre e jornalista,
Boticário e romancista,
E ser médico tinha em vista,
Mas tornei-me carnicheiro.

De Ashaverus tenho a sina,
Atirei-me com a medicina,
Fui em busca de outra mina,
Não quis ser mais boticário!

Nada mais de xaropadas,
Vivamos a regulada,
Levemos vida folgada,
Que é vida de mercenário!
(*apud* SILVEIRA, 2008, p. 39-40).

A despeito de seu tom negativo na maneira de referir-se à inconstância profissional e político-ideológica de Ribeiro, esse poemeto satírico representou a realidade no que diz respeito às crenças religiosas em que se apegou. Na cidade em que formou uma família, ele mesmo deu publicidade afirmando ser um homem marcado pelo sofrimento. Isso se confirmou no editorial que escreveu por ocasião do

²³ Texto da *Gazeta Commercial* com data de 7 de outubro de 1874 *apud* Aleixo Irmão, [s.d], p. 99-100.

encerramento das atividades da *Gazeta Commercial*, e que foi ratificado por Aleixo Irmão:

Com o presente numero da *Gazeta Commercial* nos despedimos de nossos assignantes. É uma despedida chêa de dores, em que só encontramos para lenitivo do coração o respeito que inspira o infortúnio.

De facto há alguma cousa de grandioso, de solemne, de sagrado até, no fracasso estertoroso do cedro que tomba, no ultimo suspiro de um moribundo, na derradeira irradiação de um luminar que se extingue: é a glória da queda.

[...] As mil causas que nos arredam do páreo são conhecidas de nossos amigos; aos indifferentes nada temos a dizer: aos que com o riso nos lábios aguardam este momento para nos lapidarem, certos de que temos nobreza bastante para não pagar apodo com apodo, doesto com doesto, calunnia com calunnia, um convite, uma incitação: eil-a:

Vinde, corvos esfaimados, abutres da maledicência, um pábulo pingue se apresenta, fartae-vos neste charco em que escabujaes apanhae lodo ás mancheias e atirae-nos à face; Do alto do equileo em que nos esforçamos, vos olhamos com profundo desprezo.

[...] Prezamo-vos, povo sorocabano, como se entre vós tiveramos a dita de nascer; foi de entre vós que escolhemos a companheira de nossos trabalhos, foi dentro de vossos términos que ouvimos o primeiro vagido, que nos embellezamos no primeiro sorriso do filhinho querido. Em qualquer parte a que a fortuna nos arroje Sorocaba será sempre para nós uma lembrança grata, que não poderá enupear a recordação do muito que sofremos (*apud ALEIXO IRMÃO*, [s.d.], p. 192-193).

Apesar do sofrimento causado pelas intrigas dos inimigos e pelo encerramento das atividades do jornal, ficou evidente que Sorocaba ainda era para ele um lugar especial, um lenitivo para o seu coração. Embora tenha declarado uma afeição especial à cidade, ele decidiu recomeçar a vida numa “mudança de ares”, em outro lugar. Sendo assim, comunicou à Perseverança III sua intenção de morar no exterior. Para isso foi que, em 13 de setembro de 1875, em sessão nas dependências da loja, ele foi elevado ao grau trinta na hierarquia da instituição.

Segundo Silveira, a promoção, confirmada pelo maçom sorocabano Vicente Eufrazio, “visava atender uma necessidade, visto como o referido irmão Julio Ribeiro vai se retirar da cidade, indo residir, talvez, em algum país estrangeiro” (*apud SILVEIRA*, 2008, p.81). A intenção de residir no exterior não prevaleceu, seu tempo foi passado a maior parte no interior de São Paulo.

Como os planos de se ausentar do país se tornaram frustrados, prevaleceu os momentos de entretenimento e diversão em São Paulo. Em um desses momentos, declarou, com o registro de Santos:

Não estive, na passagem por São Paulo, apenas nos novos prostíbulos elegantes – continuou - Fui também ao “São José” e ao “Politeama”. Este último, digamos de passagem, é um barracão sórdido, coberto de zinco, uma estufa! Pois é para ver e regalar o comportamento da classe de gente que os frequenta: homens e mulheres previnem-se com pacotes de balas de ovos, de chocolates franceses, e durante todo o espetáculo é um acompanhamento lamentável de papéis amarrotados... parece estarmos num convescote e não num teatro (*apud* SANTOS, 1946, p. 185).

Os lugares frequentados por ele certamente não condiziam com sua situação de protestante. Como frequentador de cervejaria, tabacaria, prostíbulos, teatros, além de ferir as normas de conduta da igreja da qual era membro, evidenciou progressivamente o seu distanciamento da religião cristã. Em relação ao teatro, evidenciou-se uma relação antagônica. Em carta endereçada à Maria Francisca, datada de Campinas em 24 de agosto de 1879, Júlio Ribeiro informou:

[...] Veio aqui o Rossi, o primeiro artista dramático do mundo, um homem assombroso que tem representado perante todos os reis ilustrados do mundo e que veio a Campinas por capricho ou não sei porque. Era uma ocasião única e eu não quis perdê-la. Como sobre isso foi uma exceção, eu não gosto de theatros... (grifo de Júlio Ribeiro).

Embora ele tenha declarado que não gostava de teatros, até mesmo grifando a palavra, na prática o que se percebeu foi o inverso.

Ainda em Sorocaba ele vivenciou dramaticamente a fé, a dor e o sofrimento. Anos mais tarde, em carta à Maria Francisca, confidenciou as suas mazelas que marcaram o percurso de sua vida: “Minha querida mãe. Eu sou um homem de dores, experimentado em trabalhos”.²⁴

Ao designar a si mesmo homem de dores na intimidade do refúgio maternal, Ribeiro mostrou uma face de seu percurso que pareceu ser a chave da leitura que fez de sua vida. Isso porque, segundo Silveira (2008), essa imagem de infortunado não se restringiu às confissões feitas a entes queridos, mas também se expressou em seus textos jornalísticos, embora sempre limitados a episódios que feriram sua hombridade e/ou sua capacidade intelectual, nos quais fez questão de sublinhar que foi um homem íntimo conhecedor do fracasso.

As crises pessoais e familiares contribuíram para o seu desligamento definitivo do protestantismo que se evidenciou em 1885, conforme ele mesmo declarou na

²⁴ Carta de Júlio Ribeiro à sua mãe Maria Francisca datada de 30 de outubro de 1888.

imprensa paulistana: “Agora uma declaração preliminar, quiça desnecessária: não tenho religião...” (RIBEIRO, 2007, p. 15).

As dificuldades ficaram evidentes principalmente pelas constantes e prolongadas ausências do lar, pelo luto e pela doença. O casamento de oito anos com Sophia ficou marcado por momentos de tensão, dramaticidade e escândalos. Júlio Ribeiro e sua esposa viveram um relacionamento conjugal com crises intercaladas, culminando com um final desastroso. Sophia foi uma mulher de saúde frágil, sofrida e mãe de três filhos: Selomith, Joel e Jorge, a quem Ribeiro em uma de suas cartas se referiu como sendo “o meu amado boca de raposa”.

Suas constantes viagens, que absorvido em suas preocupações pessoais e rotineiras, deixou de oferecer à esposa o amor, o cuidado e a atenção de que precisava, provavelmente foram motivos que acentuaram as dificuldades de relacionamento e o desgosto dela pela vida. Nessa fase doméstica, ele se mostrou um marido indiferente aos acontecimentos familiares, um homem de espírito inquieto, inconstante, que não ofereceu a segurança que seus próximos precisaram. Segundo Santos, ele foi um homem “versátil, inseqüente, continuava sua vida. Dispensava cuidados à esposa, dentro de limites, não deixando interferir seu trabalho ou seus prazeres com a irregularidade doméstica” (SANTOS, 1946, p. 115).

Sophia e Júlio Ribeiro iriam vivenciar pela primeira vez a morte de um ente querido. A filha Selomith faleceu em 1875, com menos de quatro anos de existência, o que fez Ribeiro escrever uma carta angustiada à sua mãe:

Selomith continua a sofrer... Espero, porém, em Deus que na concedeu, que há de sarar... Selomith poucas esperanças dá... Sophia sofreu uma operação no peito e está bastante doente; eu estou bem de saúde, mas com o peito despedaçado, porque sofri o que a Senhora nunca sofreu. Já não tenho filha! No dia 26, às 9 e meia horas da noite morreu Selomith. Deus nos console (*apud* BANDEIRA, 1958, p. 994).

Esse motivo, aliado a outros, provavelmente levaram Sophia a se aproximar das bebidas alcoólicas.

O consumo da bebida e as consequências dessa prática foram assim descritas por Santos: “aguardentes de cana, comprada aos garrafões, e daí por diante todos a deram por irremediavelmente perdida para o convívio social” (SANTOS, 1946, p. 115). O alcoolismo estava tão acentuado que o vício passou a ser prática diária e os problemas

decorrentes também: “habitando aos álcooes e quase não passa dia sem dar um escândalo com gritos estéricos que põem em polvorosa toda visinhança” (*Ibidem*, p. 20).

Em outro momento, foi relatado o seu intenso sofrimento, quando se encontrava em sua casa e em estado deplorável: “[...] deitada, com a cabeça para fora e para baixo, vomitando uma gosma branca... as pernas dela estavam sem roupa, os cabelos todos desmanchados... vomitava no chão” (*Ibidem*, p.72).

O consumo contumaz da bebida ocasionou a rápida degradação física e psicológica de Sophia:

A breve perturbação dos sentidos provocada pelo álcool, de tanto agrado nos primeiros tempos, quando julgava apressar os momentos de solidão, foi-lhe fatal. Incompatibilizou-se, cada vez mais com o marido, acabando-se totalmente por perder o amor próprio. Esqueceu da compostura e dos elementos morais que edificavam sua personalidade (SANTOS, 1946, p. 115).

A incompatibilidade com o marido tornou-se para ela um fardo, um problema aparentemente sem solução. O problema conjugal e as dificuldades no lar contribuíram no processo de agravamento de sua doença. Depois de um período de ausência de Sorocaba para tratamento da saúde, o jornal *O Ypanema*, em 6 de junho de 1879, publicou uma nota noticiando o retorno de Ribeiro e Sophia, que muito doente voltou à cidade em “busca de ares”, pois estava sofrendo de terrível moléstia que lhe minava progressiva e violentamente a existência.²⁵

Os ares de Sorocaba não foram suficientes para sua melhora. Meses depois, aos vinte e dois anos de idade, sua agonia chegou ao fim, conforme registro de Aleixo Irmão:

No dia 30 de julho [1879], pelas 10 horas, faleceu d. Sofia Aureliana de Souza Ribeiro. Foi enterrada em Sorocaba, sua terra natal, com grande acompanhamento: “tocou marchas fúnebres a Banda sete de setembro. Antes de baixar ao túmulo, no cemitério acatólico, falou Alberto de Araújo, despedindo-se dos amigos (*apud* SILVEIRA, 2008, p. 35).

Percebeu-se que no enterro de Sophia não houve por parte da imprensa local nenhuma menção à presença de protestantes, seja de pastores, missionários ou leigos. Oportuno destacar que não houve cerimônia religiosa no cemitério acatólico e quem

²⁵ Embora não houvesse informações explícitas sobre a doença que a acometeu, tudo indicou que sofresse de tuberculose.

usou da palavra foi o maçom Alberto de Araújo, pertencente à Loja Constância de Sorocaba.

Posteriormente, Ribeiro foi severamente criticado pelos pais de Sophia por não ter dispensado a ela o cuidado e a atenção necessários nos momentos em que ela mais precisou de apoio. Tempos depois, ao escrever uma carta a Justiniano, ele afirmou estar arrependido. Eis, o final da carta asseverada por Santos:²⁶

Diga a D. Antonia que sinto muito os incomodos della e do velho; que sou para com elles sempre filho, e que só com lembrar-me de que são os paes daquella que eu não posso esquecer, sinto-me cheio de amor e respeito e arrependidissimo de alguns desgostos que lhes dei a elles por força de gênio e de mocidade, e não por maldade de coração. Que me perdoem e me estimem; que estimem aos innocentes filhos de sua santa filha. Lembranças a Nhazinha, Nhá Ninha, a todos. Julio Ribeiro (*apud* SANTOS, 1946, p. 209).

Nessa missiva, ele responsabilizou a sua mocidade e o seu “gênio” pelo descaso com a mulher e solicitou perdão aos pais de sua falecida esposa.

Depois da morte de Sophia, os filhos do casal tiveram destinos diferentes. Joel ficou a maior parte do tempo sob a responsabilidade do pai, enquanto Jorge, sob os cuidados da avó paterna. Enquanto isso, Ribeiro lamentava sua condição de “solteiro”. Em carta datada de Campinas, em 29 de abril de 1880, confidenciou:

Minha mãe, com franquesa, não tenho mais jeito para a vida de solteiro, é uma vida triste e pecaminosa, o homem solteiro nem pode ser puro, nem pode viver muito... escreva-me nem que seja só duas linhas para eu saber da sr^a e de Jorge”.

Curioso o fato dele se referir à sua condição de solteiro e não de viúvo, no entanto o que se percebeu foi que meses depois ele encontrou uma nova companheira. Antes, porém de analisar o tema concernente a nova companheira, será evidenciado as cartas de Ribeiro a sua mãe entre 1879 e 1890, mostrando sua atenção e cuidado para com os filhos Joel e Jorge.

Em 24 de junho de 1879, escreveu: “Joel vai indo bem: eu estou muito triste pela moléstia de Jorge...”. Em 30 de junho de 1879, expressou conformismo: “Como vai o nosso querido Jorginho? Joel não está nada bom: será o que Deos quiser”. Em Campinas, aos 23 de agosto de 1879, em carta com tarja preta, solicitou: “beije a Jorge

²⁶ Esta carta foi escrita na cidade de Campinas em 27 de setembro [188-?].

por mim”. Na mesma Campinas, em 10 de setembro de 1879, em carta com tarja preta, escreveu: “Espero em Deus poder ir a Sorocaba visitar o meu Joel e trazê-lo conforme forem as coisas”, e sobre Jorge ele recomendou: “escreva-me sempre dando notícias do meu Jorginho...”.

Na província de Jaguary, em 17 de dezembro de 1880, externou sua preocupação com os filhos: “Estou aflicto com a mollestia das crianças e principalmente com a de Jorge. Como vai elle?”. Em 23 de julho de 1887, de Campinas, escreveu ansioso por notícias: “Escreva-me, que estou aflicto por saber da senhora, de Jorge...”. De São Paulo, em 19 de agosto de 1889, mandou lembranças ao Jorge.

Na mesma São Paulo, em carta de 25 de agosto de 1889, informou: “Joel entra como alluno interno para o Collegio Americano [Escola Americana]...” e finalizou dizendo “lembranças ao Jorge”. Em 30 de agosto de 1889, de São Paulo comunicou que “Joel fica com o Dr. Lane”.²⁷

No Rio de Janeiro, em 18 de setembro de 1889, solicitou à mãe: “beije por mim o Jorge...”. Também informou que estava enviando em anexo uma carta do Joel: “vai juncta uma carta de Joel que eu aqui recebi: que tal o rapaz? Está ficando bom”. Ainda no Rio de Janeiro, em 4 de abril de 1890, escreveu:

Meo bom Joel. Estou sósinho aqui no Rio de Janeiro porque é preciso ganhar o pão para todos! Triste sorte a do teu pae, meu filho! Dá lembranças a vovó e a todos de casa, e tu escreve-me. Ahi vão uns sellos bons, guarda-os. Teu pae e amigo. Julio Ribeiro. N.B. A minha saúde não é boa, fiquei muito doente em São Paulo, e ainda não estou bem.

Júlio Ribeiro estava no Rio de Janeiro a trabalho, no entanto, sua saúde cada vez mais precária, o fez retornar a Santos.

O poeta Manuel Bandeira em conferência sobre o *Centenário de Júlio Ribeiro* em sessão pública na ABL em 16 de abril de 1945, assim confirmou o percurso de Joel após a morte do pai: “Joel, residente em São Paulo, casado e com filhos” (BANDEIRA, 1958, p. 994).

²⁷ Dr. Horace Manley Lane, presbiteriano, médico e educador, fundador e primeiro presidente do Mackenzie College. Cf. Matos, 2004, p.115.

2.9 Always, always I trust in God [Sempre, sempre confio em Deus]

Segundo o que asseverou o pastor presbiteriano, professor e gramático Othoniel Motta, Júlio Ribeiro conheceu Belisaria Augusta Campos do Amaral numa viagem à província de Capivari, durante a qual teve como:

companheira de vagão a formosa d. Belisaria do Amaral, prima de Amadeu Amaral e de Rubens do Amaral. D. Belisaria, bela, inteligente, espirituosa e possuidora de um imenso coração, cativou o coração de Julio. Naquela viagem selou-se o destino de ambos (Cf. Motta. Othoniel, Julio Ribeiro. Folha da Manhã, São Paulo, 15 de abril de 1945. Arquivo Jolumá Brito).

Nascida em Capivari, em 1858, Belisaria foi prima do político campinense Francisco Glicério, deputado, senador e ministro da velha república brasileira [1889-1930]. Ela foi considerada uma mulher muito bonita, culta, de família tradicional de Capivari. Renunciou a seu noivado anterior para assumir compromisso definitivo com Júlio Ribeiro.

Sobre o tempo de namoro/noivado foi encontrada uma correspondência de autoria de Ribeiro e datada de Campinas, em 9 de novembro de 1881, em que expressou:

Belisaria

Escrevi algumas cartas todas talvez, mas sinceras, dictadas pelo coração. Esperava ter a alegria sancta e pura de receber uma resposta tua. Teu bom pae, porem, dizendo-me que não me responderias, “por não ser costume haver essas correspondências”. Lastimei que falta de habito me privasse do mais legítimo goso, o de receber uma carta de pessoa a que adoro e que já considero como minha esposa... Resignei-me e entendi que também não devia mais escrever, guardando tudo o que te tivesse a dizer para o tempo feliz em que os costumes não mais tivessem reparos a fazer sobre a nossa intimidade.

Recebi, hoje, porem uma carta de tu... melhor direi, de nosso pae, em que me diz que tinha sentido ter eu deixado de escrever.

Eis-me de novo escrevendo-te, apesar de não esperar resposta, e isso só porque não desejo dar-te nunca o mínimo motivo de desgosto.

Belisaria, que te direi eu?

Que te voto affeição profunda, imensa... isso saber melhor do que eu, porque as mulheres nunca se enganam sobre os sentimentos que inspiram. Estou contando os dias, as horas, os minutos que faltam para chegar a hora da partida do trem do dia 30. Minha mãe já te ama como sua filha que hás de ser, e nossos filhinhos dizem – Papae vá buscar mamãe.

Obtive não ter de ir a S.Paulo com os allunos para poder ficar em liberdade no tempo de nosso casamento, mas antes do dia 30 não poderei de certo ir ver-te: os rapazes estão atrasados no latim, e eu tenho de não faltar um só dia para que elles possam sahir-se bem nos exames. Adeus, até o dia venturoso em que terei o orgulho de chamar-te, minha mulher. Julio Ribeiro

Essa carta apaixonada mostrou um Ribeiro saudoso e ansioso pelo dia do casamento. O enlace matrimonial aconteceu em dezembro de 1881, provavelmente em Capivari, ele contava com trinta e seis anos de idade e ela com vinte e tres. Detalhes dessa cerimônia não foram encontrados durante a pesquisa. Frutos dessa relação foram os quatro filhos do casal: Julio, Cintila, Arya e Maria Francisca,²⁸ lembrados por Ribeiro em carta à Belisaria escrita em São Paulo, em 9 de agosto de 1885: “[...] beija os nossos quatro filhos...”

Dessa prole, Julio [Julinho] faleceu em 27 de outubro de 1888 de kholerina [cólera] e Cintila, recém-nascida, em 14 ou 15 de novembro de 1889.

A respeito do passamento de Julinho, Júlio Ribeiro escreveu de São Paulo, em 30 de outubro de 1888, uma triste carta à Maria Francisca informando-a sobre o funesto acontecimento, consignado assim por Aleixo Irmão:

Minha querida mãe

Eu sou um homem de dores, experimentado em trabalhos. Sabbado, 27 do telegramma no Rio de Janeiro, e Domingo vim-me embora. Imagine como eu encontrei a casa, e a misera Belisaria... Seu filho e amigo
Julio Ribeiro (*apud* ALEIXO IRMÃO, [s.d], p. 199).

Sobre a morte de Cintila, soube-se do caso por um artigo escrito em homenagem a Ribeiro pelo professor e membro do IHGGS, Aluisio de Almeida, o qual foi publicado pelo jornal *Diário de Sorocaba*, em 6 de novembro de 1965, registrado assim por Cavalheiro:

[...] No dia 15 de novembro de 1889, aqui encontrava com a família à Rua Padre Luis, na Casa do Convento de Santa Clara, onde hoje está a “*Folha Popular*”. Na passeata republicana do dia 17, o povo parou em frente à casa dele (a Câmara era ali perto, no atual correio) e alguém falou e ele respondeu, apesar do luto”. O luto era de Cintila a filha recém-nascida, que morrera entre 14 ou 15 de novembro sem saber a *causa mortis* (*apud* CAVALHEIRO, 2001, p. 52).

Com respeito às filhas sobreviventes, encontrou-se pouco material informativo. Sobre Arya descobriu-se apenas uma linha de uma carta de Ribeiro endereçada à esposa datada do Rio de Janeiro, em 3 de fevereiro de 1890. Nessa oportunidade, ele externou suas saudades da família: “[...] Estou morto de saudades da Cocó [Maria Júlia], da Arya, do Joel, do Jorge, de minha mãe, e mais do que todos, de ti...” [Belisaria]

²⁸ O nome de Maria Francisca foi substituído posteriormente para Maria Júlia em homenagem póstuma ao pai Júlio Ribeiro.

Sobre Maria Francisca, posteriormente Maria Julia, soube-se que ela foi admitida como membro da Igreja Presbiteriana de São Paulo em 6 de julho de 1902 e casada com o presbítero Albertino Álvaro Pinheiro, filho do também presbítero Joaquim Honório Pinheiro (MATOS, 2004, p. 468).

O historiador Lessa relatou um fato acontecido em seu tempo de solteira:

Em 11 de maio [1897] a Sociedade de Senhoras da Igreja Presbiteriana de São Paulo realizou uma kermesse muito movimentada e uma festa de confraternização. Fez um discurso a senhorita Maria Julia Ribeiro oferecendo ao pastor [Eduardo Carlos Pereira] o seu retrato, a meio corpo, tamanho natural, executado por Amador Amaral, tio da oradora (LESSA, 1938, p. 525-526).

Fruto do casamento de Maria Julia foi a filha Elsie,²⁹ nascida em 1912, que se tornou jornalista e cronista, sendo considerada um dos grandes nomes do gênero no Brasil. Elsie faleceu em 2000, aos oitenta e oito anos, em Cascais, Portugal, em decorrência de um câncer no fígado, sendo cremada na mesma localidade. A neta de Júlio Ribeiro foi casada inicialmente com o escritor Orígenes Lessa, filho do pastor e historiador presbiteriano Vicente Themudo Lessa, com quem teve o único filho, Ivan Lessa, também cronista. Posteriormente Elsie contraiu núpcias com o também escritor Ivan Pedro de Martins.

O percurso familiar da família Ribeiro ficou marcado, mais uma vez, pela pobreza, pela morte, pela incerteza e, sobretudo, pelas periódicas ausências do marido no lar. Sobre essas ausências, Ribeiro respondeu à esposa em carta datada de Santos, em 15 de abril de 1886:

Belisaria.

Escrevo-te sem amargura, mas profundamente sentido das ultimas palavras que te ouvi. Dises que eu pareço gostar mais dos estranhos do que da família: os estranhos me tractam com mais afabilidade dos que os meus... Si me quiseres escrever escreva para S.Paulo, Rua do Commercio n° 29. Aceita saudades e tristezas de teu mauciado marido. Julio Ribeiro

Com respeito a essas ausências, ficou evidenciada a sua reincidência. Em seu primeiro casamento, essa situação chegou aos limites da irresponsabilidade. Essa prática

²⁹ CRONISTA Elsie Lessa, mãe de Ivan Lessa, é cremada em Lisboa. Estadão online, São Paulo, 19 maio 2000. Disponível em: www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2000/not

foi muito semelhante àquela ocorrida no passado, quando o seu pai George se ausentava constantemente do lar.

Lessa registrou alguns momentos vividos por Belisaria após a morte do escritor sabarense. Em um desses momentos, ele relatou: “[...] depois de viúva, D. Belisaria tornou-se crente. Em S. Carlos começou a freqüentar com interesse a igreja presbyteriana. Vindo para S. Paulo, professou [a fé] com o Rev. Eduardo Pereira, em 2 de agosto de 1896” (LESSA, 1938, p. 82). Em outro momento, ele asseverou: “[...] Durante os largos annos em que manteve a sua *Pensão Brasileira* [São Paulo], serviu D. Belisaria de instrumento para a conversão de muitos de seus pensionistas, como que reparando os erros e completando a obra de seu finado companheiro” (*Ibidem*, p. 83).

Um dos sobrinhos de Belisaria de nome Cornélio Pires, filho de sua irmã Ana Joaquina de Campos, autor do livro espírita *Coisas d’outro mundo*, assim descreveu em sua obra o período de sua juventude em que morou com sua tia em São Paulo, na *Pensão Brasileira*.

Caipirinha, tímido, vim de Tiête para a capital em começos de 1901. Vim morar em casa de minha tia, dona Belisaria Ribeiro, viúva do grande filólogo e polemista invicto, o romancista e gramático Julio Ribeiro. Minha tia, que já havia criado uma ninhada de sobrinhos e parentes e não parentes. Facilitando-lhes os estudos e perdoando calotes de estudantes farristas, vestindo e dando livros a estudantes sem recursos, sempre achou maneira de tirar de sua pobreza de dona de pensão, daqueles tempos, à Rua da Quitanda nº 11, o necessário para os necessitados.

Era protestante aquela santa criatura que ficou conhecidíssima de diversas gerações de bacharéis de direito, engenheiros, professores e comerciários. Logo de inicio pos-me os Evangelhos nas mãos e mandou-me para a escola instalada nos fundos da igreja presbiteriana, à Rua 24 de maio. Ali fui aluno daqueles belos e cultos espíritos que, na matéria, se chamaram Eduardo Carlos Pereira e Benedito Ferraz de Campos; homens que pregavam a letra do Evangelho e, com seus o espírito vivificador (PIRES, 1945, p. 8-14).

Belisaria Ribeiro faleceu em São Paulo, no dia 3 de junho de 1938, aos oitenta anos de idade. Antes do seu passamento, Lessa (1938, p. 521) relatou as consequências de sua longa enfermidade: “D. Belisaria Ribeiro era viúva do philologo Julio Ribeiro, que foi membro da Igreja de S. Paulo. Octogenaria actualmente, vive presa ao leito há oito annos”.

Além da perda de entes queridos, Júlio Ribeiro esteve, de certa forma, “condenado” à morte por apresentar sinais de tuberculose, doença contagiosa e muitas vezes incurável para a época oitocentista. Sua saúde começou a se deteriorar a partir de 1886 quando, seguindo orientações médicas, deixou a província de Capivari e se dirigiu

para a cidade litorânea de Santos na tentativa de se curar e trabalhar no magistério e no jornalismo.

Antes, porém, de deixar Capivari, no ano anterior, ele declarou na imprensa de São Paulo o seu ateísmo, asseverando:

É verdade: fui catholico, fui presbyteriano, sou atheu.
A criação fez-me catholico; a leitura da Bíblia separou-me de Roma; a razão tornou-me incrédulo. O meu crime é ser sincero, é não esconder a impiedade; é não andar como muito atheu que conheço, de opa, de balandrau, prostrado pelas igrejas (RIBEIRO, 2007, p. 129).

Em suas Cartas Sertanejas, ele ratificou sua situação não cristã afirmando: “[...] o materialismo foi sempre a minha filosofia, foi a pedra de escândalo em que se esmigalharam as minhas crenças” (*Ibidem*, p. 130). Embora tenha declarado publicamente a sua descrença em Deus, ele deixou dúvidas quanto à veracidade dessa informação, conforme se observou em suas cartas do terceiro trimestre de 1889:

Em 19 de agosto de 1889 ele declarou: “[...] pelo amor de Deos me responda...”
No dia 25 de agosto de 1889, outra declaração: “[...] Enfim, parece-me que vai melhorar um pouco minha vida: será o que Deos quizer”.
Em 30 de agosto de 1889, afirmou: “[...] Abençõe Vmce a seus filhos, e Deos nos abençoará a todos”.
Em 8 de setembro de 1889, escreveu: “[...] Pelo amor de Deos me escreva que aqui estou também doente. Escreva-me pelo amor de Deos...”
Em 18 de setembro de 1889, ele confidenciou à sua mãe: “[...] Muito em segredo eu lhe conto, não diga a ninguém: Vou morar em Sorocaba... Deos é bom, não é?”

O ateísmo de Júlio Ribeiro, pelo menos em sua intimidade, não se concretizou, ao contrário do que havia noticiado na imprensa.

Em 16 de janeiro de 1890, respondeu por carta a Lane, diretor do Mackenzie College, sobre o seu estado de saúde dizendo: “Eu vou na mesma, ora melhor, ora pior, sofrendo sempre... always, always I trust in God “ [Sempre, sempre confio em Deus]” (*apud* MATOS, 2004, p. 468). Escrevendo e alegando problemas de saúde, o filólogo recorreu ao ministro da Fazenda, Rui Barbosa, em 19 de janeiro de 1890, pedindo-lhe um cargo diplomático no exterior, que Silveira assim registrou: “[...] um consulado na França, Grécia, ou mesmo no Egito, para se tratar da tísica que o acometia” (*apud* SILVEIRA, 2008, p. 234).

Meses depois, chegou a resposta negativa de Barbosa. A recusa do ministro em atender ao pedido de tamanha expressividade não foi tão ruim assim para Ribeiro que

conseguiu um cargo bem menos prestigioso do que aquele que havia pedido: foi nomeado fiscal de loterias no Rio de Janeiro (*Ibidem*, p. 234). Posteriormente ele declinou do cargo, conforme se comprovou em carta endereçada a Rui Barbosa, escrita em Santos, no dia 25 de setembro de 1890:

Ilmo. Exmo. Dr. Ruy Barbosa.

Meu bom amigo

[...] Sollicito com todo o empenho e com toda a brevidade a minha demissão de fiscal do Banco Estados Unidos: peço a V. Exma. que me não recuse este serviço . V. Excia. deve compreender os motivos que há para isso: eu não exerço e não posso exercer o cargo; é meu dever deixá-lo.

Nessa mesma carta, ele evidenciou o seu ânimo, o estado crítico de sua saúde e a iminência do fim, o qual ele delineou com precisão:

É esta com certeza a última carta que lhe escrevo: estou no leito de morte... Apesar das afirmações do Sodré a minha moléstia era tuberculose.

Hoje, depois de ter estado de cama quatro meses, acho-me reduzido ao estado de esqueleto; as nadegas e a região do sacro estão gangrenadas pelo decubito; perdi completamente o uso das pernas, não posso ficar de pé, o pulmão esquerdo está destruído, o direito está afetado no ápice; a ... nos restos do lobulo inferior do pulmão esquerdo continua, o que me traz febre sub-continua e uma expectoração tal de pus que só vendo se pode acreditar. Os suores colligativos não cessam.

Por desgraça a tuberculização atacou-me a laringe, de modo que a deglutição, ha dias difficílissima, é hoje quasi impossível; nem água e nem leite entram no esophago sem me causar dores e espasmos sem nome. Tenho pois em perspectiva morrer muito breve e morrer de inanição!

A minha extraordinária energia eu poder escrever-lhe deitado, com as nadegas descansadas sobre uma almofada de canto (Santos, em 25 de setembro de 1890).

Sem poder continuar trabalhando devido ao agravamento da doença, sua situação econômica piorou substancialmente. Vivendo com a família de favor no porão da residência do seu amigo jornalista e empresário português [José] Luis de Mattos,³⁰ os poucos amigos procuraram auxiliá-lo financeiramente, isso porque os seis últimos meses de vida ele passou no leito.

³⁰ Luis de Mattos foi o amigo a quem Júlio Ribeiro dedicou o seu romance *A Carne* publicado em 1888: “Aos amigos Luiz de Mattos, M.H. Bittencourt, J.V. de Almeida, Joaquim Elias e Dr. Miranda Azevedo” Ribeiro, 1972, p.19.

Nutrindo ainda sentimento de orgulho pessoal, remeteu à redação do jornal *Nacional* de Santos uma carta dizendo:

Rogo às pessoas zelosas pelo meu estado de saúde e pecuniária que me deixem morrer em paz e que não tragam para a imprensa as minhas condições de pobreza. Eu não peço nada a ninguém e supponho que é o que a Sociedade exige para que eu possa dizer que não lhe sou pesado. Os jornaes que transcreverem este artigete penhorar-me-ão imenso. São Paulo, 23 de outubro de 1890 (a) Julio Ribeiro (*apud* ALEIXO IRMÃO, [s.d.], p. 201).

Estranhou-se o fato de que Júlio Ribeiro, querendo preservar sua condição financeira, tenha optado pelo inverso, ou seja, dar publicidade na imprensa à sua condição pecuniária.

Um de seus amigos, de nome Arthur Goulart, contou que na véspera de seu falecimento, recebendo Ribeiro a visita de outro amigo, ainda teve forças para expressar humor, o que Santos consignou:

Estou meu caro com os pulmões e a laringe completamente atacados. Pobre Julio, duas tísicas então? – disse o amigo. Tenho mais uma, esquecia-me. Tenho três tísicas que me acabaram com a vida. - Como assim? - Pois é verdade – responde sorrindo -. Tenho três tísicas: a dos pulmões, a da laringe e das algibeiras... (*apud* SANTOS, 1946, p. 194).

Júlio Ribeiro faleceu às 23h30min do sábado, 1 de novembro de 1890 aos quarenta e cinco anos sendo enterrado no dia seguinte em Santos, vitimado pela tuberculose. Morreu no porão da casa de seu anfitrião, ao lado de sua esposa e de poucos amigos, sendo enterrado no lado acatólico do cemitério de Paquetá, na mesma cidade. Sua morte foi notícia nos principais jornais da época.

O jornal *Província de São Paulo*, em 5 de novembro de 1890, em sua página 1, trouxe a seguinte nota sobre o seu falecimento:

No último sábado às 11:30 da noite, morreu em Santos o notavel philologo, o illustre litterato, o rijo polemista, o ardente republicano que se chamou Julio Ribeiro. A sua agonia foi longe... disseram os jornais santistas. Foi na realidade, extraordinariamente longe, extremamente penosa a sua agonia! Pode-se mesmo dizer que ele viveu agonizando, porque, quando nasceu, já trazia no peito o terrível micróbio da tuberculose hereditária que o sucumbiu.

No dia seguinte, no mesmo jornal, outra nota jornalística sobre o assunto:

Domingo passado em Santos foi deixado a sepultura o corpo do gramático e escritor Julio Ribeiro. O caixão foi velado a Rua XV de Novembro nº 7 onde faleceu o illustre philologo. A Câmara mortuária foi conduzida pelos Srs. A. C.

Macedo do Diário de Santos, Luis Jose de Mattos, Dr. Martins Francisco Filho, Manoel Homem de Bettencourt, Theophilo de Arruda Mendes, e Dr. Vicente de Carvalho. No acompanhamento, que era numeroso notavam-se diversos representantes da imprensa, e membros da corporação typographica. Sobre o caixão foram depositadas coroas de amores perfeitos com a inscrição amor conjugal. Outra coroa de amores perfeitos com a inscrição, saudades de sua filhinha. A subscrição desta pelo Diário da Manhã em favor da família do illustre morto atingiu antehontem 27.000 [réis].

A imprensa santista não fez menção à presença de protestantes ao acontecimento, provavelmente porque o fato não demonstrou interesse, todavia a presença desses cristãos pode ser considerada uma possibilidade plausível.

Tempos depois, Belisaria Ribeiro deixou a cidade de Santos, conforme declarou Bandeira (1958, p. 1001): “[...] Partindo de Santos, confiou D. Belisaria os poucos bens do marido à guarda de um certo Comendador Matos”.

Vinte meses depois da morte de Ribeiro, Maria Francisca escreveu uma saudosa carta a Belisaria terminando com um poema póstumo:

Ai minha querida Belisaria. Eu tenho uma mençalidade diária de noite e de dia muito triste e horrorosa que são as recordações de meo muito querido Julio do tempo de pequeno do tempo de estudante do tempo de solteiro do tempo das viagens que juntos fazíamos do tempo de cazado do tempo das doenças, sempre me representando elle morto com os olhos abertos me representando elle no tumulo se disfasendo em ossos isto tudo gravado tenho no meo coração e na minha idea eu ainda o amo tanto como o amava em vida ahí, que dura espada de dor rasgai no meo triste coração o triste coração de uma mãe infeliz como eu sou sem elle foi segurar o Pai celestial e não vê mais o meu pranto correr. O meu Deos forlillecei-me e consollai-me o divino espírito santo se não morro de desespero.

Criei roxas saudades Criei dorados gamos
Enramai brancos jasmins Cercai o tumulo amores perfeitos
Perfumai castas violetas Daí puríssima sombra
As sinzas de Julio ribeiro O grande herói de tanto talento
Vinte mezes de saudades em que me vejo sem ti
Nesta incrível saudade Meo filho que faço aqui
Ai que apego de saudade Filho depois que te perdi
(Julho de 1892)

Dois anos após o falecimento do filho o destino de Maria Francisca se tornou uma incógnita. No desenvolvimento da pesquisa não foram encontradas outras informações sobre o seu paradeiro.

A trajetória educacional de Ribeiro ficou marcada pelo magistério particular e público, pelos comentários críticos sobre o ensino científico e clássico e pelas acusações de plágio em Augusto Comte e nas obras gramaticais. Estes temas serão assuntos do último capítulo deste trabalho.

CAPÍTULO 3: O PRIMEIRO REQUISITO DA EDUCAÇÃO MODERNA, COMO BASE DE REORGANIZAÇÃO SOCIAL, É A UNIVERSALIDADE DE CONHECIMENTOS.

Este capítulo objetivou a análise da trajetória docente de Júlio Ribeiro passada em instituições de ensino em São Paulo e nas províncias de Sorocaba, Campinas e Capivari onde seu trabalho repercutiu de maneira significativa.

Na seqüência foram analisadas suas impressões sobre a educação científica e clássica no Brasil oitocentista, com especial atenção a questão política que se envolveu com os bacharéis em direito, Campos Sales e Prudente de Moraes.

Por fim, a polêmica travada com o professor e positivista Alberto Sales a respeito das acusações de desonestidade intelectual, ou seja, de plágio nos pensamentos filosóficos do positivista francês Augusto Comte e nas obras gramaticais: *Traços Gerais de Linguística e Gramática Portuguesa*.

3.1 Elogios de graça

Júlio Ribeiro iniciou sua carreira no magistério em 1864 aos dezenove anos de idade, ainda como aluno interno do colégio católico em Baependi, MG. Sobre esse fato o administrador da instituição, o clérigo Luiz Pereira Gonçalves de Araújo informou a Maria Francisca, sua mãe, sobre o desempenho do filho: “O Sr. Julio continua a gozar saúde e vai regendo bem as cadeiras, que estão a seu cargo” (BANDEIRA, 1958, p. 988).

A prática docente entre seus colegas de curso se deu com o principal objetivo de atenuar suas dívidas financeiras junto à instituição. Essa incumbência, aliás, deveu-se a confiança da direção do colégio no estudante, como também a inegável capacidade intelectual do aluno para a realização do trabalho.

Nos tempos em que residiu na província paulista de Lorena [1866-1868], no Vale do Paraíba, em uma de suas viagens a São Paulo, Ribeiro prestou concurso para o magistério de Primeiras Letras sendo aprovado e também elogiado.³¹

Almejando algo melhor do que um trabalho no serviço público de São Paulo resolveu não tomar posse do cargo, optando pelas oportunidades abertas na progressista e rica região do Vale do Paraíba como professor particular.

Na região valeparaibana exerceu o magistério principalmente nas cidades de Lorena, Guaratinguetá, Pindamonhangaba e Taubaté. Seus poucos alunos foram provenientes de famílias abastadas da região. O historiador Dornas Filho afirmou que ele: “lecionava humanidades em acreditados estabelecimentos de ensino da província, Lorena, Sorocaba...” (DORNAS FILHO, 1945, p.18).

Não foram encontrados registros comprovando a atividade docente em estabelecimentos de ensino no Vale, todavia, foram encontradas informações sobre um ex-aluno de Ribeiro chamado José Athayde Marcondes. Por ocasião do centenário de nascimento de Marcondes, o jornal “*Tribuna do Norte*” de Pindamonhangaba em 11 de outubro de 1963, seção variedades, p. 3, publicou uma nota referente confirmando que o poeta e político pindense: “estudou as primeiras letras em Taubaté, com o filólogo Julio Ribeiro, que nesse tempo era professor...”

Depois de uma passagem pela província de Taubaté [1869-1870] onde lecionou aos filhos de um rico produtor de café, no início da década de setenta do oitocentista e a convite dos missionários presbiterianos, retornou a São Paulo como professor de Língua Portuguesa da recém-criada *Escola Americana* [1870], atualmente UPM idealizada pelo missionário George W. Chamberlain e sua esposa Mary.

Júlio Ribeiro foi um de seus primeiros professores e acompanhou desde o início a implantação e o desenvolvimento da escola confessional presbiteriana. Posteriormente em 25 de agosto de 1889, Joel seu filho foi matriculado na instituição, conforme se denotou em carta a sua mãe Maria Francisca: “[...] Joel entra como alluno interno para o Collegio Americano...” [Escola Americana]. A relação de Ribeiro com a escola e com sua administração prevaleceu até o ano do seu falecimento.

³¹ O referido concurso e a conseqüente aprovação de Ribeiro foram consignados no primeiro capítulo deste trabalho.

Nessa fase incipiente de trabalho, novidades pedagógicas favoreceram-lhe em relação a sua disciplina. O idioma que se utilizou na escola foi à língua portuguesa. Segundo Gomes (2000) essa decisão se tornou inovadora, onde diversas escolas fundadas em São Paulo em meados do século XIX utilizavam o idioma francês, e ignoravam o português, numa tentativa de agradar as elites. Outra novidade foi a liberdade aos docentes de prepararem o seu próprio material de ensino.

O método pedagógico empregado nesse período foi o norte-americano, onde os alunos viram o ensino decorado e pronunciado em voz alta [cantado] ser substituído pelo estudo intuitivo e silencioso. O método ignorou o sistema do “*debuxo*” pelo qual o professor escrevia a lápis para o aluno recobrir com tinta. Baniu-se o castigo físico que apavorava a criança, sempre as voltas com o nada simpático mestre-escola, fruto exótico do Brasil colonial (GOMES, 2000, p.107).

Com o progresso da escola sua administração decidiu ampliar suas instalações criando um instituto que abrangesse um curso superior normal [*Training School*], formando professores e uma Faculdade de Filosofia [*Cientific School*], que atendesse elementos leigos com pendor para os estudos da língua portuguesa.

Os primeiros professores convidados a lecionarem na Faculdade de Filosofia foram: Rangel Pestana, Arquelino do Amaral, Theóphilo Dias, Márcia Browne e Júlio Ribeiro que acumulou dupla função docente (*Ibidem*, p. 116).

Logo após o seu primeiro casamento, Ribeiro fixou residência em Sorocaba, concomitantemente a Escola Americana ministrou aulas particulares em sua casa objetivando a complementação financeira. Para se fazer conhecido como professor na cidade publicou anúncio no jornal *O Sorocaba*, praxe comum na época.

Nessa residência Aleixo Irmão informou que ele ministrou aulas particulares de instrução primária e superior, com classes de latim, francês, inglês, geografia, primeiras letras e matemática [sistema métrico decimal]. Essas aulas iniciavam às 9 horas e terminavam às 13 horas, ao preço de 5.000 réis mensais para as línguas e 3.000 réis para as primeiras letras (ALEIXO IRMÃO, [s.d], p. 92). Essa experiência em Sorocaba foi razoável por causa das poucas matrículas que lentamente se efetivavam. Sua fonte de subsistência mais uma vez se tornou comprometida.

Mesmo com poucos alunos ele iniciou suas atividades regulares proporcionado aos discentes, principalmente no ensino da matemática, um método pedagógico inovador, já utilizado em outros municípios brasileiros, que se tornou inédito na

província sorocabana: O sistema métrico decimal, que aboliu as medidas de varas, braças, léguas, quintais para a adoção do sistema por metro.

O tempo de trabalho de Ribeiro na Escola Americana, simultaneamente as suas aulas particulares em Sorocaba duraram cinco anos [1870-1875].

Almejando melhorar sua condição financeira, sua única fonte de subsistência, foi que ele a partir de 1876 negociou a sua admissão nos colégios campineiros: Internacional, Culto à Ciência e Florence.

3.2 A corda

O *Colégio Internacional de Campinas* [1873] foi criado formalmente pelos missionários presbiterianos da missão de Nashville, EUA, George Nash Morton e Edward Lane. Estes se referiam à construção de um colégio que pudesse contribuir na formação intelectual dos filhos ilustres da cidade, tendo a oportunidade de formar cidadãos brasileiros marcados por uma moral protestante. Os fundadores tinham em mente oferecer à sociedade uma opção educacional de âmbito universitário, para formar uma nova elite dirigente. Foi uma escola para educar “mestres e legisladores” (HACK, 2000, p. 82).

A utilização nas escolas brasileiras de teorias e regras abstratas como método de ensino foi apontada naquela época como nociva à escolaridade dos alunos. Por outro lado, as escolas americanas destacavam-se por seus métodos baseados primeiramente na prática e na observação e depois na teoria, que, segundo os propagandistas desse tipo de educação no Brasil, foi ela a responsável por tornar o povo americano a mais afeiçoada das nações civilizadas.

Quanto a pedagogia empregada no Internacional foi “uma alternativa para o sistema de ensino, com intuito de provocar mudanças sociais, a partir da formação integral da criança” (*Ibidem*, p. 83). O sistema pedagógico adotado definiu mudanças na educação, com objetivo de conseguir transformações em todos os demais sistemas da sociedade.

Na história da pedagogia no Brasil, marcou também o instituto campineiro a era em que as idéias fecundas do educador estadunidense Horace Mann e a disciplina e os métodos escolares norte-americanos começaram definitivamente a influir no ensino

público e particular na América Latina. Mann foi considerado um dos principais reformadores da educação norte-americana entre fins do século XIX e início do século XX.

Os objetivos do colégio foram assim propugnados pelos seus idealizadores:

O Colégio tem procurado infundir em seus alunos amor pelas letras, acatamento à verdade e a nobreza de aspirações... não tem realizado o programa que formulou, programa amplo, desenvolvido e incontestavelmente bom; foi forçado a arredar-se do alvo a que mirava pela necessidade de aprontar alunos para exames de preparatórios acadêmicos... é impossível combinar um curso de estudo liberal, aprofundado e progressivo com o atual sistema de exames. Enquanto não houver modificação de tal sistema, os colégios particulares ficam condenados a ensinar unicamente as matérias exigidas nas academias – e isso superficialmente (*Ibidem*, p. 83).

Notou-se nesses objetivos a frustração dos educadores na implantação do método pedagógico propugnado, por ele esbarrar nas estruturas arcaicas da política educacional brasileira. Segundo seus administradores seria necessário o entendimento entre as partes, público e privado, na resolução do conflito.

A grade curricular do Colégio Internacional, dois anos antes da admissão de Ribeiro, constou das seguintes disciplinas: doutrina cristã, matemática, aritmética, geometria, álgebra, geografia política e física, química inorgânica, orgânica e animal, história pátria, história universal, história natural, caligrafia, ginástica, retórica, desenho, línguas antigas, leitura e composição, latim, grego, línguas modernas, gramática, leitura, composição e conversação, francês, alemão, inglês e português (MORAES, 2006, p. 58-59).

Em 1876, o jornal *Gazeta de Campinas* assim noticiou: “O colégio Internacional acaba de fazer aquisição de mais um professor na pessoa do Sr. Julio Ribeiro, que há pouco foi redator da *Gazeta Commercial*, de Sorocaba” (*apud* ALBINO, 1996, p. 91).

E o *Diário de Campinas* referiu-se à contratação nos seguintes termos: “obteve o concurso do Sr. Julio Ribeiro, conhecido como um dos primeiros latinistas do império e como apreciado litterato, preenchendo assim o sensível vácuo deixado pelo Sr. dr. Pestana” (*apud* SILVEIRA, 2008, p. 87).

Fizeram parte do corpo docente da instituição, além de Ribeiro, outros professores como: Herman Rentschler; Willian. LeConte, Emílio Henking e Francisco Rangel Pestana.

A admissão de Ribeiro, que nesse período era protestante, deu-se por um conjunto de fatores, entre eles; a estreita amizade com Morton e Lane adquirida nas

viagens missionárias pelas províncias de São Paulo, principalmente em companhia de Lane; os laços maçônicos que os unia; as qualidades intelectuais do professor e, evidentemente a denominação protestante comum a eles: o presbiterianismo.

O colégio além de admitir um professor que se adequou às propostas inovadoras que pretendeu desenvolver, julgou positivo possuir em seu quadro um membro protestante, ainda que uma das opções do colégio fosse pela liberdade religiosa.

No período em que passou pelo Internacional, ele contribuiu com incentivos a criação da primeira revista literária impressa de Campinas e editada pelos alunos do colégio. Essa revista literária em sintonia com o clima cultural presente na cidade se tornou por si um exercício de literatura e jornalismo aos seus alunos, na medida em que eram responsáveis por sua edição e autoria dos ensaios (ALBINO, 1996, p.91).

Sobre essa revista, tem-se o comentário do *Diário de Campinas*, Campinas, 23 de março de 1876:

Recebemos a Revista Literária do Colégio Internacional, publicação iniciada pelos alunos daquele colégio. São seus redatores em chefes os senhores: A. Bittencourt e Heliodoro Costa. Além da introdução devido á pena do sr. dr. Rangel Pestana, traz diversos artigos sobre literatura, os quais revela-se prometedora vocação dos autores para as lidas da imprensa. Agradecemos e saudamos a aparição da revista, desejando-lhe muita prosperidade e brilhantismo (*apud* Albino, 1996, p. 91-92).

Apesar do pouco tempo de circulação, a existência dessa revista representou o incentivo da direção escolar às iniciativas culturais de seus alunos, inaugurando uma prática inovadora diante do ensino público existente na província de São Paulo.

Outra contribuição cultural foi a parceria entre Júlio Ribeiro e Gaspar da Silva em 1877 com o projeto da *Enciclopédia Instrutiva*, baseada na obra *Educação Popular* [publicada em Lisboa] e que foi editada pela livraria do Internacional.

Foi nesse colégio que ele incentivado pelo gestor Morton iniciou o projeto de construção de sua Gramática Portuguesa que lhe deu visibilidade intelectual tanto no Brasil como em Portugal. Sobre isso ele asseverou: “[...] por conselho de meu sabio amigo Rev. G. N. Morton decidi a tomar como guia a grammatica de Holmes, adoptada no Collegio Internacional de Campinas” (RIBEIRO, 2007, p. 93).

No mesmo ano em que foi admitido, Ribeiro no mês de novembro proferiu palestra no *Ateneu Literário Campinense* que provocou grande repercussão. Na ocasião ele defendeu a hipótese da presença dos povos fenícios no Brasil.

[...] nosso distinto colaborador Julio Ribeiro, um dos mais notáveis professores do colégio internacional e de superior talento provado no jornalismo e na literatura do paiz desde muito ganhou foros entre os nosso melhores escritores, deu uma excelente conferencia no ateneu literário que celebra suas sessões nas salas do clube semanal de cultura e versou sobre o importante assunto os Phenicios no Brasil, desenvolveu admiravelmente e teve suspensa a seus lábios a multidão do auditório que não cessava de extasiar-se diante dos seus conhecimentos variados e da sua palavra fácil e elegante” (*apud* SILVEIRA, 2008, p. 101).

Essa palestra a que aludiu o editorial da *Gazeta de Campinas, Os Phenicios no Brasil*, foi publicada posteriormente em 1877 pela revista do *Almanach Litterario de São Paulo*. Em outra ocasião, o artigo recebeu espaço na secção *Letras e Artes* do jornal *A Provincia de São Paulo* em 1877:

Julio Ribeiro dá sua opinião [...] na questão suscitada por uma inscrição descoberta na Paraíba, decifrada pelo Dr. Ladislau Netto, há cerca de três annos, e cuja autenticidade foi jocosamente constatada pelo redator do “Novo Mundo”. Julio Ribeiro, confrontando as palavras da inscrição com trechos bíblicos, descobre entre eles perfeita concordância de data, nomes, tempo da navegação, usos e costumes a que se referem ambos os monumentos. Demais, recorda que na “Cronica da Companhia de Jesus”, pelo padre Simão de Vasconcelos, há uma passagem que dá testemunho da existência de certas esculpidas na pedra, na altura da cidade de Paraíba. Conclui de tais investigações que parece que os phenicios estiveram no Brasil (*Ibidem*, p.101).

O tema causou grande empolgação no professor sabarense, e fez com que, tempos depois, o *Diário de Campinas* noticiasse sua intenção em completar os estudos sobre o homem pré-histórico, principalmente na província de São Paulo, para mais tarde publicar um trabalho de antropologia. Esse trabalho, contudo, não se concretizou.

O Internacional encerrou suas atividades em 1891, durante o surto de febre amarela que devastou a província campineira deixando o seu remanescente atual, o Seminário Presbiteriano do Sul, uma das instituições teológicas da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Difícil precisar o tempo que Ribeiro permaneceu no colégio, no entanto percebeu-se que em 1879 ele possivelmente não pertencia mais aos quadros da instituição. Isso se tornou plausível através de carta a sua mãe em 11 de fevereiro de 1879 onde informou: “[...] Tenho visitado várias vezes o Dr. Morton e aos amigos antigos e estou com elles em boas relações”.

O seu desligamento não se tornou totalmente esclarecido. Um dos possíveis motivos para a saída pode ter sido a questão que envolveu um tema palpitante na sociedade brasileira da época - o Positivismo. O gestor da instituição rev. Morton foi

categoricamente contrário a essa filosofia, diferente de Ribeiro que apesar de se declarar não positivista foi paradoxal quanto ao assunto [o que se verá mais adiante nesse capítulo]. Essa síndrome ideológica extrapolou o intramuros da instituição chegando o assunto a ser debatido na imprensa.

Segundo o que apurou Lins (2009) foi em 1878, através das páginas do jornal a *Provincia de São Paulo*, que depois mudaria o nome para o *Estado de São Paulo [Estadão]*, que Morton travou uma séria polêmica com o positivista Pereira Barreto. Em 1880 outras polêmicas surgiram e com autores diferentes fazendo com que esses textos fossem reunidos numa obra intitulada *Teologismo e Positivismo*.

Resumidamente Morton considerou o positivismo como uma doutrina filosófica errônea e maléfica, que não poderia ser considerada como um novo Evangelho.

Com o desligamento do colégio ele empreendeu nova jornada de trabalho num outro importante estabelecimento da cidade o *Culto à Ciência*.

No *Culto à Ciência* [1874] segundo o que foi salientado por Silveira (2008, p. 88) “além dos méritos intelectuais, o fato dele ser republicano e maçom vieram ao encontro do ideário político do grupo idealizador dessa escola, cujo quadro de professores foi inteiramente constituído por republicanos e maçons, favoráveis ao ensino secular e científico”.

Embora essa afirmação venha ao encontro do pensamento do autor desta Tese o que se percebeu nessa declaração foi uma apologia de Ribeiro feita pelo jornal *Correio de Campinas* [1879?], contra as denúncias de favorecimento na sua admissão junto ao colégio por ser ele membro do Partido Republicano Paulista³²(PRP). Sobre isso o mesmo jornal publicaria posteriormente: “separou-se do convívio dos seus amigos políticos e, mais que tudo, do serviço das ideias” (*apud* RIBEIRO, 2007, p. 223) e acrescentou: “É sabido na província que nunca a política tem parte na nomeação de professores para aquelle collegio, - instituição dirigida por membros de todos os partidos” (*Ibidem*, p. 218).

Em outra ocasião o jornalista e professor campineiro Henrique de Barcellos, um dos fundadores do *Diário de Campinas*, em defesa de seu colega de magistério, se pronunciou a respeito dos artigos jornalísticos referentes a contratação de Ribeiro pelo

³² “Que o Sr. Julio Ribeiro se descontentou da direção dada ao partido em que militou parece coisa clara”. RIBEIRO, 2007, p. 223

Culto à Ciência e criticados por Francisco Glicério, primo daquela que viria a ser sua segunda esposa. Sobre isso Barcellos consignou:

[...] as directorias do Culto á Sciencia quando tinham que admittir um professor naquelle estabelecimento – inquirindo somente de sua capacidade profissional e boa conducta, sem que para a admissão tivesse peso o pertencer o professor a este ou áquele credo politico (*Ibidem*, p. 222).

Inegável o esforço realizado pelos amigos de Ribeiro em procurar desvincular a admissão ao colégio por motivo político, aliás, como fato conhecido e público ele foi membro militante do PRP até 1883, quando pediu desligamento do partido. O envolvimento político foi um dos fatores que influenciou em sua admissão, bem como aos demais docentes da instituição campineira.

Para completar sua contratação como professor de Língua Portuguesa, afora sua condição política e maçônica, ou de seus méritos intelectuais, ou seu trabalho como professor e jornalista, a chancela de romancista corroborou no seu aproveitamento.

O Culto à Ciência foi uma instituição criada por uma sociedade, do mesmo nome, composta de fazendeiros, comerciantes, militares e “intelectuais” da época que se afirmavam positivistas, maçons e republicanos. Foi uma entidade de particulares, sem fins lucrativos, destinada ao ensino primário e secundário, o primeiro inteiramente laico de Campinas (MORAES, 2006, p. 124).

Embora sendo “inteiramente laico” como afirmou Moraes (2006), estranhou-se o fato de que na grade curricular da instituição fosse contemplada a disciplina de “Doutrina Cristã” ministrada no ensino primário. Afora isso as demais disciplinas foram: Português [leitura, gramática, caligrafia e exercícios ortográficos], Matemática [aritmética elementar, sistema métrico], Geografia [noções gerais] e História Pátria.

Já o secundário privilegiou as disciplinas referentes ao ensino de: Idiomas [francês, inglês, alemão e latim], Matemática [aritmética, álgebra e geometria] Geografia [cosmografia], História [cronologia], Filosofia [retórica] e Ginástica. Com autorização dos pais, os alunos podiam estudar Música Instrumental e Desenho, pagando-se essas disciplinas à parte.

O conhecimento científico e laico foi a linha adotada pelo colégio que privilegiou a ciência em detrimento da formação “literária e bacharelesca” do modelo de ensino imperial. Entre alguns dos nomes que lecionaram na instituição figuraram os dois irmãos Campos e Alberto Sales, Rangel Pestana, Américo Brasiliense e Henrique

de Barcellos. Com respeito ao tempo de atuação, salário e desligamento do Culto à Ciência o jornal Correio de Campinas trouxe nota referente ao assunto:

É publico e notório que Julio Ribeiro foi professor no *Culto á Sciencia* duas vezes. Na primeira foi admittido por proposta e a instancias do dr. Melchiades da Boa-Morte Trigueiros, director do collegio, homem indifferente á politica,- em todo o caso não republicano. Na segunda, foi admittido quando eram membros da directoria os srs. Candido Ferreira de Camargo e Silva, Alvaro Xavier de Camargo Andrade, Carlos Norberto de Souza Aranha e dr. Francisco Pereira Lima,- *todos liberaes*, - e dr. Jorge Miranda, - *único republicano*. Este senhor foi quem escreveu cartas a Julio Ribeiro, para acceitar o lugar, offerecendo-lhe – não *quatro*, mas *cinco* contos de reis por anno. Julio Ribeiro não teve demissão do emprego,- *deu-se* por demittido, por um officio terminante enviado á directoria, por não concordar com uma medida tomada por ella (*apud* RIBEIRO, 2007, p. 219).

Outra instituição educacional em que Ribeiro atuou em Campinas foi o *Colégio Florence* [1863]. Esse colégio feminino foi fundado por Carolina Florence, uma educadora de origem alemã e protestante de confissão luterana. Carolina foi filha de João Henrique Klug, secretário da Sociedade Culto à Ciência.

Embora Carolina fosse protestante, ela não fez do seu colégio um instrumento de conversão à sua fé, onde predominou a tolerância religiosa e o espírito de liberdade. Essa postura, contudo, atraiu a simpatia da elite campineira, que procurou matricular seus filhos em seu colégio.

A escola inicialmente matriculou apenas sete alunas ensinando-as a ler, escrever e contar; gramática nacional, francesa, inglesa e alemã; geografia, história pátria, aritmética e geometria; desenho, música, doutrina cristã e prendas domésticas (MORAES, 2006, p. 49).

Segundo Moraes o corpo docente contou com professores alemães e brasileiros, entre eles os “melhores professores” então conhecidos em Campinas: Francisco Rangel Pestana, Francisco Caldeira, Amador Florence, João Kopke, Miguel Alves Feitosa, Hercules Florence, Campos da Paz, Theodoro Iahn, Emilio Henking e Julio Ribeiro (*Ibidem*, p. 49).

O método pedagógico aplicado no estabelecimento se baseou nas idéias do suíço Johann Pestalozzi. Segundo esse educador os sentimentos tinham o poder de despertar o processo de aprendizagem autônoma na criança. Pestalozzi considerou como principal função do ensino o levar as crianças a desenvolver suas habilidades naturais e inatas.

O colégio fez da observação da natureza, do exercício da criatividade e o interesse pela leitura, os pontos principais do desenvolvimento do corpo discente. A

atuação de Ribeiro no Florence ficou evidenciada pela sua satisfação em relação ao alunato. Em carta a Maria Francisca, provavelmente em [1879?], chegou a comentar: “As meninas neste collegio são excellentes, estudam muito e estudam com gosto...” Suas aulas de Língua Portuguesa, no entanto, não se restringiram apenas a sala de aula, mas observou-se de maneira especial sua proficiente inserção extraclasse no ambiente cultural da instituição.

Júlio Ribeiro promoveu conferências, escreveu e dirigiu peças teatrais que as alunas apresentavam em ocasiões comemorativas, como a do aniversário de dezessete anos do colégio em 1880, sendo acompanhadas de atividades literárias e artísticas.

Uma dessas peças, *A Corda*, foi comentada pelo editorial da *Gazeta de Campinas* como sendo uma “mimosa composição, cheia de belíssimos conceitos e de profunda moral retratando a vida no collegio, onde há um ou outro espírito não diremos de maldades propriamente, mas de travessias” (*apud* SILVEIRA, 2008, p. 98).

Nessas atividades culturais onde os familiares das alunas assistiam as apresentações, davam-se os exames das mesmas.³³ Esses procedimentos avaliativos propugnados por Ribeiro ficaram marcados pelo seu ineditismo pedagógico.

No que tocou as atividades culturais desenvolvidas no Florence e nas demais escolas campineiras onde atuou até mesmo simultaneamente, Silveira (2008) salientou que houve intervenções, ainda que de pequena dimensão, a fim de concretizar aquilo que ele e outros professores buscavam imprimir por meio da laicidade do ensino: espírito de coletividade.

As ações inovadoras e modernas como professor nos colégios de Campinas terminou em 1881 quando decidiu empreender o seu próprio negócio.

3.3 Sem Deus e sem Rei

No final do segundo semestre de 1882 pensando em abrir o seu empreendimento, o “solitário de Capivari” [denominação que recebeu da imprensa paulista], escreveu em 21 de outubro de 1882 a Maria Francisca comentando sobre suas

³³ O método de avaliação era moderno para a época, pois os exames de análise gramatical e tradução eram feitos levando-se em conta o desempenho das alunas nessas apresentações. Cf. Ribeiro, 1996, p.76.

intenções de fundar um colégio: “[...] si falhar a pretensão do Rio estabeleço-me aqui ou em Jundiay, por em ambos os lugares foi bem aceita a idea de vir eu fundar Collegio”.

Decidido a empreender o negócio o lugar escolhido foi Capivari, cidade natal da esposa Belisaria. O empreendimento chamou-se *Colégio Julio Ribeiro*, que teve por novidade a adoção do método pedagógico denominado *Cartilha Maternal ou a Arte da Leitura* idealizado pelo poeta e pedagogo português João de Deus. Sobre o fato o jornal *A Provincia de São Paulo* em 1882 fez o registro com a consignação de Silveira:

[...] o illustrado escritor snr. Julio Ribeiro acaba de fundar colégio na cidade de Capivari, um estabelecimento de ensino para o sexo masculino. Leitura pelo método João de Deus – alunos internos e externos” (*A Provincia de São Paulo*, 1882, *apud* Silveira, 2008, p. 99).

Esse método adotado nas escolas primárias de Portugal consistiu em novidade no ensino de leitura para crianças, foi considerado na época como moderno, eficiente e, sobretudo, não enfadonho, por não exigir a pratica do “decorar”, usada como método de memorização do ensino jesuítico.³⁴

A *Cartilha Maternal* baseou-se nos princípios da moderna lingüística da época, tanto em Portugal como no Brasil e, consistiu em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras, denominando-se *método da palavrção*.

O método foi propalado tanto pelos republicanos portugueses quanto pelos republicanos e positivistas brasileiros. Eles esforçavam-se por divulgar a novidade pedagógica considerada por Manoel Laranjeira como uma “forma de ensinar a ler sem violentar o espírito, nem desmoralizar a inteligência de quem aprende; de ensinar a ler facilmente, espontaneamente, naturalmente, nem enfastiando, antes deleitando o espírito” (RIBEIRO, 2003, p. 295). O precursor dessa novidade nas províncias de São Paulo foi o positivista e professor de português da *Escola Normal de São Paulo*, Silva Jardim, que a partir de 1880 proferiu várias palestras sobre o tema.

³⁴ Em 1878, o periódico *Cruzeiro do Rio de Janeiro* publicou uma série de artigos sobre o método escrito por Antônio Zeferino Cândido, que foi considerado “profundo conhecedor do assunto”. Esses artigos foram transcritos pela *Gazeta de Campinas* no Editorial sobre a instrução primária do dia 28 de agosto de 1878.

Em sua apologia pelo ensino laico em contraponto ao ensino religioso, e conseqüentemente desprovido da antiga fé cristã que abraçou nos tempos de protestantismo, Júlio Ribeiro externou o seu sentimento materialista e ateu com a frase “Sem Deus e sem rei” que inscreveu na ocasião do lançamento da pedra fundamental da escola.

Sobre essa frase positivista, Lins (2009, p. 564) salientou: “Como sistema filosófico, político, social, educativo ou religioso, propõe-se o Positivismo a reorganizar a sociedade sem Deus e sem Rei, através da ciência e da fraternidade universal”.

Ao que pareceu esse foi o lema da escola, o qual apontou para a intenção de Ribeiro ratificar o seu combate aos valores clericais, o qual, tempos depois, irrompeu em seu romance naturalista *A Carne*.

O tempo de duração do colégio foi de três anos, de 1882 a 1885. Com dificuldades financeiras para manter o empreendimento e com sua saúde debilitada, ele decidiu fechar o colégio e iniciar outro na província de Santos.

Em carta a esposa datada de 9 de agosto de 1885, ele demonstrou sentimento em relação ao tempo passado em Capivari, confidenciando: “Belisaria. Capivary não me quer: assim que aqui cheguei [Santos] acabou-se a asma; estou como si nunca estivesse doente...”

Seu objetivo asseverou dois propósitos: o primeiro, o clima do litoral e as condições favoráveis ao tratamento da saúde, o segundo, prosperar financeiramente através do trabalho escolar.

Animado com a possibilidade de angariar bons lucros financeiros, Ribeiro endereçou outra carta a Belisaria informando-a sobre seus planos. Essa correspondência não foi datada, todavia, presume-se que foi escrita em agosto de 1885. Na carta, ele comenta:

Recebi a tua estimada carta, deu-me tamanho praser, que se tu soubesses me escreverias sempre. É o único meio que tenho de aliviar as enormes magoas que soffro longe de ti, dos filhos, de minha mãe... Os negócios parecem ir muito bem, no dia 1º abrirei as aulas, no dia 1º de setembro entenda-se: ir-te-ei visitar antes disso, mas só poderá vir de meados de setembro em diante, porque não haverá casa antes disso. Voce não faz uma idéia de como é difficil obter casa e do que são os preços. Avalia: estou esperando que vague um bom sobrado pelo qual terei de pagar 130 ou 150\$000 por mez, ahi poderei ter as aulas em casa enquanto vou dar as minhas aulas em um edificio da Sociedade Auxiliadora da Instituição e pagarei por isso 50\$000 por mez. Aqui a vida é caríssima, mas muito boa: encontram-se todos os recursos: o dinheiro anda a rodo: a questão é saber ganhal-o.

Embora a cidade parecesse um oásis no deserto os seus negócios não obtiveram êxito. O colégio não prosperou encerrando sua curta atividade em setembro de 1886. Outra possibilidade aceitável para o fechamento do estabelecimento e sua retirada de Santos foi a nomeação para o magistério interino da Escola Normal de São Paulo.

Ribeiro iniciou o magistério interino *na Escola Normal de São Paulo* em 1886, em substituição ao professor Silva Jardim responsável pela cadeira de “Grammatica e Lingua Nacional”. Esse fato pode ser comprovado pelo Relatório da Escola Normal em 26 de outubro de 1866, realizado pela secretaria da instituição:

[...] Antonio da Silva jardim foi exonerado a pedido, de professor da 1ª Cadeira de Grammatica e Lingua Nacional... Foram nomeados o cidadão Julio Ribeiro interinamente, para reger a 1ª Cadeira... farão declarados abertos os concursos para definitivo provimento das cadeiras vagas pelas exonerações pedidas: as respectivas inscrições devem ser encerradas em Dezembro próximo.

Segundo o que a imprensa paulistana salientou na época, correram rumores de que não eram os méritos de Ribeiro que haviam concorrido para a sua nomeação. Essa idéia foi propagada por J. C. Rodrigues:

A Escolha [...] não se fez em atenção aos méritos do nomeado como professor e como filólogo. O que fez de Julio Ribeiro persona grata para o Governo foi ele ser o autor das famosas “Cartas Sertanejas” contra os dois próceres republicanos, seus correligionários da véspera, que haviam sido eleitos para a Assembléia Geral. Na polêmica que sustentou com insuperável galhardia, Julio Ribeiro, que havia até então militado nas fileiras do Partido Republicano, dava a impressão de achar-se desiludido: era, pois, o homem que mais convinha para sucessor de Silva Jardim. Em vez de combater de frente os ideais da mocidade normalista, procurava-la desencantá-la (*apud* SILVEIRA, 2008, p. 148).

Com a exoneração de Silva Jardim, abriu-se uma vaga para a referida disciplina que seria preenchida mediante concurso agendado para abril de 1887. Candidataram-se para a referida vaga os candidatos Júlio Ribeiro e Carlos Reis:

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V.Exª que as inscrições de candidatos a cadeira de Grammatica e Lingua Nacional e da aula primaria, anexa, vagas e postas em concurso, achão-se encerradas de conformidade com o disposto do Art. 44 do Reg. de 30 de agosto de 1880. Inscreverão-se, conforme foi hoje anunciado pelo Correio Paulistano, para a 1ª Cadeira – os Ilmos. Julio Ribeiro e o Bacharel Carlos Reis; para a outra – os Ilmos. Antonio M. de Aymbire, Arthur Breves e Antonio D. F. da Luz. Designo os dias 1 e 2 de abril para o concurso (Directoria da Escola Normal de S. Paulo. Requerimento nº 4 de 20 de janeiro de 1887, assinado pelo director J. B. Benevides).

Neste concurso com dois candidatos para uma vaga, saiu-se vencedor o bacharel Carlos Reis que logo a seguir foi nomeado. Dois anos depois em 1 de março de 1889, Reis viria a utilizar a 2ª ed. da Gramática Portuguesa de Júlio Ribeiro em suas aulas na Escola Normal. Importante observar que Ribeiro, experiente professor e especialista na matéria, conhecido e respeitado como um dos principais filólogos do Império, elogiado por Capistrano de Abreu que salientou que: “como trabalho gramatical, a obra de Julio Ribeiro não é só notável, é superior” (*apud* RIBEIRO, 2007, p. 105), contudo o que se percebeu, foi a aprovação de um professor anônimo, sem visibilidade mas que se mostrou competente.

Em 30 de março de 1887, Ribeiro lecionou pela última vez na Escola Normal, sendo que através de outro concurso, agora para a cadeira de Latim, ele foi aprovado em primeiro lugar e nomeado professor da disciplina no *Curso Anexo à Faculdade de Direito de São Paulo*, deixando assim o magistério da Escola Normal.

Nesse tempo, simultaneamente ao magistério, ele teceu considerações através de artigos no jornal *A Procellaria*, sobre o novo programa dos exames gerais preparatórios para admissão nas instituições superiores do Império que passou a vigorar em 1888.

Esse programa governamental desconsiderou a gramática de Ribeiro, o que permitiu a Capistrano de Abreu fazer a seguinte observação:

Este homem, porém, nem é lente de Pedro II, nem professor da Escola Normal, nem membro do Conselho Diretor de Instrução Pública. Portanto o seu livro não será adoptado, nem será lido e ficará no conceito dos Garniers muito abaixo dos livros dos Mottas et reliqua (*apud* RIBEIRO, 2007, p. 105).

Mesmo diante da desconsideração de sua obra, Ribeiro teceu comentários elogiosos ao programa aprovado pelo governo, afirmando: “Não há negar; é este um programma organizado scientificamente, sobre as bases largas, solidas, da sciencia da linguagem... nada de superafetações escolasticas, nada de metaphysica medieval: quer-se o que se deve querer; exige-se o que se deve exigir” (RIBEIRO, 2007, p. 92).

No entanto, ele aproveitou para afirmar que sua gramática era a mais abalizada para o objetivo que foi proposto pelo programa oficial. Sobre isso, considerou: “mas, ainda assim, é a nossa Grammatica a única grammatica por onde se possa preparar um alumno para enfrentar com o actual programma de exames” (*Ibidem*, p. 94).

Além do seu auto-elogio, Ribeiro aproveitou, mais uma vez, para criticar a gramática adotada no Curso Anexo à Faculdade de Direito, que, segundo ele, continha: “[...] doutrinas e ensinamentos caducos, o auctor da grammatica official, o illustre cathedratico de Portuguez vai se ver em sérios embaraços.[...] A grammatica e o programa repellen-se: ou um ou outro, não há meio termo (*Ibidem*, p. 94).

Notou-se nesse episódio a deselegância, a descortesia profissional em criticar por meio da imprensa o colega de magistério, o programa aprovado e a própria instituição que o contratou. A atividade docente de Ribeiro em São Paulo na Escola Normal e no Curso Anexo à Faculdade de Direito ficou marcado pela sua contrariedade.

Exonerando-se do cargo de professor do *Curso Anexo* pelo agravamento de sua doença, Ribeiro cogitou a possibilidade de transferência para Pernambuco, conforme se deduziu de carta a Maria Francisca datada de São Paulo em 25 de agosto de 1889: “Eu mudo-me, não para Pernambuco, mas para o Rio de Janeiro, e Vmce vai comigo... Será o que Deos quizer”.

Cinco dias depois em outra carta escrita em 30 de agosto de 1889, noticiou a mãe: “Fui chamado a Corte pelo governo, e para lá sigo depois de amanhã... meu endereço na Corte é Rua do Visconde de Inhauma, nº 26”.

Instalado no Rio de Janeiro escreveu novamente em 8 de setembro de 1889 comunicando sua genitora: “Cheguei aqui, na 4ª feira de noite, e ainda não pude fallar com o ministro até agora, domingo... aqui estou doente, a suar todas as noites, com poucas esperanças de restabelecimento”.

Vivendo uma vida difícil, solitária, atribulada, fragilizado pela doença física e emocional, Ribeiro escreveu a Maria Francisca em 18 de setembro de 1889 comunicando o seguinte: “[...] não fico aqui na Corte: o clima não serve para mim”.

No ano seguinte com a instauração da República, Ribeiro foi nomeado professor da disciplina de Poética, Literatura e Retórica do *Instituto Nacional do Rio de Janeiro* em caráter interino. Em carta datada de 12 de março de 1890 endereçada a Quintino Bocaiúva, ministro das Relações Exteriores, ele pediu sua efetivação no cargo.

Ilmo. Exmo Sr. Quintino Bocayuva.

Felicito-o cordialmente pelo bem expresso á pátria e pelo restabelecimento da filha adorada. Juncta, encontrará V. Excia. uma recomendação que, antes de 15 de Novembro de 89, me deram para V. Excia, três membros da Comissão Executiva Republicana Paulista, dous dos quaes são hoje ministros. Todavia eu não me apresento a exigir a recompensa de serviços prestados; apresento-me a pedir que entendo me poder e dever ser dado com lucro do pais. Eu desejo a effectividade do logar que interinamente occupo no Instituto Nacional. E provas de concurso não se fazem mister: eu não sou um estreatante nas letras pátrias e

toda minha vida tem sido um concurso não interrompido. Permita-me V. Excia. a immodestia: quem é como eu conhecido nos domínios da philologia; quem fez o concurso de Latim que eu fis em S. Paulo, quem tem escripto os livros que eu tenho escripto não precisa de fazer concurso para ser nomeado professor de Rhetorica, Poetica e Litteratura no Instituto Nacional. Certo de que a gentileza fidalga de V. Excia. não deixara sem resposta esta carta minha, subscrevo-me. De V. Excia. admirador entusiasta e amigo. Julio Ribeiro

Essa carta figurou entre outras as quais Júlio Ribeiro solicitou aos republicanos no poder na época, nomeação para algum cargo sem que tivesse que prestar concurso. Com o agravamento da doença e decepcionado pela recusa do seu pedido, exonerou-se do Instituto Nacional.

3.4 Sábio a título negativo por não ser bacharel

A questão que envolveu as impressões do autodidata Júlio Ribeiro a respeito da educação científica e clássica [bacharel] no Brasil oitocentista se originou em fevereiro e terminou em julho de 1885. Os artigos foram publicados pelo jornal *O Diário Mercantil de São Paulo* e denominados de *Cartas Sertanejas*.

Estes textos tinham como propósito atacar o PRP e a eleição de dois deputados paulistas para a Assembléia Geral em 1885: Campos Sales e Prudente de Moraes.

Sobre isso a imprensa de São Paulo noticiou a vitória dos políticos e também considerou:

[...] a efetiva participação de republicanos nas decisões políticas, tendo sido, por isso, transformado de imediato num acontecimento político que saudava os deputados bacharéis como homens sábios e cientificamente preparados para todas as lutas e idéias (SILVEIRA, 2008, p. 110).

Diante do fato Ribeiro aproveitou o momento para criticar os dois políticos e questionar suas qualidades intelectuais: “Serão os dois deputados homens notáveis por seus talentos provados, pela vastidão dos seus conhecimentos?” (RIBEIRO, 2007, p. 22). Essa crítica envolveu algo de dimensão muito maior o - personalismo.³⁵

³⁵ Consultar Ventura, 1991. O autor analisa as diversas controvérsias do final do século XIX, com destaque para Silvio Romero, o campeão das polemicas, marcadas pelo personalismo, em que os ataques pessoais funcionavam como uma forma de enfatizar retoricamente sua individualidade e originalidade (*apud* Silveira, p. 110).

E mais, quais seriam as qualidades intelectuais que habilitariam um homem à prática política? Segundo Ribeiro, tinham que possuir, ao mesmo tempo, conhecimentos científicos e clássicos, o que os políticos eleitos, segundo sua ótica, não tinham.

Para ele o homem cientificamente preparado deve conhecer os científicos e os clássicos, ou seja, abarcar a universalidade de conhecimentos, formando uma base para sua reorganização social, e também conhecer, ao menos elementarmente:

[...] as mathematicas, a physico-khimica, a bio-physiologia, a psykhologia moral. Deve ter boas noções de arithmetica, de álgebra, de geometria, de mekhanica, de cosmologia, de astronomia sideral e planetária, de geodesia, de geographia physica, de geologia, de mineralogia, de paleontologia, de botânica, de zoologia, de anatomia, de histologia, de pathologia, de psykhologia, de moral, de anthropologia, de ethnologia, de lingüística, de historia e geographia-historica, de industria, de arte, de litteratura, de sociologia, de legislação, de política (RIBEIRO, 2007, p. 23).

Com o intuito de abalizar seu pensamento, utilizou-se de trechos da obra do escritor português Almeida Garret em seu livro *Da educação* [1829], acrescentando-lhes que o homem:

Que se destina seu nascimento a uma vocação publica, não pode sem vergonha ignorar as bellas letras e os clássicos. Saiba elle mais mathematica do que Laplace, mais Khimica do que Lavoisier, mais botânica do que Jussieu, mais zoologia do que Linneu e Buffon, mais economia política do que Smith e Say, mais philosophia de legislação do que Montesquieu e Benthon: si elle não for o que os Inglezes chamam a *good scholar*, triste figura há de fazer fallando, ou seja na barra, na tribuna, no púlpito; tristissima escrevendo, seja qual for a matéria, porque não há assumpto em que as graças do estylo e a correcção da phrase e belleza da dicção não sejam necessárias e indispensáveis (*Ibidem*, p. 24-25).

Considerando ainda a importância do científico e do clássico na formação humana, argumentou a respeito das “qualidades” dos políticos paulistas:

Qualquer dos dous deputados será capaz de resolver uma equação do segundo grau? – de demonstrar as propriedades da hypothenusa e das cathetas de um triangulo rectangulo? – de determinar a parallaxe da lua? – de avaliar por meio de um raio de luz a quantidade de assucar que lhe adoça o café da manhã? – de dizer que substancias deve combinar, e em que proporções para dissolver o subsidio de um dia, caso seja pago em ouro? – de traçar a arvore genealógica da vida animal, a partir da *monera* e a terminar no homem aryano, passando como por etapas, pelos *gastreades*, pelos acrania, pelos promammalia, pelos anthropoides? – de reconstruir, ao menos em imaginação, as formas exquisitas e gigantescas dos sáurios de epokha jurassica? (RIBEIRO, 2007, p. 25-26).

Finalizando a questão concluiu: “consciente e conscienciosa é que a mór parte destas questões, aliás elementarissimas, seriam para S.S. Ex., verdadeiros exorcismos” (RIBEIRO, 2007, p. 26). Ou seja, para Júlio Ribeiro eles não seriam capazes de atender esses requisitos por ignorância intelectual.

No seu entendimento uma boa e sólida formação cultural englobaria:

O Grego e o Latim são necessários elementos d’esta educação nobre. Em terreno clássico não pizam com mais firmeza: nenhum delles pode sustentar uma conversação em francez decente, ler sem dictionario uma pagina de Buckle, traduzir a primeira vista um capitulo de Cesar ou uma elegia de Tibullo. Portuguez conhecem, mas não profundamente: Barros, Couto, Frei Luiz de Souza, Frei Antonio das Chagas Lucena, Mendes Pinto, Bernadim Ribeiro, Sá de Miranda, Ferreira, Corte-Real, são tão privados, tão conhecidos de S.S. Ex., como Valmiki, como Krowitha, como o padre Tostado. Conhecerão elles as affinidades glotticas, o parentesco das línguas que os das ideas, e por conseguinte dos homens?... Encararão sem tremer as bases novas em que se tem collocado a moral? Admittirão os ensinamentos e as doutrinas criminaes de Luys, de Bastian, de Maudsley, de Lambroso? [...] Não. Scientificamente, classicamente, os dous deputados não estão mais preparados do que seus collegas de parlamento (Ibidem, p. 24-27).

Com o beneplácito da imprensa que publicou nota afirmando ser os dois políticos paulistas homens sábios e cientificamente preparados para a função, Ribeiro rechaçou essa idéia, afirmando o contrário e, colocando-se na condição de “intelectual” por ser filólogo e romancista.

Suas críticas contundentes contra os políticos do PRP não visavam a honestidade de ambos, porque era entendimento que isso não era “mérito” e sim “dever” de cada um. A desqualificação intelectual e política de Campos Sales e Prudente de Moraes era uma afronta a condição de ambos de bacharéis em Direito, o que permitiu a Ribeiro atribuir o despreparo dos políticos aos: “[...] filhos da *Academia de S. Paulo*, desse polypeiro de metaphisica e pedantismo insolente... onde se esterilisa a mocidade brasileira tão digna de melhor sorte” (RIBEIRO, 2007, p. 27). Suas críticas até então dirigidas a ataques individuais, nesse momento tomam proporções mais elevadas por envolver críticas a uma instituição, no caso uma importante escola de direito.

O bacharelismo segundo Silva (1998), no seu pior sentido significou uma mania generalizada entre os respectivos pais, de formar o filho, dar-lhe de qualquer modo um título de doutor. Um pai que não formasse pelos menos um filho sentia-se envergonhado, significava que estava no último degrau inferior da respeitabilidade econômica e financeira.

Essa mania era característica das classes média e representava no fundo a luta contra a proletarização crescente, pois ser doutor era, senão um meio de enriquecer, certamente uma forma de ascender socialmente. Ao doutor abriam-se as portas e, principalmente, os melhores cargos no funcionalismo.

Posteriormente Júlio Ribeiro voltou a questão bacharelesca quando surgiu um artigo no jornal *O Colombo* (MG), de autoria de Luciano de Mendonça tratando o professor sabarense como alguém sábio a título negativo por não ser bacharel.

A partir desse artigo ele iniciou sua autodefesa através da imprensa paulistana em maio de 1885. Iniciou dizendo que a frase, a priori, estava correta por entender que esse estereótipo estava “profundamente arraigado” na sociedade brasileira: “com effeito, relativamente a conhecimentos scientificos, não ser bacharel é um título negativo; ser bacharel é um título positivo” (RIBEIRO, 2007, p. 138).

Para Ribeiro o bacharel é alguém que:

[...] domina, governa, administra desembaraçadamente, desempedidamente, sem estorvos, sósinho. No Brazil, como magistrado nato exerce elle o poder judicial; toma assento nas duas casas do parlamento, e chama a si o poder legislativo; faz-se ministro de estado, e agadanha o poder executivo... Dirige a administração, dirige a legislação, dirige a lavoura, dirige a industria, dirige o commercio, dirige o exercito, dirige a marinha, dirige o magisterio, dirige a diplomacia, em uma palavra dirige o paiz, dirige tudo (RIBEIRO, 2007, p. 145).

Com respeito ao sábio a título negativo, salientou:

O facto é que quem não for bacharel em direito, saiba embora línguas como Mezzofanti, philologia como Bopp, philosophia como Lefevre, phisica como Casselli, khimica como Liebig, astronomia como Secchi, jurisprudência criminal como Lombroso, economia política como Bastiat – há de ser sempre sabio a título negativo (*Ibidem*, p. 144).

E a título positivo completou:

Em compensação o individuo que não souber Portuguez, nem Francez, nem Inglez, nem Latim, nem Geographia, nem Historia, nem Mathematicas Elementares, nem Philosophia, nem Rhetorica, nem Direito Romano, nem Direito Natural, nem Direito Ecclesiastico, nem Direito Consitucional, nem Direiot Publico, nem Diretio Criminal, nem Direito Civil, nem Direito Commercial, nem Economia Politica, nem Pratica, nem cousa nenhuma – mas que, de empenho em empenho, de prottecção em protecção, tiver passado em dez exames e cinco actos, recebendo por fim uma bordadella symbolica, esta bacharel apto, para tudo, sabio a titulo positivo (RIBEIRO, 2007, p. 145).

Para Ribeiro (2007) o bacharelado em direito, tal como estava constituído, não passava de uma encenação vistosa, cara, cubiçada e no fundo completamente inútil. E ainda sobre a “influência oficial” do governo no curso superior de direito, aduziu criticamente:

A influencia official tem introduzido no ensino superior um charlatanismo verdadeiramente calamitoso. O professorado [sic] tornou-se um simples meio de vida mais commodo, que se pode obter do governo por uma simples promessa de fidelidade e obediência as suas ordens, ou pela renuncia das convicções políticas. O empenho e a proteção dos amigos annullam os concursos, e decidem em ultima instancia do grau de capacidade dos pretendentes. O ensino baixou a esphera de uma mera palestra superficial e methaphisica: o exame tornou-se uma pura formalidde, sem provieto e sem significação; o discípulo perdeu a sua independência, a sua dignidade e arvorou-se em fiel repetidor das banalidades cathedricas; e a approvaçãõ passou a ser considerada como um simples acto da generosidade dos lentes. É pura verdade: as provas académicas não provam cousa nenhuma (*Ibidem*, p.147).

As críticas negativas da influencia governamental no ensino superior do direito, proporcionou a Ribeiro abordar comparativamente o nível da produção intelectual dos docentes europeus em relação aos docentes brasileiros:

Na Moldavia há professores de direito que escrevem, em Romanico e em Francez, obras de philosophia moderna que a França adopta, que a Allemanha traduz. Que é que escrevem os nossos professores e lentes? Ou não escrevem cousa nenhuma, ou escrevem em Portuguez de Pungo Andongo o Caetaninho, a família Razique e as Memorias da Academia (RIBEIRO, 2007, p. 154)

E aos discentes fez a seguinte observação: “O estudante que limita-se ao ensinamento dos lentes, o estudante de postillas sempre faz figura triste entre os collegas. Consegue graduar-se; não consegue ficar sabendo direito” (*Ibidem*, p.161). Em suas considerações sobre a educação superior brasileira, Júlio Ribeiro salientou que:

É tempo de acabar com o preconceito funesto de que só tem illustração quem recebe a investidura da sciencia official, materialisada em uma callote muito ridícula e muito cebosa. É tempo de reconhecer-se que assim como há bacharéis sábios, há também sábios não bacharéis, e indivíduos que, na phrase de Michelet, são doutores aos quinze anos, e asnos toda a vida (*Ibidem*, p. 163).

Durante seu percurso como ator e crítico da educação brasileira, especificamente nas províncias de São Paulo, seu maior “lócus” de atuação, Júlio Ribeiro desta vez foi alvo de duras críticas encetando-o numa nova polêmica a de desonestidade intelectual.

3.5 Nunca fui metafísico e muito menos positivista

O primeiro requisito da educação moderna, como base de reorganização social, é a universalidade de conhecimentos.

A frase acima se referiu a uma nova batalha travada entre o positivista Alberto Sales, doutrinador e teórico do republicanismo no Brasil e Júlio Ribeiro. O que se evidenciou nessa disputa foi o personalismo de ambos.

Os homens “cultos” ou “intelectuais” foram vistos com prestígio e colocados em lugar de destaque no conjunto da sociedade naquela época. Nos litigantes o afã pela visibilidade foi preponderante. A partir de 8 de agosto de 1885 pelas páginas do jornal *d’A Provincia de São Paulo*, iniciou-se a publicação de duas séries de artigos intituladas *Cartas a Julio Ribeiro e Bilhetes Postais*, cada uma das quais assinadas sob os pseudônimos de *Demócrito* [Alberto Sales] e *Diderot*. Entre 8 e 21 daquele mês foram publicadas doze cartas e seis bilhetes, entremeados por artigos em defesa de Demócrito e Diderot.

Estas cartas da lavra de Alberto Sales inicialmente pretenderam desqualificar a capacidade intelectual de Júlio Ribeiro. Para isso ele usou a apropriação da fala do seu oponente como arma central de depreciação, ou seja, as afirmações críticas de Ribeiro lhe eram devolvidas no mesmo tom. Uma dessas cartas o acusou de haver plagiado Augusto Comte por lhe ter transcrito um pensamento sobre educação, sem lhe mencionar o nome.

Em carta datada de Capivari em 4 de março de 1885 e publicada no *Diário Mercantil de São Paulo* Ribeiro afirmou: “o primeiro requisito da educação moderna, como base da reorganização social, é a universalidade de conhecimentos”.

Sobre isso Sales sob o pseudônimo de Demócrito questionou:

Lembrei-me que aquele aforismo, apesar de vir desacompanhado de aspas e sem mínima referência, pertence inteiro a um dos maiores vultos de nosso século, a quem V.S^a evidentemente pediu emprestado, mas cujo nome não quis confessar ao público, visto como V.S^a somente escreve para sua alta recreação e para satisfazer a sua atividade. Todo aquele, porém, que conhecer um pouco o famoso *Curso de Filosofia* de Augusto Comte, há de naturalmente se recordar de lá ter encontrado, na lição quinquagésima sétima, este mesmo aforismo enunciado exatamente nos mesmos termos, como o encontrou sem dúvida V. S^a nestas próprias palavras: “o primeiro requisito da educação positiva [moderna] considerada como base de uma nova ordem social deve consistir em sua universalidade (apud LINS, 2009, p. 199).

A essa acusação Júlio Ribeiro respondeu:

Malsina-me de plagiário [Demócrito] por eu ter repetido um pensamento de Comte sem indicar a procedência. O pensamento é tão conhecido, tão batido, tão surrado para quem lê as obras de filosofia moderna, que não há necessidade de indicar o autor; *tem-se obrigação de saber quem é Comte*. A por aspas naquilo, seria necessário pô-las no “*água mole em pedra dura*”, no “*coração pressago*”, no “*desce de cima*”, no “*gato escaldado*”, no “*Diabo*” (RIBEIRO, 2007, p. 193).

Sales não se deu por convencido e voltou a criticá-lo com a seguinte resposta:

Malsinei-o de plagiário, por ter encontrado em carta, literalmente reproduzido e sem a mínima referencia ao autor, um aforismo de Augusto Comte. Ingenuidade da minha parte. A coisa é mesmo como V.S^a o disse: quem tem lido obras de Filosofia Moderna tem obrigação de saber aquilo. E mais: é um pensamento hoje tão surrado, tão batido, que para citar-lhe o autor seria também preciso citar o autor de ditos como este: *água mole em pedra dura tanto bate até que fura*. É verdade que aquele aforismo não é um anexim popular: é um pensamento sintético de um grande filósofo, produto de um sistema particular que vem em uma das páginas de uma obra de diversos volumes e de difícil aquisição pelo seu custoso preço. Isso, porém, não importa. Quem não tiver o *Curso de Filosofia Positiva*, que o compre, porque tem obrigação de tê-lo em sua estante. Ainda mais. Seja muito embora o Positivismo uma doutrina nova, que mal começa agora a propagar-se, isso também pouco importa. Os seus aforismos *já são tão surrados* que se tornaram verdadeiros anexins. Quem quiser hoje pode até citar uma página inteira de Augusto Comte, sem precisar indicar o autor. Poderá isto parecer uma esquisitice, mas não é: são princípios de probidade literária que V.S^a aceita e de que quer dar praticamente exemplos (*apud* LINS, 2009, p. 200).

Ainda no cerne de suas acusações, Sales atentou para o fato do desconhecimento de Ribeiro sobre o conjunto da filosofia da educação positivista. Sobre isso fez acusações que foram prontamente respondidas pelo filólogo:

1. Sales asseverou que segundo Augusto Comte, “a educação exige um espírito de conjunto que é indispensável mesmo sobre os mais simples aspectos.”

Resposta: Pondo de parte o “*sobre os mais simples aspectos*”, que me parece erro de Demócrito [Alberto Sales] na tradução das palavras de Comte, atendo-me ao “*espírito de conjunto*,” respondo: Estou de accordo, de perfeito accordo. E nunca eu disse o contrário. Afirmar que eu o fiz, é uma inverdade, é assacar-me um aleive.

2. Sales salientou que não é com o ensino de todos os ramos dos conhecimentos humanos indistintamente que se obtém uma educação universal.

Resposta: Responda Carrilho Videira, o ardente propugnador da republica intemerata; responda Teixeira Bastos, o condensador portuguez da *Philosophia* de Comte:

2.1 O que significa instrução?

Resposta: O conjuncto de todas as verdades e de *todas as noções scientificas* tiradas dos factos pela observação e experiência. Responda mais Pichard, o divulgador positivista, recommendado por Littré.

2.2 Em que consiste a educação positiva?

Resposta: No ensino das *noções fundamentaes das sciencias* que nos levam à concepção positiva do mundo, e na applicação dos lados destas sciencias ao homem, pelo que respeita à hygiene e ao desenvolvimento intellectual, esthetico e moral. Este ensino deve abraçar os factos geraes de todas as sciencias principaes, partindo da mais simples para a mais complicada, de sorte que o espírito possua um conjuncto coordenado, indivisível, *de noções positivas sobre todas as diversas ordens de factos* que o universo nos apresenta, conjuncto que será o fundamento da razão, da esthetica e da moral. A instrução scientifica está hoje muito divulgada, mas a maior parte das vezes é restricta e especial. Há pessoas que, versadissimas nas sciencias inferiores, não tem a menor noção de biologia, ou de sociologia; outras, tidas como hábeis em economia, em política, em philosophia, ignoram completamente as mathematicas, a astronomia, a physica e a khimica. Os primeiros tem no seu espírito um edificio solidamente assentado, mas por acabar, ou o que peor é, terminando com materiaes theologicos ou metaphysicos, sem unidade, sem consistência, frágil e disparatado. Os segundos possuem a parte que coroa o edificio *mas não tem nada real e estável* em que o assentem. Para uns e para outros há *impossibilidade* de fundar construcção acabada, solida e homogênea em todas as suas partes; em uma palavra: incapacidade de chegarem à concepção positiva do mundo.³⁶

3. Aqui Sales o acusou de não fazer distinção entre conhecimentos abstratos e conhecimentos concretos.

Resposta: Faço. As mathematicas, a physico-khymica, a bio-physiologia, a psykologia moral representam *os conhecimentos abstractos*, e as sciencias da malsinada nomenclatura são exactamente os *conhecimentos concretos*.

Saiba Demócrito que esta é a doutrina de um dos mais lidos, dos mais respeitados materialistas franceses; é a doutrina de André Lefevre. Ouça-se o mestre: Fora da hierarchia das sciencias de observação, a mathematica, reduzindo a noção de quantidade os três kharacteres geraes de todo objecto particular, numero, extensão e movimento, offerece ao homem processos simplificadores que elle applica a todos os seus conhecimentos. A phylosophia geral se compõe dos *resultantes geraes obtidos pelas sciencias concretas*, e resumidos pelas três phylosophias parciaes, physico-khimica, bio-physiologia, psykologia moral. Nenhuma de suas conclusões pode contradizer as de seus componentes hierarkhicos, nem inverte a ordem natural da dependência.

4. Outra acusação. Dessa vez a afirmação de que Ribeiro confundiu lamentavelmente ciência com erudição, e que exigiu dos dois deputados republicanos preparo não de homens de ciência, mas de simples eruditos.

Resposta: Não há tal, eu não quis que os dous deputados republicanos fossem simples eruditos: eu quis que elles fossem homens scientificos. Exigi delles *sciencia*, não exigi *erudição*. Demócrito é quem fala de

³⁶ Doutrina do Real, Porto, 1876, p. 157-158.

erudição e sciencia sem saber o que seja uma e outra cousa. Aprender sempre: aprenda Demócrito, e aprenda de uma auctoridade insuspeita, de Littré:

Erudition, s.f. Savoir approfondi dans les langues anciennes ou orientales, dans les origins des peuples, dans les inscriptions et lês medailles, em um mot, dans tous lês documents qui fournissent lês materiaux a l'histoire.

Erudit, Savant. Savant est le terme le plus general, designant celui qui sait. Ainsi l'Academie des sciences est compose de savants ainsi que l'Academie des Inscriptions et Belles Lettres, mas ces deux orders de savants sont bien differents: les premiers s'occupent de mathematiques, d'astronomie, de physique, de chimie, de biologie: les autres s'occupent des langues des peuples anciens, de leurs usages, de leurs monuments, etc, et on les nomme des erudits.

Então trata-se de confusão minha lamentável, ou de ignorância provada de Demócrito? Desta maneira é que Demócrito nega o meu critério científico, para estabelecer o seu...

5. Finalizando Sales apontou que as ciências concretas ou de aplicação nada tem a ver com a universalidade de conhecimentos.

Resposta: Resposta Lefreve: A concepção de Comte *não é pratica, não é conforme ao methodo experimental*: Poe o geral antes do particular, o abstracto antes do concreto, a lei antes do facto. Porque não começar pelo que se chama hoje “lição de cousas” pelas sciencias immediatas, descriptivas? Não são ellas o próprio fundo das sciencias abstractas? Estas, com muito mais utilidade, virão classificar os conhecimentos adquiridos, e resumir os traços geraes das diversas ordens de phenomenos, alternativamente, quando preciso for.

Há na nomenclatura de Comte “uma lacuna estranha que parece uma negação de justiça: as sciencias concretas não figuram nella” (RIBEIRO, 2007, p. 60-68).

Estranhou-se o fato de Júlio Ribeiro escrever textos inspirado nas doutrinas de Comte e utilizá-los como se fossem de sua autoria. Estranhou-se também sua enfática declaração paradoxal: “Nunca fui metaphysico e muito menos positivista...” (*Ibidem*, p. 130).

Nessa polêmica o que se evidenciou foi o índice da grande difusão que alcançara em São Paulo o positivismo, não só em extensão como em profundidade e também dúvidas a respeito da honestidade intelectual de Ribeiro.

3.6 Em paz e as moscas

Alberto Sales [Demócrito] continuou com os seus ataques acusando Ribeiro de plágio nos seus trabalhos de gramática: *Traços Geraes de Lingüística* [1880] e

Grammatica Portugueza [1881]. A crítica ferrenha de Sales provocou intenso debate causando a indignação virulenta do acusado.

Os *Traços Gerais de Lingüística*, hoje uma raridade bibliográfica, foi o embrião da Gramática Portuguesa. Silveira (2008) salientou que esse trabalho considerado inovador no contexto dos estudos filológicos do país deu relevo ao método moderno do autor, que recorreu ao que de melhor havia sido produzido nas esferas nacional e estrangeira, o que conferiu a sua pesquisa uma esmerada erudição e um acertado método científico.

A imprensa de São Paulo conferiu ao estudo preliminar de Ribeiro como sendo algo “original” acrescido de sua capacidade de “síntese em matéria de lingüística” [A *Província de São Paulo*, 10 agosto 1880]. Foi nesse quesito que Sales se deteve para atacar seu adversário chegando a indagar: “Onde estão os títulos que v.s. oferece como garantias de sua competência?” (*Idem*, 1885).

Sales salientou que os títulos de Ribeiro foram concedidos pela escrita de uma “obra ligeira” [*Traços Geraes de Linguistica*] e uma “obra de fôlego” [*Grammatica Portugueza*] que para ele não “não passam de uma verdadeira manta de retalhos, cosida de pedaços roubados de diversos escriptores, que v. s. procurou impingir como seu trabalho original, unicamente por ma fé e por falta de probidade literária. (*Idem*, nº10)

Ele dedicou-se a examinar a obra preliminar ribeiriana para fundamentar sua acusação de plágio. Inicialmente ele comparou os escritos de Ribeiro com os escritos de gramáticos estrangeiros como Pichard, Hovelacque, Holmes e Bain.

Nos *Traços Geraes* ele separou trechos que confrontou com as obras de Abel Hovelacque e Pichard. Eis a comparação:

“Nada de indicação de genero, de numero, de pessoa; nada de determinação de tempo ou de modo; nada de elementos de relação; nada de preposições; nada de conjucções: cada palavra – raiz ou antes de raiz – designa uma idea cujo valor, cujo sentido preciso é determinado pela sua posição na phrase” (*Traços Geraes de Linguistica*, p. 36).

Este período, como de costume, não vem acompanhado de aspas, nem de referencia alguma. Está ali como seu. Em Abel Hovelocque porém, encontra-se também o seguinte:

”estas raízes – palavras ou estas palavras – não designam sinão uma idea essencialmente geral. Nada de indicação de pessoa, de genero, de numero; nada de indicação de tempo, de modo, nada de conjucções; nada de preposições (*La Linguistique*, p. 39)

Júlio Ribeiro se autodefendeu dessa acusação recorrendo ao prólogo de seu livro para dizer que não havia cometido plágio:

Nos Traços Geraes de Linguistica quis eu fazer passar por minhas paginas e paginas copiadas de Pichard e de Hovelacque. Que eu tomei de Pichard e de Hovelacque vários trechos que figuram no livrinho é uma verdade; que eu os quizesse fazer passar por meus, é uma calúnia. Eu disse no *prólogo*: Quase com o mesmo direito com que nos rótulos de vinhos preciosos figura a firma dos engarrafadores, vai o nome na frente deste livrinho. Verdade é que são minhas *algumas* das investigações nelle exaradas, que é a minha a *exposição*; a maior e melhor parte, porem, *não me pertence: pertence aos mestres, cujos ensinamentos repeti*, CUJAS PALAVRAS POR VEZES TRASLADEI LITTERALMENTE. Ora quem diz que “a maior e melhor parte da obra *não lhe pertence*, mas *sim aos mestres*, cujos ensinamentos *repetiu*,” quem com hombridade *confessa* que “trasladou por *vezes* LITTERALMENTE palavras *alheias*”, não quer attribuir-se a gloria que de taes ensinamentos, de taes palavras possa resultar; não é plagiário (RIBEIRO, 2007, p. 89-90 Letras caixa-alta são de autoria de Júlio Ribeiro).

Continuando com seus ataques na tentativa de destruir sua reputação “intelectual,” Sales se concentrou então na “obra de fôlego” do filólogo: a Gramática Portuguesa.

Sobre o projeto de escrever uma obra dessa natureza Júlio Ribeiro assinalou:

O plano de escrever uma grammatica portugueza vasada em moldes ingleses, concebi-o eu há mais de vinte anos, no dia em que li o seguinte trecho de Garret: “Já que não temos em Portuguez um só livro de Grammatica com senso commum, pediria aos nossos mestres mentores que lessem e estudassem a insigne e transcendente obra do americano Lindley Murray, cuja applicação do Inglez para qualquer das línguas do occidente não é muito difficil. Ella não é certamente applicavel em tudo em tudo e por tudo à nossa língua, mas em muitas cousas o é: e, quando só em poucas se faça, sempre há de ser incalculável o proveito” (RIBEIRO, 2007, p. 92-93).

Ainda segundo ele:

Desse dia em diante foi sempre plano meu fazer applicação da grammaticologia ingleza à língua portugueza... li dezenas de outras grammaticas inglesas, até que por conselho de meu sabio amigo Rev. G. N. Morton decidi a tomar como guia a grammatica de Holmes, adoptada no Collegio Internacional de Campinas (*Ibidem*, p. 93).

Com recursos financeiros angariados entre a elite campineira, em 1881, se deu a publicação pela Typographia Jorge Seckler de São Paulo da Grammatica Portuguesa do professor Júlio Ribeiro.

Em sua dedicatória ele fez referência em particular à cidade de Campinas, a duas pessoas importantes na dinâmica educacional da cidade: Manoel Jose da Fonseca e Carolina Florence.

O Visconde de Indaiatuba, rico fazendeiro da cidade, embora não tenha sido lembrado na dedicatória, foi providencial em sua ajuda financeira.

Com essa publicação sua obra alcançou notável sucesso principalmente entre os especialistas brasileiros e estrangeiros. Esse fato proporcionou-lhe visibilidade “intelectual” consagrando-o como o principal filólogo do Império.

O político Rui Barbosa, membro da Câmara dos Deputados, em setembro de 1882, na condição de relator da *Comissão de Instrução Pública*, apresentou um parecer sobre a gramática de maneira elogiosa:

Louvores ao nosso distinto philogo, o Sr. Julio Ribeiro, pela intelligencia com que comprehendeu e traduziu esta nova direcção (a de Whitney) dos estudos grammaticais. Grammatica, diz ele: “é a exposição methodica dos factos da linguagem” (*apud* SILVEIRA, 2008, p.105).

Sua obra foi adotada no importante Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Em São Paulo ela foi utilizada na Escola Normal e, posteriormente, utilizada em várias escolas brasileiras. Na segunda edição revisada [1884] editada pela Casa Eclectica de São Paulo, em sua dedicatória Júlio Ribeiro homenageou:

a memória veneranda de Luiz de Camões, Friedrich Diez e Emile Littré. Aos colendos mestres “André Lefèvre, Michel Bréal e Adolpho Coelho; ao eruditissimo polygrapho Theophilo Braga; ao mais robusto manejador da Lingua Portugueza Camilo Castelo Branco; à maior gloria do magistério official brasileiro, Capistrano de Abreu; aos distinctissimos professores Vieira de Almeida (Campinas), Thomaz Galhardo (S. Paulo) e Seraphim de Mello (Capivary).

Apesar do êxito conquistado com a publicação de sua gramática, sua reputação foi abalada pelas acusações de plágio provenientes de Alberto Sales a quem Júlio Ribeiro considerou como alguém que:

[...] não conhece lógica, não tem stylo, não sabe grammatica. É difuso, é pesado, é chato, é charro... Demócrito não passa de um charlatão de marca maior, de um ingênuo, para não dizer um imbecil... não tem critério scientifico, não tem largueza de vistas, não sabe exprimir-se, não tem correção de phrase, não tem qualidade alguma... causa penna: não é ensosso, não é lorpa; é lúgubre... em paz e as moscas (RIBEIRO, 2007, p. 85-86).

As novas acusações de Sales receberam a devida resposta por parte de Ribeiro:

1. Sales apontou uma grande diferença entre a gramática de Ribeiro e a de Bain.

Resposta: Há uma grande diferença entre minha *grammatica* e a de Bain. Há de facto: a *delle* é inglesa; a minha e portugeza.

2. Sales ratificou que Ribeiro copiou de Whitney a definição de gramática: “gramática é a exposição metódica dos fatos da linguagem”. A de Whitney: “English Grammar is the description of the usages of the English Language”.

Resposta: Há entre uma e outra, similhaça de concepção; mas uma não é tradução da outra.

Com o intuito de provocar ainda mais o seu oponente comparando a gramática ribeiriana com a gramática de Holmes, Sales asseverou:

A sentence is a combination of words, or a single word, conveying a complete sense, as: *the bees make honey*. (Holmes)

Sentença é uma coordenação de palavras ou mesmo uma só palavra formando sentido perfeito, ex: *as abelhas fazem mel*. (Júlio Ribeiro)

(*apud* RIBEIRO, 2007, p. 89-109).

Estas acusações se constituíram no eixo em torno do qual gravitou sua busca pela desmoralização intelectual de Júlio Ribeiro.

Ao ser rotulado de plagiário Ribeiro recorreu aos seus conhecimentos lingüísticos para provar sua honestidade intelectual. Sua defesa fundamentou-se no recurso da paródia, que segundo ele era uma prática que vinha desde a antiguidade, ao menos no que se referia a parte metafísica [sintaxe] das línguas.

Desde Aristóteles, os gramáticos repetiam as divisões e definições, que acabavam sendo “paródias uma das outras”. Sendo assim para Ribeiro “repetir o que não pode deixar de ser repetido não há plágio literário: repetindo Holmes, que repetiu Murray, que repetiu cem outros, eu não plagiei.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar um trabalho acadêmico, não é possível saber antecipadamente aonde se pode chegar. Aquele primeiro pensamento, ou aquela dúvida, inquietando ao ponto de não se satisfazer com respostas prontas, é inquestionavelmente a razão maior de se adentrar pelo campo das idéias. Construir um conhecimento que contribua para o avanço das ciências nem sempre é uma tarefa fácil. O descuidado encontrará, no seu caminho, inúmeros espinhos.

No início, Júlio Ribeiro não passava de uma mera curiosidade que me incomodava na esperança de um dia poder conhecê-lo melhor. Esse dia chegou com o anteprojeto de tese sobre ele aprovado e a efetivação da matrícula no programa de pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). À medida que comecei a avançar em minhas pesquisas, Ribeiro deixou de ser apenas uma curiosidade para se tornar tangível, motivo de muitas leituras e reflexões.

O Brasil oitocentista se via diante de ações que em nada lhe favoreciam, uma mentalidade colonialista, uma cultura esvaziada que não atendia aos reclamos da sociedade. Tinha uma educação retrógrada que, aliada à superficialidade dos dirigentes, resultava em ignorância inaceitável. O Brasil do século XIX ficou marcado pela prevalência do analfabetismo. Em 1872,³⁷ a população brasileira era de 10.112.661 indivíduos, com 8.365.997 analfabetos, ou seja, 83% de analfabetos. As instituições sociais degeneradas e a pouca segurança oferecida pelo governo monárquico criavam cada vez mais a possibilidade de novas alternativas.

A religião cristã era dominada pelo catolicismo romano, a religião oficial do Império, no entanto havia liberdade constitucional de professar outros credos religiosos, caso de Júlio Ribeiro, que optou por professar a fé protestante e o ateísmo em fases distintas de sua existência.

Dentro de um seleto grupo de brasileiros formadores de opinião que contribuíram para o progresso do Brasil, destacou-se Ribeiro que, de maneira indelével, como um pensador livre, propugnou e catalisou idéias que ajudaram o Brasil no seu processo de desenvolvimento.

³⁷ Censo Brasileiro de 1872.

No desenvolvimento da pesquisa, foram surgindo temas importantes que necessitam ser analisados mais detalhadamente em outros trabalhos posteriores. Em primeiro lugar, eu destaco uma análise mais substancial do romance histórico *Padre Belchior de Pontes* e a questão teológica da justificação pela fé inserida no romance. Em segundo lugar, o romance polêmico, estigmatizado como pornográfico, *A Carne*, relegado à condição de obra menor no panorama literário brasileiro, ainda à espera de futuros estudiosos e pesquisadores.

No término desta pesquisa, a sensação foi de aprazimento. Senti-me realizado por tê-la finalizado dentro dos objetivos propostos. Procurei traçar a trajetória educacional e religiosa do homem público, polêmico e inconstante de maneira imparcial. Meu intento não foi reabilitá-lo e nem transformá-lo em herói vitimado. Espero tê-lo conseguido.

Sua caminhada educacional pelos principais colégios de São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas foi definidora da construção de sua imagem como professor moderno e competente. Júlio Ribeiro se consagrou no universo educacional brasileiro com a publicação de sua “obra de fôlego”, a Gramática Portuguesa de 1881. Contestou veementemente os críticos que o acusaram de plágio literário nos Traços Gerais de Gramática, na Gramática Portuguesa e nas ideologias do positivista francês Augusto Comte. Em sua autodefesa, ele empreendeu um grande esforço para justificar sua idoneidade intelectual, todavia a pesquisa ofereceu subsídios para que o leitor possa tirar suas próprias conclusões.

Efetivamente qual foi a importância de Júlio Ribeiro para a educação? A docência nas afamadas escolas de São Paulo [Escola Americana, Escola Normal, Curso Anexo à Faculdade de Direito] e de Campinas [Colégio Internacional, Colégio Florence e Colégio Culto à Ciência], bem como no Rio de Janeiro [Instituto Nacional]. A aplicação de métodos pedagógicos considerados “inovadores” como: o sistema métrico decimal; o método de leitura de alfabetização de crianças conhecido como Cartilha Maternal ou Arte da Leitura; o incentivo a atividades culturais extraclasse – Revista Literária do Colégio Internacional produzida pelos alunos e a criação e avaliação final dos alunos baseados em atividades culturais [peças teatrais].

Em relação a religião sua volubilidade foi delineada por suas experiências passadas no catolicismo, protestantismo e ateísmo, mostrando suas enormes dificuldades de preencher seu vazio espiritual. Seu percurso religioso culminou com

algumas interrogações, sem, contudo, podendo afirmar com certeza se ele faleceu cristão ou ateu. A pesquisa aponta para a possibilidade de ele ter morrido cristão.

Qual foi a contribuição de Júlio Ribeiro para a religião, especificamente o protestantismo presbiteriano? A publicação de artigos jornalísticos em apologia a fé cristã protestante, o trabalho missionário como colportor e pregador nas igrejas presbiterianas do interior de São Paulo; a autoria de hinos sacros; a tradução de obras estrangeiras para o português e a docência nos colégios protestantes.

Mesmo sabendo que a abordagem historiográfica em sua grande parte não é ingênua, mas relativa ao que diz respeito à razão e motivações iniciais, percebi que esta pesquisa ganhou aspectos novos não contemplados anteriormente por antigos biógrafos. Aspectos novos que são frutos da visibilidade obtida através do resgate de parte da memória de Júlio Ribeiro. Em sua caminhada, ele se revelou um homem polêmico, controvertido, todavia convicto de suas ideias e objetivos a serem alcançados. Desde sua inserção como homem público até a sua morte, conquistou o respeito de uns e o desprezo de outros.

REFERÊNCIAS

Escritos de Júlio Ribeiro

Obras

RIBEIRO, Júlio. *Cartas Sertanejas - Procellarias*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Ed. Fundap, 2007.

_____. **A Carne**. São Paulo: Editora Três, 1972.

_____. **A Carne**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966.

_____. **Uma polêmica célebre**. São Paulo: Ed. Cultura Moderna, 1934.

_____. **Grammatica Portugueza**. 2º ed. rev. São Paulo: Casa Eclectica, 1884.

_____. **Padre Belchior de Pontes**. Rio de Janeiro. Edições de Ouro, Brasil Editora, [s.d.].

_____. **Padre Belchior de Pontes**. São Paulo: Brasil Editora, [s.d.].

Manuscritos

LENÇÓIS PAULISTA. Espaço Cultural Cidade do Livro. **Cartas de Júlio Ribeiro à Maria Francisca Ribeiro**. Arquivo Júlio Ribeiro. Pasta 1, 2, 3, 4, 5.

Ano de 1860: 14/03, 17/03, 18/05, 30/09, 11/11.

Ano de 1861: 16/03, 25/04, 18/05, 4/07, 20/07, 12/08, 18/11.

Ano de 1862: 21/03, 24/07, 12/09, 17/09, 15/10, 18/10.

Ano de 1863: 24/02, 17/03, 14/05, 9/06, 1/07, 16/07, 27/08.

Ano de 1864: 14/02, 21/04, 12/05, 1/06, 26/06, 12/09, 4/10, 29/11.

Ano de 1865: 26/08, 5/10, 14/10, 15/11.

Ano de 1866: 26/06, 13/07.

Ano de 1868: 13/01.

Ano de 1870: 4/04, 5/04, 14/11, 15/11, 22/11, 23/11, 25/11, 8/12.

Ano de 1871: 13/01.

Ano de 1873: 4/05, 27/06, 10/07.

Ano de 1879: 11/02, 24/06, 30/06, 23/08, 10/09, 24/08.

Ano de 1880: 17/12.

Ano de 1882: 21/10.

Ano de 1885: _/08.

Ano de 1887: 23/07.

Ano de 1889: 19/08, 25/08, 30/08, 8/09, 18/09.

Ano de 1890: 16/01, 3/02,/4/04.

CAMPINAS. Centro de Memória da UNICAMP. **Carta de Júlio Ribeiro à Rui Barbosa.** Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1890. Arquivo Jolumá Brito.

CAMPINAS. Centro de Memória da UNICAMP. **Carta de Júlio Ribeiro à Quintino Bocaiúva.** Rio de Janeiro, 12 de março de 1890. Arquivo Jolumá Brito.

LENÇÓIS PAULISTA. Espaço Cultural Cidade do Livro. **Carta de Júlio Ribeiro à Belisaria.** Santos, 9 de agosto de 1885. Arquivo Júlio Ribeiro. Pasta 3.

Artigos

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO. São Paulo, 10 de agosto de 1880. (**Editorial sobre Traços Geraes de Lingüística**).

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO. São Paulo, 18 de janeiro de 1877 (**Editorial – Seção Letras e Artes – comentário da palestra de Júlio Ribeiro sobre os Fenícios do Brasil**).

GAZETA DE CAMPINAS. Campinas, 28 de novembro de 1876 (**Editorial sobre conferência proferida por Júlio Ribeiro no Ateneu Literário de Campinas**).

Cartas diversas

LENÇÓIS PAULISTA. Espaço Cultural Cidade do Livro. **Carta de Maria Francisca à Belisaria**. Julho de 1892. Arquivo Júlio Ribeiro. Pasta 4.

LENÇÓIS PAULISTA. Espaço Cultural Cidade do Livro. **Cartas de Maria Francisca à Júlio Ribeiro**. Taubaté 17 de abril de 1870. Arquivo Júlio Ribeiro. Pasta 3.

LENÇÓIS PAULISTA. Espaço Cultural Cidade do Livro. **Cartas de Maria Francisca à Júlio Ribeiro**. Areias 29 de setembro de 1865. Arquivo Júlio Ribeiro. Pasta 4.

LENÇÓIS PAULISTA. Espaço Cultural Cidade do Livro. **Cartas de Maria Francisca à Júlio Ribeiro**. Areias 17 de setembro de 1865. Arquivo Júlio Ribeiro. Pasta 3.

LENÇÓIS PAULISTA. Espaço Cultural Cidade do Livro. **Carta de George W. Vaughan à Maria Francisca**. Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1856. Arquivo Júlio Ribeiro. Pasta 3.

Arquivos

Arquivo Histórico Presbiteriano. Fundação Educacional José Manoel da Conceição (JMC). Bela Vista. SP.

Museu Presbiteriano Rev. Júlio Andrade Ferreira. Seminário Presbiteriano de Campinas [Sul] (SPS). Campinas. SP.

Arquivo Jolumá Brito. Centro de Memória da Unicamp. Campinas. SP.

Arquivo Público do Estado de São Paulo. Governo do Estado de São Paulo. SP.

Acervo do Museu Histórico Sorocabano. Sorocaba. SP.

Arquivo Histórico Dr. Félix Guisard Filho. Taubaté. SP.

Arquivo Memória de Guaratinguetá - Museu Frei Galvão. Guaratinguetá. SP

Arquivo Histórico da Unisal – Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV). Lorena. SP.

Biblioteca Municipal de Capivari. Capivari. SP.

Biblioteca da Divisão de Museus da Prefeitura Municipal de Taubaté. Taubaté. SP.

Biblioteca Municipal de Lorena. SP.

Biografias sobre Júlio Ribeiro

ALEIXO IRMÃO, J. **Júlio Ribeiro**. Sorocaba: Editora Cupolo, [s.n,s.d.].

DORNAS FILHO, J. **Júlio Ribeiro**. Belo Horizonte: Cultura Brasileira, 1945.

Obras gerais

ALBINO, Marcus **Ide por Todo Mundo**: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana: 1869-1892. Campinas: CMU/UNICAMP, 1996.

AULETE. Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.

ALVARENGA, Maria Amália de Figueiredo Pereira e; A; ROSA, Maria Virginia de Couto. **Apontamentos de Metodologia para a Ciência e Técnicas de Redação Científica** (monografias, dissertações e teses). 2ª ed. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2001.

AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BANDEIRA, Manuel. **Centenário de Júlio Ribeiro**. In: _____ Poesia e Prosa. vol. II. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958.

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras**: a ação da maçonaria brasileira: 1870-1910. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999.

BARBOSA, José Carlos. **Protestantismo e Escravidão no Brasil Império**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, DF, 1988.

BÍBLIA E HINÁRIO NOVO CÂNTICO. Revista e atualizada. 2ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2006.

BONFIM, Evandro. **Fazendas Fortaleza e Santa Leonor**. São Paulo: Gráfica Hamburg, 1981.

BOYLE, J. **Hynos Evangélicos e Cânticos Sagrados**. Rio de Janeiro: Typografia, Lithographia e Encadernação a Vapor, L. A. Laemmert, 1888.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem: A elite política Imperial**. Teatro de Sombras: a política imperial. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

CASIMIRO, Arival Dias. **A Gramática Científica de Eduardo Carlos Pereira**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2004.

CAVALHEIRO, Mariângela Carvalho. **A Produção Literária de Júlio Ribeiro em Sorocaba**. Sorocaba: Digipel Gráfica e Editora, 2001.

CHAGAS, Paulo Pinheiro. **Teófilo Ottoni: ministro do povo**. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada; Brasília: Instituto Nacional do Livro, [s.d.].

COBRA, Eduardo Carlos Oliveira. **Pela Coroa Real do Salvador: A Saga de Eduardo Carlos Pereira**. Dissertação (Ciências da Religião). Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP, 2005.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Raízes da Teologia Contemporânea**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

COTRIM, Gilberto. **História Global**. São Paulo: Editora Saraiva, 1998.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedades paulistanas, 1870-1930**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

DAUBIGNÉ, Jean Henri Merle. **História da Reforma do Século XVI**. Trad. J. Carvalho. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, [s.d.], vol. I-VI.

DEUS, João de. **Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**. 3ª ed. Portugal: Moderna Editorial Lavoires, 2006.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. vol. XXVII. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

FÁVERO, Leonor Lopes. **A gramática portuguesa de Júlio Ribeiro.** In: Revista da Anpoll, SP, nº 13, julho/dezembro 2002.

FERREIRA, Antônio Celso. **A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940).** São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FERREIRA, Júlio Andrade. **Religião no Brasil.** São Paulo: Editora LPC, 1992.

_____. **História da Igreja Presbiteriana no Brasil.** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959.

FILHO, Prócoro Velasques; MENDONÇA, Antônio Gouvea. **Introdução ao Protestantismo no Brasil.** São Paulo: Ed. Loyola, 1990.

FLAMARION, Ciro; CARDOSO, S. **Uma Introdução à História.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 10ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

FREITAS, Affonso Antonio. **A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914.** São Paulo. Typografia do Diário Oficial, 1915.

GARCEZ, Benedicto Novaes. **O Mackenzie.** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.

GOMES, Antônio Máspoli Araújo. **Religião, Educação e Progresso.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

HACK, Osvaldo Henrique. **Protestantismo e Educação Brasileira.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000.

HAGGLUND, Bengt. **História da Teologia.** 3ª ed. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1986.

HINÁRIO EVANGÉLICO COM MÚSICAS SACRAS. 1ª ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1962.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Brasil Monárquico.** Do Império à República. 5º vol. tomo 2. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1997.

_____. **Raízes do Brasil.** 16ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1983.

_____. **História Geral da Civilização Brasileira:** do Império à República. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972, tomo 2, vol.3.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.

LEONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro.** 3ª ed. São Paulo: ASTE, 2002.

LESSA, Vicente Themudo. **Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo:** 1863-1903. São Paulo: Edição da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, 1938.

LINS, Ivan Monteiro de Barros. **História do Positivismo no Brasil.** vol. 48. Brasília: Senado Federal, 2009.

LOBATO, Monteiro. **Cidades Mortas.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

MAGALHÃES, Flávio. **Cemitério dos Protestantes –** Repouso de Ilustres. São Paulo: Associação Cemitério dos Protestantes, [s.d.].

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira.** v. 4. São Paulo: Ed. Cultrix, 1978.

MATOS, Alderi Souza. Erasmo Braga, O Protestantismo e a Sociedade Brasileira. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.

_____. **Os Pioneiros.** Presbiterianos do Brasil (1859-1900). São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

MENDONÇA, Antônio Gouvea. **O Celeste Porvir**. A Inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

_____. **Caderno de O Estandarte**. São Paulo: Editora Pendão Real, 2003.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. **O Ideário Republicano e a Educação**. Campinas: Ed. Mercado das Letras, 2006.

OLIVEIRA, Antônio de Almeida. **O Ensino Público**. vol. 4. Brasília: Ed. Senado Federal, 2003.

PIRES, Cornélio. **Coisas d'outro Mundo**. 2ª ed. São Paulo: Editora Cornélio Pires Ltda, 1945.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Manual de normas para trabalhos técnico-científicos**: de acordo com as normas ABNT. 2010.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução Política do Brasil – Colônia e Império**. 16ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

QUEIROZ, Eça de. **A Reliquia**. Porto: Editora Lello, 1933.

REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.

RIBEIRO, Arilda Miranda. **A educação feminina durante o século XIX**: o Colégio Florence de Campinas, 1863-1889. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1996.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação Brasileira – A Organização Escolar**. 15ª ed. Campinas: Editora Autores Associados, 1998.

RICHARDSON, Jerry Robert et al. **Pesquisa social, métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1960.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagens ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1974.

SANTOS, Edwiges Rosa dos. **O Jornal Imprensa Evangélica**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2009.

SANTOS, José de Almeida. **Os Castanhos**. Episódios Provincianos. Buenos Aires: Talleres Graficos Americalee, 1946.

SAVIANI, Demerval. **História das Idéias Pedagógicas no Brasil**. 2º ed. Campinas: Editora Autores Associados, 20.

SCHUELER, Alessandra F. Martinez de. **Crianças e escolas na passagem do Império para a república**. Revista Brasileira de História. USP. vol. 19, nº 37, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Motitz. **As Barbas do Imperador**. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

SILVA, Wilson Santana. **Benjamin Constant: Filósofo, Republicano e Educador**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Instituto Metodista de Ensino Superior, SBC, 1998.

SILVEIRA, Célia Regina. **Erudição e Ciência**. As Procelas de Júlio Ribeiro (1845-1890). São Paulo: Editora UNESP, 2008.

SIMONTON, Ashbel Green. **O Diário de Simonton (1852-1866)**. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

_____. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. 15ª ed. São Paulo. Brasiliense, 1988.

STEWART, C. T. **Mackenzie College, Escola Americana** – Notas sobre a sua história e organização. São Paulo: Mackenzie College, 1932.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1976.

TOBIAS, José Antônio. **História da Educação Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Editora Juriscredi, [s.d.].

TOLEDO, Vera Vilhena de. **Sua Majestade o Café**. 2ª ed. São Paulo. Editora Moderna, 1992.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. **Apresentação de Trabalhos acadêmicos** – Guia para alunos. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2002.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIANA, Francisco José Oliveira. **O Ocaso do Império**. Brasília: Ed. Senado Federal, 2010.

VIEIRA, Davi Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. 2ª ed. Brasília: Editora UNB, 1980.

WALKER, Williston. **História da Igreja Cristã**. 4ª ed. vol. I e II. São Paulo: ASTE, 1983.

ANEXO A – CRONOLOGIA DE JÚLIO RIBEIRO**1845**

Nasce em Sabará – MG, em 16 de abril.

1860-1864

Aluno interno do Colégio Baependiano.

Inicia-se no magistério lecionando aos seus colegas de curso.

1865

Matricula-se no Colégio Marinho desistindo no mesmo ano.

Entra como aluno na Academia do Exército.

1866

Desliga-se da Academia Militar.

Fixa residência em Lorena como professor particular.

Primeiros contatos com missionários presbiterianos.

1867

Começa a colaborar com o jornal *Imprensa Evangélica*.

Começa a colaborar com o jornal *O Parayba*.

1868

Aprovado em concurso para o magistério de primeiras letras.

Filia-se à maçonaria em São Paulo.

Fixa residência em Taubaté como professor particular.

1870

Filia-se à Igreja Presbiteriana de São Paulo.

Começa a lecionar na *Escola Americana*.

1871

Casa-se com Sophia no primeiro casamento protestante de Sorocaba.

Ocupa o cargo de redator do jornal *O Sorocabano*.

Filia-se à maçonaria Perseverança III.

1872

Inicia aulas particulares em sua casa em Sorocaba.

Em maio, comunica que passaria a assinar Júlio Ribeiro, eliminando seu nome intermediário, César.

1873

Em janeiro, renuncia ao cargo de gerente da Fábrica Ypanema e muda-se para a cidade de São Paulo.

1874

Retorna a Sorocaba para dirigir o jornal *Gazeta Commercial*.

Inicia a publicação do romance *Padre Belchior de Pontes* em folhetins.

1875

Morre a filha Selomith.

Maria Francisca filia-se à Igreja Presbiteriana de São Paulo.

Interrompe a publicação dos folhetins de *Padre Belchior de Pontes*.

1876

Começa a lecionar nos Colégios *Internacional*, *Culto à Ciência e Florence* em Campinas.

É publicado o romance *Padre Belchior de Pontes* pela Tipografia da Gazeta de Campinas.

1877

Publica *Os Phenicios no Brasil*, na Revista do Almanach Litterario de São Paulo.

1879

Morre a esposa Sophia.

1880

Publica *Traços Geraes de Lingüística*.

1881

Publica *A Grammatica Portugueza*.

Casa-se em segundas núpcias com Belisaria Augusta do Amaral.

1882

Empreende sua escola em Capivari.

1884

Publica a 2ª ed. da *Grammatica Portugueza*, que havia apresentado erros na distribuição da matéria, bem como de etimologia.

1885

Lançamento das *Cartas Sertanejas* no jornal *Diário Mercantil de São Paulo*.

Publica na imprensa sua condição de ateu.

1886

Ocupa o cargo de professor interino da *Escola Normal de São Paulo*.

1887

É diretor de *A Procellaria*, jornal, fundado nesse mesmo ano, que teve curta duração.

Por meio de concurso, é nomeado professor de Latim no *Curso Anexo da Faculdade de Direito de São Paulo*.

1888

Publica o romance *A Carne*.

Funda o jornal *O Rebate*.

Morre Julio [Julinho], filho do segundo casamento.

1889

Professor interino de Poética, Literatura e Retórica no *Instituto Nacional do Rio de Janeiro*.

Morre Cintila, filha do segundo casamento.

1890

Morre aos 45 anos de tuberculose em Santos – SP.

ANEXO B – POESIA: MORENA

Este poema foi escrito em 12 de agosto de 1869 e publicado em 2 de dezembro de 1874 na seção literatura do jornal *A Província de São Paulo*. Aqui ele utilizou o pseudônimo de *Old Man* e no preâmbulo palavras do poeta irlandês Thomas Moore (*apud* ALEIXO IRMÃO, [s.d], p. 139-140).

No eye watch, no tonguo, to us wounds, us,
All carth forgotten, and heaven around.

Morena, que fogo tens
nos olhos semi-cerrados!
Que volúpia, que langor
nos meneios requebrados!
que lisura aveludada
na cútis do sol domada!

Mas estás triste, morena,
teu gesto dá compaixão!
Se falaz a voz é fraca
qual sopro da viração
Porque sofres? Em segredo
me conta, não tenhas medo!

Vem te encostar a meu peito
unir teu rosto com o meu!
da terra toda esquecidos
será minha e serei teu!
Em longos sorvos de amor
bebamos vida e calor!

Vivamos um para o outro,
morramos ambos prá o mundo.

arde-me fogo nos lábios
teu olhar é langue e fundo...
Tens em meu seio um vulcão
que te aqueça o coração!

Quero entrançar teus cabelos
negros, lisos, setinosos!
Quero corar tuas faces
de amor de beijos fogosos!
Quero em louco devaneio
desfalecer em teu seio!

Amemo-nos que a vida é breve!
vivamos, que amor seduz!
Eu troco o futuro inteiro
De teus olhos pela luz!
Depois que venha o cansaço
matar-me no teu regaço!

ANEXO C – POESIA: IGNOTO DAE

Este poema foi publicado no jornal *O Sorocaba* em setembro de 1872 (*apud* CAVALHEIRO, 2001, p. 112 a 113).

Não sei que tu sejas mas vi-te donzella
meu peito exaurido senti reviver!
apenas despi-me das sombras da morte,
p´ra em dores artrozes de todo morrer,

Em mim não pousaste sequer os teus olhos
mas isso que importa, si é tal minha cruz?
também nesse ares a lua não vaga,
o lago do bosque deixando sem lua?

Eu vi-te prestes amei-te e não sabes;
soubesses embora, que val meu amor?
que tem que se grave num louco a lembrança
de formas divinas de mesto pallor?

Donzella eia avante que o mundo tão bello
pr´a ti, pr´a os felizes, pr´a os grandes da sorte!
A mente não venha te em hora minguada
O naufrago triste que boia sem norte!

Mas ah! que si alma que tens qual o corpo
e em sonhos um dia souberes alfim...
então eu t´o peço por tudo que existe
do pranto uma gota derramada por mim.

ANEXO D – POESIA: PRAZERES DO BAILE MESTRE GYRA

Esta quadrilha musical foi publicada no jornal *O Sorocaba* em 15 de novembro de 1873 sendo dedicados aos “senhores mestres caranguejo da Rua da Penha” [Sorocaba] (*apud* ALEIXO IRMÃO, [s.d], p. 96-96).

Primeira Figura

Grande *chaine anglaise* começando pelos pares marcantes até chegarem em seus lugares (16 compassos). *Chassez croisez* pelos oito (8 compassos). *Chaine des dames* à direita (8 passos), o primeiro *chaine* à direita, o segundo à esquerda, o terceiro à direita e o quarto à esquerda.

Segunda Figura

Demi-chaine des dames por todas as damas no centro, (4 compassos), *demi-chaine des dames* à direita dos marcantes (4 compassos), *demi-chaine des dames* por todas no centro outra vez, (4 compassos), *demi-chaine des dames* à direita dos marcantes, (4 compassos), *balance* à esquerda, (4 compassos, *tour de main* por todos (4 compassos).

Terceira Figura

Demi-chaine anglaise pelos pares marcantes, (4 compassos). *Demi-chaine anglaise* pelos mesmos à direita, (4 compassos). *Demi-chaine anglaise* pelos números 3 e 4, (4 compassos). *Demi-chaine anglaise* pelos mesmos à direita, (4 compassos). *Chaine des dames* no centro pelas 4 damas, (8 compassos). Todos de mão pegadas em duas linhas em *avant arrière*, (4 compassos). *Tour de main* por todos os pares, (4 compassos).

Quarta Figura

Demi-chaine de cavalheiros no centro por todos os cavalheiros, (4 compassos), *demi-chaine* de cavalheiros à direita, (4 compassos). *Demi-chaine des dames* no centro por todas as damas, (4 compassos). *Demi-chaine des dames* à esquerda do número 1, (4 compassos). Ficam todos com suas damas, porém com lugares trocados, *demi-chaine anglaise* para retomarem seus lugares, (4 compassos).

Quinta Figura

Tour de main por todos, (4 compassos). *Chaine des dames* dobra à direita, (8 compassos). *Chaine anglaise* à esquerda, (8 compassos). Seguem-se os 4, *demi-chaine des dames* como no segunda figura, finalizando-se com o grande *chaine anglaise ou promenade*.

Depois disso, Júlio Ribeiro terminou com o verso:

Pois senhores carangueijos,

Desculpem este caipira,

Doutor do macho rengo,

O Poeta mestre Gyra.

ANEXO E – POESIA: SEM TÍTULO

Este poema foi dedicado a Luiz Matheus Maylasky declamado em Sorocaba em 10 de julho de 1875 na solenidade de inauguração da Estrada de Ferro Sorocabana (*apud* CAVALHEIRO, 2001, p. 110 a112).

Eia, povo! Eia, exultar!
Triunpha a causa sagrada:
d´uma idéa ao lampejar
um mundo surgiu do nada;
Aos teus anceios de gloria
responde um brado.

Victória! Victória! – as montanhas soam,
Victória! – o echo murmura:
Nesses sons que além reboam
Um monumento perdura
do povo o clamor leal
é também um pedestal.

Longe, longe um monstro ingente.
Vomita fogo e vapor:
remorde o freio impaciente,
mal contém cego furor!
Liberto... nas rochas gyra,
Convulso aos trilhos se atira!

Se atira, arrancando um brado
do negro immenso pulmão;
Se atira desesperado,
rolando pela amplidão:
Em vão oppõe-se-lhe a serra...
por ella o monstro se enterra.

Sumiu, mas triunphante
surge aquém no certo rumo:
lá fica a caverna hiante
revolta em bulções de fumo:
O mostro sempre a rodar,
vem Sorocaba saudar!

Eil-o entre nós, o gigante
de ferro e bronze tecido:
a encarnação palpitante
d'um pensamento atrevido;
a treta locomotiva!

Quem a trouxe? A fé robusta,
d'um homem que não descrê;
que, exalçando a fronte augusta,
que ás fúrias da tempestade
sabe oppor gênio, vontade.

Que firme como um rochedo
zomba do raio e do vento;
que no combate a pé quedo,
não recua um só momento;
que da calummia ao pungir,
appéla para o porvir!

Victória! – triumphou a idea!
Venceste audaz campeão!
Escuta a tua epopéa
Nos hynnos da multidão!
Corre, vae louros ceifar:
São teus, soubeste-os ganhar!

ANEXO F – POESIA: CANTO DE GUERRA

Este poema foi publicado no jornal *O Sorocaba* em 15 de setembro [187-] por ocasião da última insurreição dos gregos contra a Turquia (*apud* ALEIXO IRMÃO [s.d.], p. 82-83).

Sons of Greks us go
In arms against the foe (Byron).

Ás armas, helenos bravos,
ás armas contra o Korão!
Um gesto danão não muda,
um peito dorio é vulcão!

Não sejam gregos cativos!...
Ás armas povos argivos!
Às armas! vista aos guerreiros
de Leutras, de mantinéa!

Ás armas! vista aos heroes
de Micale, de Platéa!
Na Grécia valor é nato.
Ás armas, netos de Aratos!

Pois há de audaz agareno
profanar velha Micenas?
desnudar os seios virgens
das filhas da grega Atenas?

Rojar a Grecia correntes!!
Ás armas, gregos valentes!
Não veja a terra da Achaia
seu filho ao turco ceder!

Levanta-te Epaminondas,
ensina o grego a vencer,
Dos sangues, da mortandade
surja a grega liberdade!

Se as águas azuis do Bosforo
refletem o tredo crescente,
da terra de Filopmem
que filho dorme indolente?
Sus, graios! Eia! á vitória!
Ás armas, gregos! á glória!

ANEXO G – MÚSICA: CRISTO

Música sacra de Júlio Ribeiro composta em sua fase protestante.³⁸

Letra: Júlio Ribeiro

Música: Júlio Ribeiro

Nas trevas espessas da morte e pecado,
Sem lustre, sem brilho, Satan era o sol,
A lei quebratada minaz refulgia
Da porta da morte sinistro pharol!

Medonhas abriam-se as faces do inferno,
Horrendo sepulcro da raça de Adão!
Mas heis nova vida na face da terra!
O justo, o cordeiro proclamam perdão.

Hosanas, hosanas! O verbo encarnado,
Seu sangue inocente na cruz derramou;
A morte, já morta, Satan confundido
Que e culpa dos homens Jesus expirou.

Nós cremos, a crença direito faculta;
Por nós já milita promessa vivaz
Marcados na frente como Nome inefável,
No mundo nós somos romeiros da paz.

Homens cantando, libertos, remidos.
Cravados aos olhos do marthir da cruz,
Seguimos alegres caminho da Pátria,
Da santa cidade no Reino da luz.

³⁸ BOYLE, J. Hinos Evangélicos e Cânticos Sagrados. nº 80. Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemmert, 1888, p. 47.

ANEXO H – MÚSICA: FRENTE OUSADA

Música sacra de Júlio Ribeiro composta em sua fase protestante.³⁹

Letra: Júlio Ribeiro

Música: Júlio Ribeiro

Eia! As armas camaradas!
Pronto já formar!
Dextras firmes nas espadas,
Sem temor marchar!

Frente ousada aos inimigos
É por nós Jesus;
Quer livrar-nos dos perigos
Quem morreu na cruz.

Haste negra vem chegando,
Temerosa, atroz;
Vêm fileiras ordenando
Retumbante voz!

O combate, ei-o ferido,
Com furor, sem dó!
Tropas, tudo jaz sumido
Em balcões de pó.

Contra nós a lança, irado
Santaaaz, brandia!
Um dos nossos alcançado,
Vacilem, cahiu!

³⁹ BOYLE, J. Hinos Evangélicos e Cânticos Sagrados. nº 299. Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemmert, 1888, p. 175.

Não ouvis no céo brilhante
Retinir clarim!
Vem Shiloh!Vem triunphante
Venceremos, sim!

ANEXO I – MÚSICA: DIAS DE IRA (I)

Música sacra de Júlio Ribeiro composta em sua fase protestante.⁴⁰

Letra: Júlio Ribeiro

Música: Júlio Ribeiro

Dia de Ira! aquelle dia!
 Será fraqua a terra ímpia,
 Como David sybilla a via?
 Que tremer que tens de haver
 Olhando a um juiz vier
 Para tudo destecer!

Turba horrenda! A hora soando!
 Por sepulchros echoando
 Voz que os homens vai citando!
 Pasmarão morte e natura
 Ao deixar a sepulthura
 Vindo ao foro a creatura!

Livro escripto se trará,
 Em que tudo assento está,
 Que este mundo casará!
 Quando o throno Deus subir

Hão de arcanos fará vir,
 Nada impune há de florir!
 Ai de mim! O que eu direi?
 Que padrões invocarei,
 Quando ao justo assenta a lei?
 Rei, temendo em majestade
 Dá de graça a santidade.
 Dá-me a mim, por piedade!

⁴⁰ BOYLE, J. Hinos Evangélicos e Cânticos Sagrados. nº 450. Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemmert, 1888, p. 264.

ANEXO J – MÚSICA: DIAS DE IRA (II)

Música sacra de Júlio Ribeiro composta em sua fase protestante.⁴¹

Letra: Júlio Ribeiro

Música: Júlio Ribeiro

Jesus, pio, eia, lembrar
 Causa seu do teu pesar,
 Não me queiras rejeitar!
 Té morrer, me procuraste,
 Sobre cruz me resgataste!
 Não se balde o que passaste.

Ó juiz de punição
 Dá-me agora a remissão,
 Ante o dia da razão!
 Como réo gemo affegante,
 Cora a culpa o meu semblante
 Poupa, Ó Deus, ao suplicante!

O ladrão Tu aceitaste,
 A´ Maria perdoaste
 Esperança me supriste.
 Em vil, prece a frente adorno,
 Tú, porém, me livra, terno
 De abraçar-me em fogo eterno.

Entre ovelhas me declara,
 Dos cabritos me separa,
 Meo lugar no céu prepara.
 Confundidos os malvados,
 Acres fogos concitados,

⁴¹ BOYLE, J. Hinos Evangélicos e Cânticos Sagrados. nº 451. Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemmert, 1888, p. 265.

Conta-me entre os resgatados.

Suplicaste e humilde oro,

Sim, constricto e triste choro,

Do meu fim cuidado agora!

Dia aquelle de lamento

Pecador ressuscitado!

Poupa, Ó Deus, ao contristado!

ANEXO K – MÚSICA: HYMNO DE ZWINGLE

Música sacra de Júlio Ribeiro composta em sua fase protestante.⁴²

Letra: Júlio Ribeiro

Música: Júlio Ribeiro

Abre-se a porta,
Eis chega a morte!
Tua mão me cubra,
Meu Deus, meu forte!
Levanta o braço,
Goso dorido,
O ferro quebra
Quem me há ferido.

Mas si a minha alma
Na força Sua
Christo, me chamas,
Toma-a qu' é tua.
A morte é doce,
Sou todo teu;
A minha fé
Ahce-se o céo!
O mal se inflamma!
Socorro, ó justo!

Minha alma e corpo
Esvaem-se em susto!
Já sinto a morte,
Nem sei se existe;
Foge-me a falla...

⁴² BOYLE, J. Hinos Evangélicos e Cânticos Sagrados. nº 442. Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemmert, 1888, p. 259.

É tempo, ó Christo!

Tu Satan me enlaça.

P´ra me solver!

Me deita as garras

Vou perecer!

Foge confusão

Vai tentador,

Qué aos pés prostei-me

Do salvador.

Meu Deus, meu Pai,

Tu me curaste,

E sobre a terra

Me restauraste.

Não mais me toque

Feio peccado!

Por minha bocca

Sejas contado.

A hora incerta

Virá por fim

Talvez mais susto

Trazer prá mim.

Mas animado, sempre contente,

Levo, meu jugo

Ao céo fulgente.

ANEXO L – MÚSICA: CLARA LUZ

Música sacra com letra de Júlio Ribeiro e música de Samuel S. Wesley.⁴³

Quanto dor, quanta amargura,
Vem meu peito retalhar!
Mas que importa, se diviso,
Clara luz além brilhar!
Nela, cheio de esperança,
Cravo os olhos tristes meus;
Ela é selo e garantia,
Do supremo amor de Deus.

Deus predestinou-me e fala;
Tens em Cristo redenção;
Sou a luz dos pecadores,
Dissipando a escuridão.
Vamos, vamos, companheiros,
Caminhemos nessa luz,
Que, através da escura noite,
Resplandece sobre a cruz.

Eia, avante, a passos largos,
Vamos, vamos, sem parar!
Ficará em densas trevas,
Quem na luz não caminhar!
Pois nos mostra a bela terra
Donde mana leite e mel;
Essa luz jamais se apaga,
Pois provêm do Deus fiel.

⁴³ HINÁRIO EVANGÉLICO COM MÚSICAS SACRAS. nº 188. 1ª ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1962, p. 95.

ANEXO M – MÚSICA: AO PÉ DA CRUZ

Este hino muito conhecido e cantado nas igrejas protestantes como a metodista, a presbiteriana, a batista, foi traduzido por Júlio Ribeiro.⁴⁴

Quero estar ao pé da cruz,
Que tão rica fonte,
Corre franca salutar, De Sião no monte.

A tremer, ao pé da cruz,
Graça amor achou-me;
Matutina estrela ali,
Raios seus mandou-me.

Junto à cruz, ardendo em fé,
Sem temor vigio,
Porque a terra eu possa ir ver,
Santa além do rio.

Côro

Sim, na cruz, sim na cruz,
Sempre me glorio,
E, por fim, descansarei,
Salvo além do rio. Amém.

⁴⁴ HINÁRIO EVANGÉLICO COM MÚSICAS SACRAS. nº 354. 1ª ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1962, p. 489.

ANEXO – FIGURAS



Figura 1 Fotografia de Júlio Ribeiro. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural Cidade do Livro. Lençóis Paulista. SP.

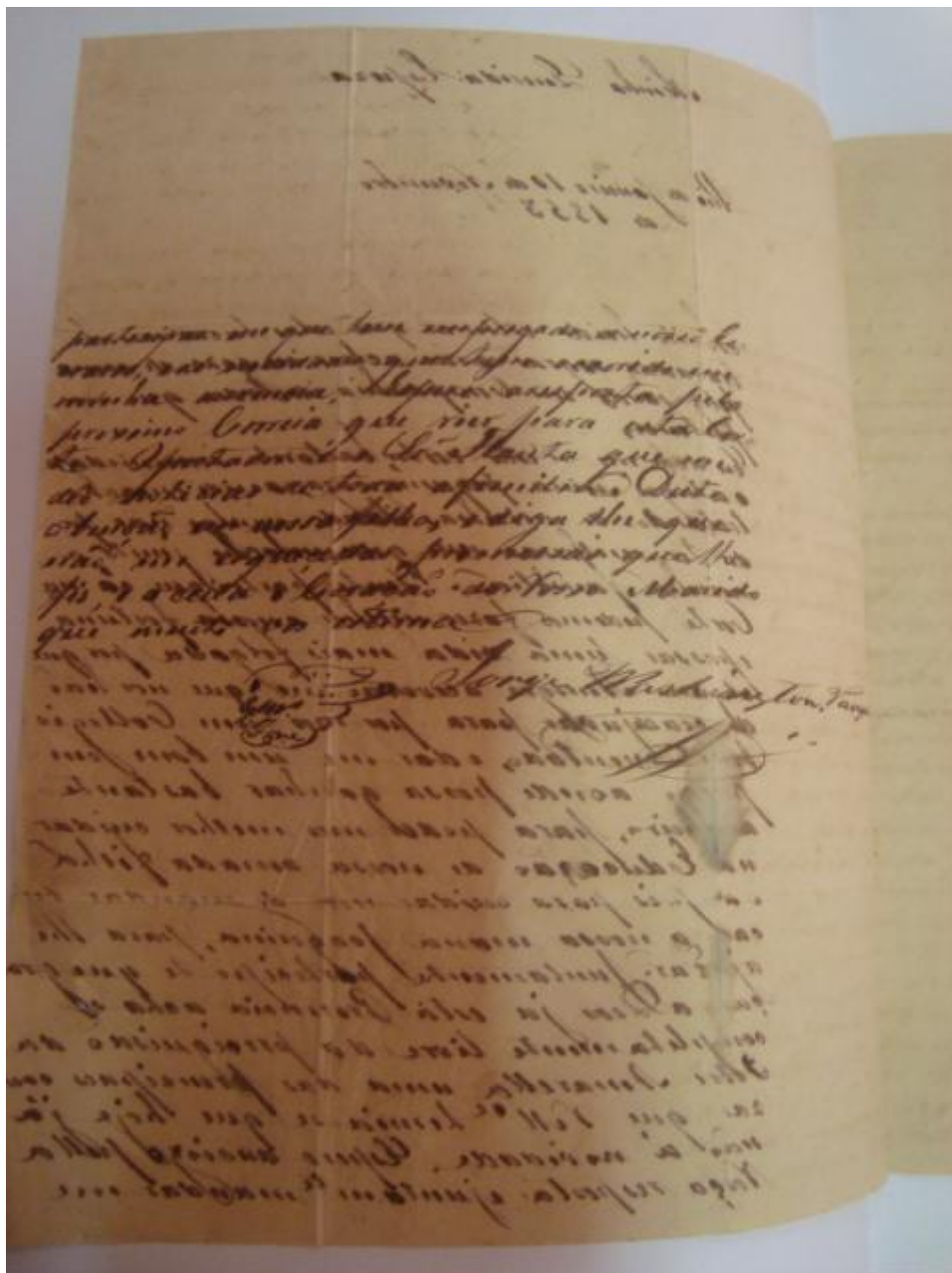


Figura 3 Continuação da carta de George Washington Vaughan à Maria Francisca. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.

Minha querida mãe

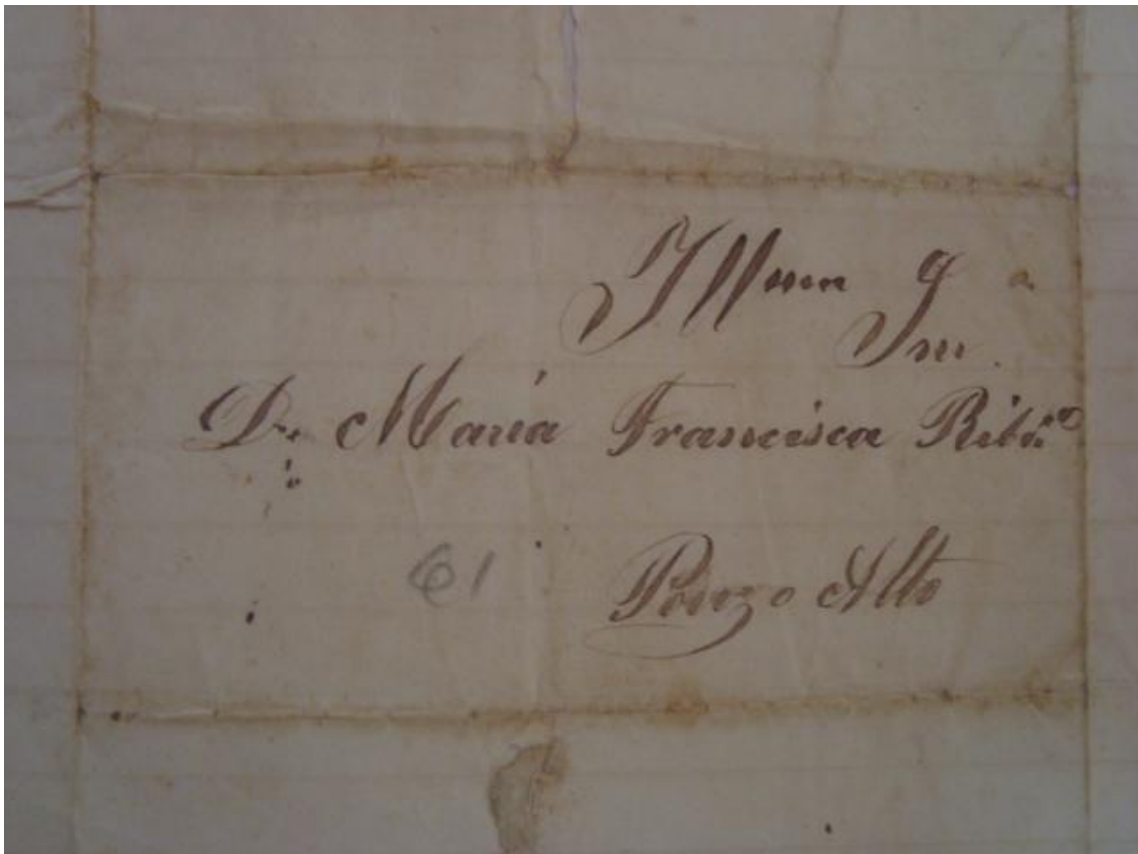
Ja chegou a o "caçimbo" e me entregou tudo
 que vmeos mandou, e o outro dia recebi a
 ta com algumas cousas por um homem que
 quer foyar. Dê ao menos 2000 para esse
 coitado que procura a sua liberdade.
 Eu graças a Deos vou bem no collegio
 pretendo vir para o anno seguinte e mais
 se poder ser e Deos quiser. Graças a Deos
 estou traduzindo ingles

Lembranças as meninas

Bairundia Deste me sua beucas
 18 de Maio de 1861. 1.º nº obd.

Júlio César Ribeiro

Figura 4 Carta do estudante Júlio Ribeiro à Maria Francisca. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.



Maria J.
D. Maria Francisca Rib.º
61 Pouso Alto

Figura 5 Endereço da família Ribeiro em Pouso Alto. Letra de George Vaughan. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.

60
 M. F.
 Minha muito amada
 Carta em 26 de Junho de 1816
 Deus, como sempre, nos proteja, e
 não pude resistir as suas angus-
 tias, minha c'ra, e deixei baixa!
 Empenhei-me, trabalhei, arroslei
 o mar com ventos e chuvas, resisti
 si o Rio de Janeiro, fallei com
 deputados, coronéis, medicos e ge-
 neraes, apezuei-me com N. Senho-
 ra e Pontem fui julgado
 incapaz do serviço do exercito;
 fallão-me ainda 8 dias para
 cumprir todas as formalidades
 e, cumpridas estas, viri para a
 cidade, donde lhe escreverei
 para mandar-me animalaes.
 Permitta Deus que seja para
 bem o que eu fiz.
 Quando receber a carta que, eu
 (virei)

Figura 6 Carta de Júlio Ribeiro à Maria Francisca comunicando a sua “baixa” [desligamento] do exército imperial. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.

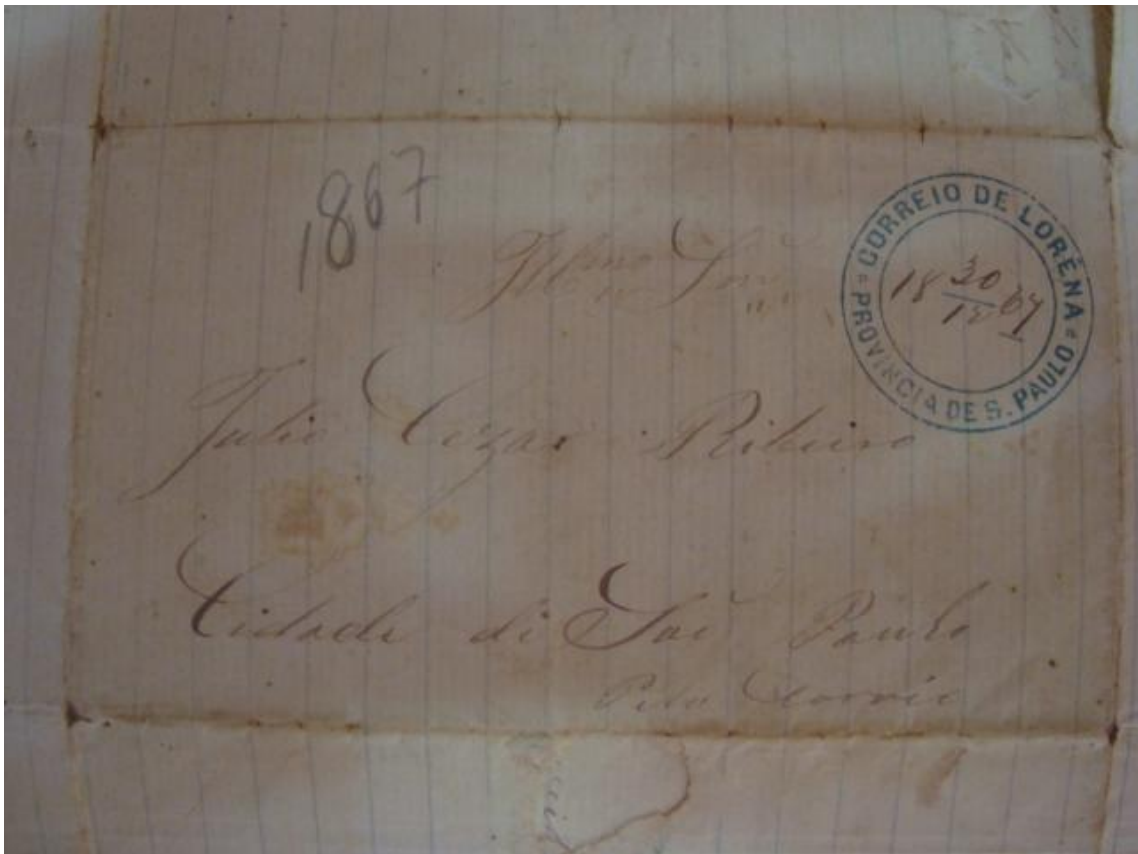


Figura 7 Endereço da família Ribeiro em Lorena. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.

Muito muito amada Maria

S Paulo 13 de Janeiro de 1868.

Deus nos ajude.

Antepontem fiz exames e fui approvado
plenamente, em quanto muitos outros
foram simplesmente como Vm.^{da} pede nos
nos exames Paulistas de 12 de Janeiro.
agora me sinto muito de colar com o thes-
sidente que me disse que poucas vezes
como eu tenho visto e que se eu quizesse
se eu empuzo aqui em S. Paulo que
elle me dava, pois eu, conforme o que
elle disse, merecia muito mais que
uma cadeira de 1.^o litteras: são effluvios
de graça que deca escapam N.S.
d'aparacida.

Entrei para a Maçonaria e con-
segui nella um grau bem elevado: quem
quizes fazer parte de tal sociedade, é
preciso que tenha uma coragem mais
que humana: veem-se coisas!...

Muito muito amada Maria

Uma benção sobre este. e
J. G. Old. e
J. G. Old. e

Figura 8 Carta de Júlio Ribeiro à Maria Francisca comunicando seu ingresso na maçonaria. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.

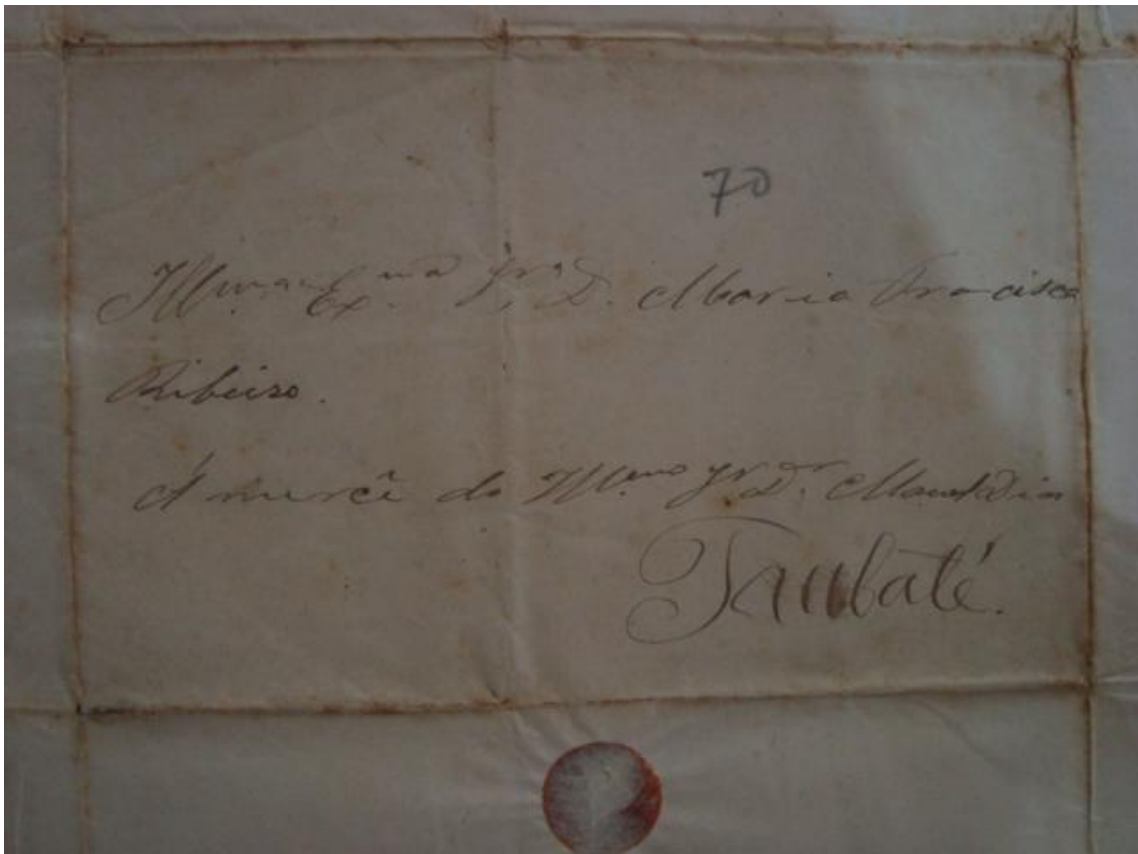


Figura 9 Endereço da família Ribeiro em Taubaté com referência a Chamberlain. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.

Mãe.

Estão em Itú, bom de saúde, porém com
 muitas saudades suas, e da minha noiva
 Sophia. Não posso ser extenso porque vou
 fugir hoje. Roço-lhe que se receber esta
 tome a bolinha de relógio que fiz a C. Belmonte
 ra, e que está na caixinha de chapeo
 maria, e que ponha-a em uma carta
 registrada para mim em Sorocaba.
 Qualquer irmão na fl. poderá levar a carta
 para ser registrada; o que é muito preciso
 e que seja logo e logo.

Dêite a sua bênção neste
 seu filho ditoso e saudoso.

J. C. Ribeiro.

Itú, 8 de Dezembro de 1870.

Diga ao Sr. Chamberlain, que amanhã
 lhe enviarei pelo correio, e que sinto
 muitíssimo a ausência de Sr. Chamberlain.

Figura 10 Carta de Júlio Ribeiro à Maria Francisca com referências a noiva Sophia e ao missionário Chamberlain. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.

Sorocaba, 4 de agosto de 1873
 Minha mãe,
 Não estou ainda bom, e
 nem sei quando o esta-
 rei. Onte hontem tmei
 um vomitorio de tartaro,
 que pouco proveito fez.
 Minha filha está com
 mal de fezo, soffre muito,
 e poucas esperanças dá.
 Não sei quando irei p.
 S. Paulo: si quiseses escre-
 ver-me escreva p. aqui.

Seu filho e am.
 Julio Ribb.

Figura 11 Carta de Júlio Ribeiro à Maria Francisca informando sobre a doença de sua filha [Selomith].
 Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.

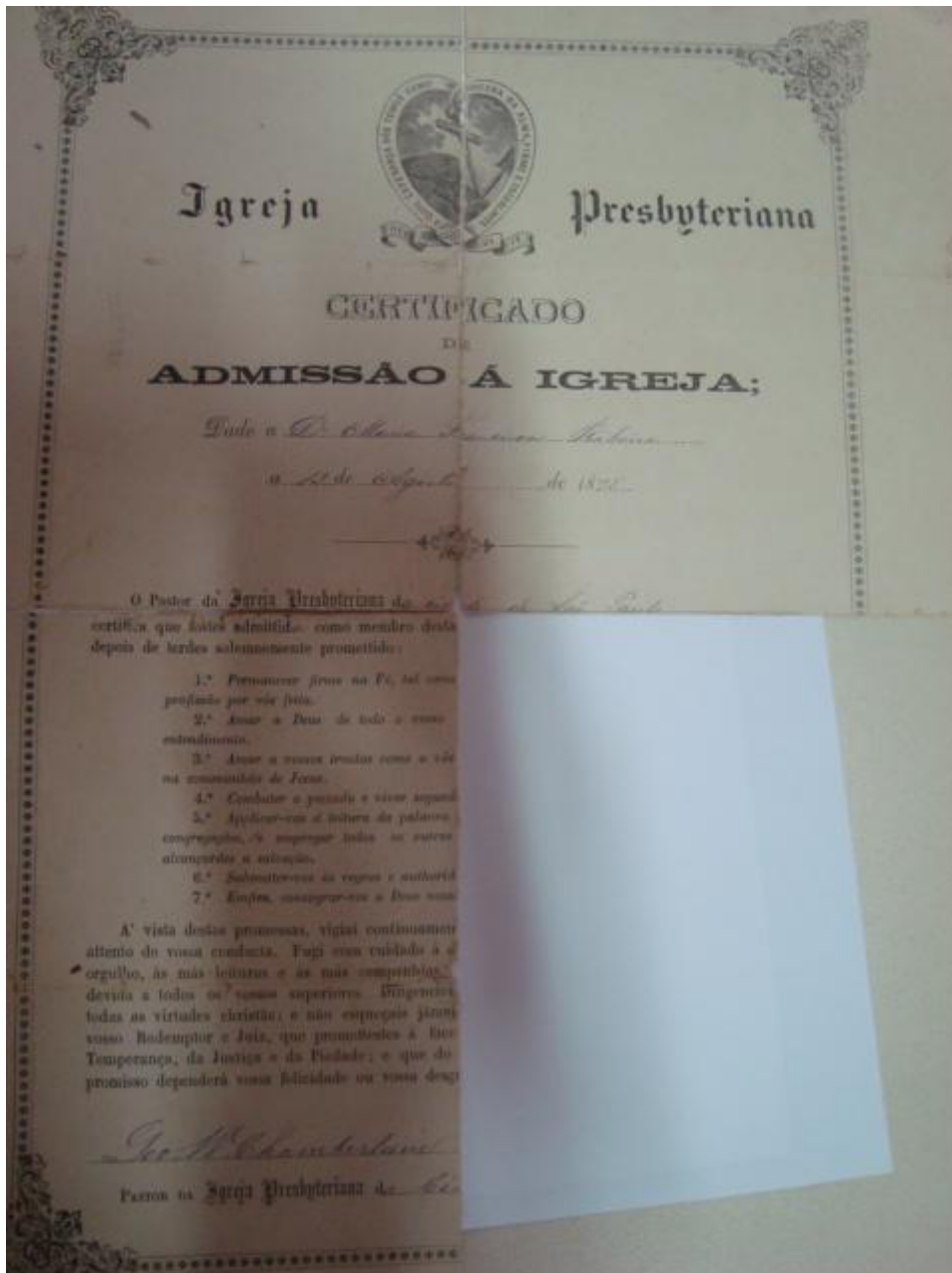


Figura 12 Certificado de admissão a Igreja Presbiteriana de São Paulo concedido a Maria Francisca com assinatura do pastor da igreja rev. Chamberlain. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.

J. C. Vaughan.
 Born in Sabara
 16 April 1845
 Capivary, 10 O'clock in
 S. Paulo, the morning
 16 de abril de 1845 raining
 4 o'uns!
 ¶
 Fui baptizado
 na matriz de
 Jabará, no dia
 de corpo de Deus
 do anno de 1845,
 sendo padrinhos
 Ant. et vellins da
 Silva, e Mariana
 na Ant. da J.

Figura 13 Manuscrito de Júlio Ribeiro em inglês e português ratificando seu nascimento e batismo.
 Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.

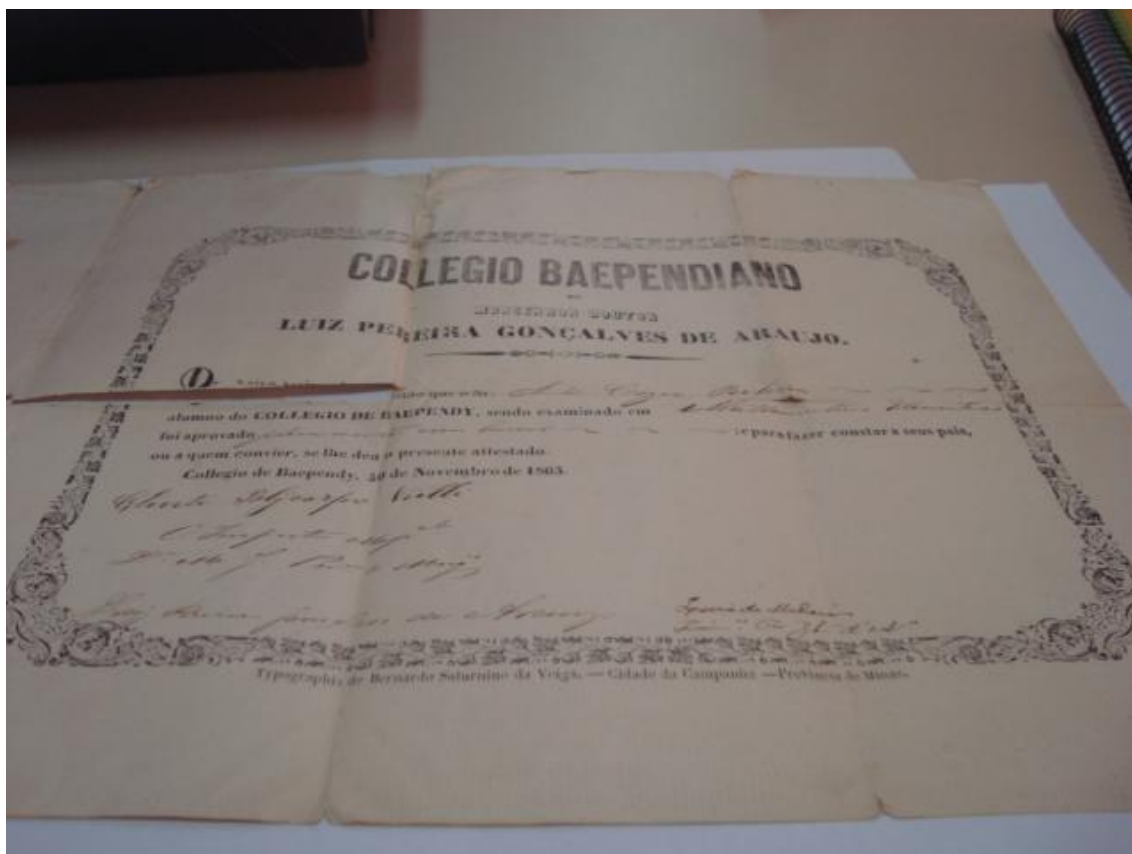


Figura 14 Atestado de Júlio Ribeiro recebido na conclusão da disciplina de matemática elementar. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.



Figura 15 Atestado de Júlio Ribeiro recebido na conclusão da disciplina de francês. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.

Santos, 15 de Abril de 1886
 Belisaria
 Escrevo-te sem amargu-
 ra, mas profundamente
 sentido das ultimas pala-
 bras que te envi. Di-
 sel que eu parece gostar
 mais dos extranhos do que
 da familia; os extranhos
 me tractam com mais
 afabilidade do que os
 meus. Enfim... Conti-
 nuo com febre, e depois
 de amanha pelo trem de
 cedo voltarei para S. Paulo.
 A minha vinda foi utilis-
 sima: si eu não tivesse
 vindo hoje grave desor-
 dre financeiro me aconte-
 ceria. Beijei por mim as
 crianças, e dá muitas

Figura 17 Carta de Júlio Ribeiro a Belisaria. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.

Saudades a todos, com
 especialidade ao Chiqui-
 nho. Si me quiseres
 escrever escreve para S.
 Paulo, Rua do Commer-
 cio n.º 27, que é a ca-
 sa onde está o t. mador.

Atteita Saudades
 e tristezas de
 Tua marido mais

Júlio Ribeiro

Figura 18 Continuação da carta de Júlio Ribeiro a Belisaria. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.



Figura 19 Desenho aleatório de Júlio Ribeiro nos tempos de sua adolescência. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.

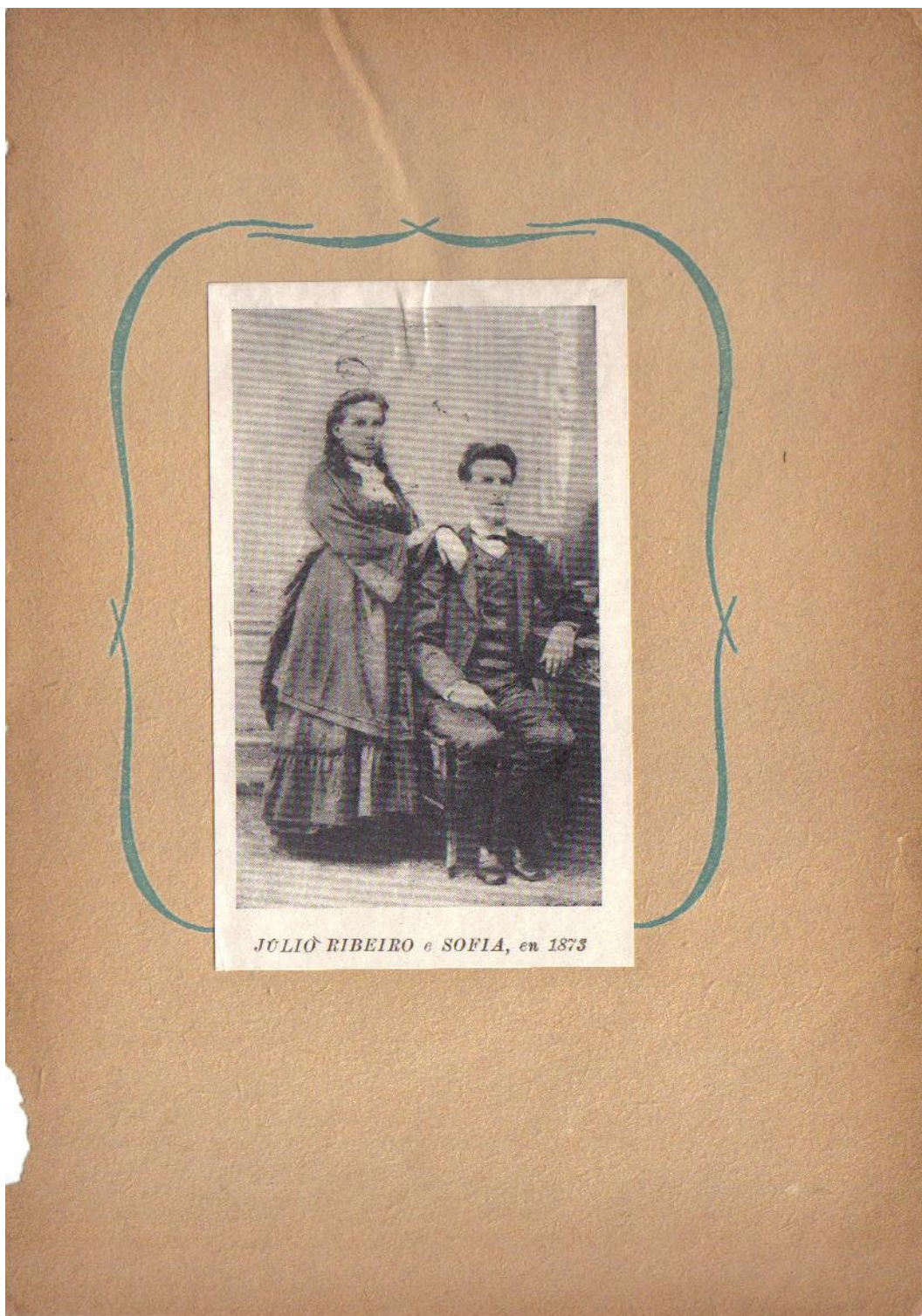


Figura 21 Foto de Júlio Ribeiro e Sophia dois anos após o casamento. Arquivo Júlio Ribeiro. Espaço Cultural do Livro. Lençóis Paulista. SP.



*Ramalho Ortigão, Julio Ribeiro
e Antônio Trajano (de pé), 1886.*

Figura 22 Foto de Júlio Ribeiro com Ramalho Ortigão e com o pastor presbiteriano e seu concunhado Antônio Bandeira Trajano. In J. A. Irmão, *Júlio Ribeiro*, p. 6.



Figura 23 Foto de Júlio Ribeiro na Escola Militar do Exército. In J. A. Irmão, *Júlio Ribeiro*, p. 220.

